

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO  
POLÍTICA.

ROSANA BARROS DOS SANTOS

**Nós Fumo e Encontramo Alguém: resquícos de italianidade no território Brás e Mooca**

São Paulo  
2022

ROSANA BARROS DOS SANTOS

**Nós Fumo e Encontramo Alguém: resquícios de italianidade no território Brás e Mooca**

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do Título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação: Mudança Social e Participação Política.

Área de Concentração:  
Dimensão Socioambiental, Patrimônio e Políticas Territoriais.

Orientador:  
Prof. Dr. Martin Jayo.

São Paulo  
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,  
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)  
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

Santos, Rosana Barros dos

Nós Fumo e Encontramo Alguém: resquícios de italianidade no território Brás e Mooca / Rosana Barros dos Santos; orientador, Martin Jayo. -- São Paulo, 2022.

191 p: il.

Dissertacao (Mestrado em Ciencias) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2022.

Versão corrigida

1. Memória coletiva. 2. Lugares de memória. 3. Memória da Cidade. 4. Identidade cultural. 5. Bairro do Brás. 6. Bairro da Mooca. I. Jayo, Martin, orient. II. Título.

Nome: SANTOS, Rosana Barros dos

Título: **Nós Fumo e Encontramo Alguém: resquícios de italianidade no Território Brás e Mooca**

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Área de Concentração:

Dimensão Socioambiental, Patrimônio e Políticas Territoriais.

Aprovado em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

“A cidade, como a história de vida, é sempre a possibilidade desses trajetos que são nossos percursos, destino, trajetória da alma”.  
(BOSI, 2003, p.206).

## AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, especialmente para meu esposo, mãe e irmã, minha gratidão e amor por acreditar nos meus objetivos, dando apoio, carinho e compreensão em toda a trajetória acadêmica.

Em memória de meus avós e pai que me deixaram o legado da perseverança na educação.

Ao Doutor Professor Martin Jayo, pela inspiração, orientação, confiança, troca, solidariedade. Agradeço imensamente a parceria intelectual, a paciência que foi fundamental para a construção deste trabalho.

As Professoras Dra. Madalena Pedroso Aulicino e Dra. Soraia Ansara, em proporcionar a ampliação da pesquisa, na etapa de Qualificação. Os ensinamentos e “olhares” científicos trazidos pelas experiências, somaram a minha trilha acadêmica e pessoal.

A todos os integrantes que formam o Programa Mudança Social e Participação Política (Docentes, Discentes Colegas, Colaboradores Técnicos e Administrativos, Representantes Discentes) por me possibilitar realizar esta pesquisa de forma construtiva, crítica, colaborativa e inclusiva em todo o percurso científico.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001”.

## RESUMO

SANTOS, Rosana Barros dos. **Nós Fumo e Encontramo Alguém**: Resquícios de italianidade no Território Brás e Mooca. 2022. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022).

O trabalho investiga as referências culturais, relacionado ao patrimônio simbólico e a identidade italiana no território Brás e Mooca. As análises têm o objetivo de evidenciar, a partir dos discursos existentes, desde a imigração europeia (final do sec. XIX e início sec. XX) sobre o fato da grande presença italiana na localidade. Esta investigação, decorre de uma inquietação local, em que os fatos sociais permitem refletir sobre se ainda é possível identificar a italianidade neste território, seja através de portadores de memória, seja pelas marcas, símbolos e resquícios identitários, localizados em edificações simbólicas ou instituídas. Os Bairros, conhecidos como predominantemente italianos no início do século XX, já não se afirmam como tal, em sua totalidade. A grande discussão é fortalecida pela imigração europeia, em boa parte italiana, que findou suas marcas culturais e sociais no período industrial em que os Bairros tiveram grande importância para o crescimento econômico da cidade de São Paulo. Neste sentido, discutir, principalmente sobre a importância do Território na constituição da cidade, desde a participação em abarcar os imigrantes na Hospedaria do Brás (atual Museu da Imigração). Contudo, o trabalho investiga se mesmo com as diversas transformações culturais, sociais e econômicas, ainda seria possível localizar algo sobre a memória- a presença italiana na atualidade. As referências culturais localizadas, são elementos que podem ser caracterizados e ressaltados por vários mecanismos políticos ou coletivamente pelo cotidiano dos sujeitos transeuntes ou fixos, oportunidade esta, que baliza a identidade e o patrimônio cultural imbricados no Brás e Mooca. A investigação tem abordagem qualitativa, utilizando-se de pesquisa bibliográfica, alicerçada pelos principais teóricos sobre memória coletiva, memória das cidades, Patrimônio cultural e Lugares de Memória. Do ponto de vista metodológico e inspirada pela Teoria de Guy Debord (1958), permitiu-se inventariar e percorrer o território através do mapeamento da deriva identificando a presença italiana nos Bairros referência.

Palavras-Chave: Memória coletiva. Lugares de memória. Memória da cidade. Referências culturais. Identidade cultural. Bairro do Brás (SP). Bairro da Mooca (SP).

## ABSTRACT

SANTOS, Rosana Barros dos. 2022. **We Smoke and Meet Someone**: Remnants of Italianness in Brás and Mooca Territory. 2022 Dissertation (Master's in Social Change and Political Participation – School of Arts, Sciences and Humanities of the University of São Paulo, São Paulo, 2022).

The work investigates cultural references, related to symbolic heritage and Italian identity in the Brás and Mooca territory. The analysis aims to highlight, from the existing discourses, since European immigration (late 19th century and early 20th century) on the fact of the great Italian presence in the locality. This investigation stems from a local concern, in which social facts allow us to reflect on whether it is still possible to identify Italianness in this territory, either through memory bearers, or through marks, symbols and traces of identity, located in symbolic or instituted buildings. The Neighborhoods, known as predominantly Italian at the beginning of the 20th century, no longer claim to be as such, in their entirety. The great discussion is strengthened by European immigration, mostly Italian, which ended its cultural and social marks in the industrial period in which the Neighborhoods had great importance for the economic growth of the city of São Paulo. In this sense, it is possible to discuss, mainly about the importance of the Territory in the constitution of the city, from the participation in embracing the immigrants in the Hospedaria do Brás (currently the Immigration Museum). However, the work investigates whether even with the various cultural, social and economic transformations, it would still be possible to locate something about memory - the Italian presence today. The localized cultural references are elements that can be characterized and highlighted by various political mechanisms or collectively by the daily lives of passersby or fixed, an opportunity that marks the identity and cultural heritage imbricated in Brás and Mooca. The investigation has a qualitative approach, using bibliographic research, based on the main theorists on collective memory, memory of cities, cultural heritage and places of memory. From the methodological point of view and inspired by the Theory of Guy Debord (1958), it was allowed to inventory and travel the territory through the mapping of the drift, identifying the Italian presence in the reference neighborhoods

Keywords: Collective memory. Memory places. City memory. Cultural references. Cultural identity. Bairro do Brás (SP). Mooca neighborhood (SP).



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Planta da Cidade de São Paulo 1890 por Jules Martin. ....	16
Figura 2 - Mapa do território (2021). ....	24
Figura 3 - Mapa Psicogeográfico. ....	34
Figura 4 e 5 - Imóvel antigo na Rua Piratininga,228. ....	47
Figura 6 e 7 - Edificação Rua Oiapoque (imagem 1), esquina com a Rangel Pestana, Conjunto de assobradados finalidade mista (imagem 2) ....	48
Figura 8 - Edificação antiga para alugar na Rua Correia Andrade. ....	49
Figura 9 - Vila Vadico. ....	50
Figura 10 - Vila Vadico. ....	50
Figura 11 - Vila Vadico ....	50
Figura 12- Casa do Senhor T, localizado na Rua Sampaio Moreira, 170. ....	52
Figura 13 - Travessa Lameirão - Conjunto de Assobradados. ....	54
Figura 14 - Rua Assunção - conjunto de assobradados (ao fundo Escola Senai) ....	55
Figura 15 e 16- Fachada da Paróquia de São Vito. ....	55
Figura 17 e 18 -Rua Mercúrio e assobradado antigo para vender. ....	56
Figura 19 e 20 - 1ªimagem (imóvel antigo) - 2ª imagem (Rua Pires do Ramos) ....	57
Figura 21 - Assobradado da rua Sobral, 59, esquina com a Rua Caetano Pinto. ....	57
Figura 22 e 23 - Imóvel da Rua Caetano Pinto,249. ....	58
Figura 24 - Identificação do Experimento Piloto. ....	59
Figura 25 - Arte urbana (Brás). ....	63
Figura 26 - Rua Carlos Garcia x Rua Prof. Eurípedes Simões de Paula (Brás). ....	66
Figura 27 - Mercado Municipal de São Paulo. ....	68
Figura 28 - Legenda da Deriva Experimento. ....	68
Figura 29 - Mapa da Deriva Experimento. ....	69
Figura 30 - Edificação antiga na Rua Flora x Rua Campos Sales. ....	71
Figura 31 - Edificação 1898. ....	72
Figura 32 - Mapa Adaptado do Projeto Metrô Leste-Oeste no Brás (1975) ....	73
Figura 33 - Interior da Oficina Sr. Jota (Brás). ....	74
Figura 34 - Interior da Oficina Senhor Jota 2 (Brás). ....	75
Figura 35 - O metrô muda tudo (O Estado de São Paulo,1981) ....	77
Figura 36 - O impacto do metrô para as populações imigrantes. ....	78
Figura 37 - Enchente no Brás - Proximidades da Rua do Gasômetro. ....	79
Figura 38 - Fachada Lateral da entrada da Vila Yayá. ....	81
Figura 39 - Entrada da Vila Yayá. ....	82
Figura 40 - Construção na Rua Piratininga. ....	83
Figura 41 - Viaduto Alcantara Machado. ....	84
Figura 42 - Linha de Trem - Entre as Estações Mooca e Brás. ....	85
Figura 43 - Radial Leste, sentido Bairro. ....	86
Figura 44 - Grafite na Rua do Hipódromo, com referência do Portal da Mooca. ....	87
Figura 45 e 46 - Fachada e Portão de casa geminada, na Rua do Hipódromo. ....	88
Figura 47 - Edificação antiga Fábrica Cotonificio Crespi. ....	89
Figura 48 - Transeuntes na fila do Posto de Saúde (Mooca). ....	90
Figura 49 - Casas da rua Hípias (Mooca). ....	91
Figura 50 - Entrada da Vila, 330 (Mooca). ....	92
Figura 51 - Estacionamento o Roldão Supermercados. ....	93
Figura 52 - Trajeto Deriva. ....	93
Figura 53 - Mapa Deriva. ....	94
Figura 54 - Fachada da Paróquia de Casaluce (Brás). ....	97
Figura 55 - Rua Visconde de Parnaíba, altura 330 (Brás). ....	98

Figura 56 - Bar na Rua Visconde de Parnaíba (Brás).....	98
Figura 57 - Transeuntes na Rua Visconde de Paranaíba (Brás).....	99
Figura 58 - Edificação de cor amarela (Brás).....	100
Figura 59 - Trajeto da Deriva .....	102
Figura 60 - Mapa da Deriva.....	102
Figura 61 - Assobradado na Rua Caetano Pinto, 66-68-70.....	104
Figura 62 - Edificação do Senhor N (Rua Rangel Pestana x Travessa Queiroga, Brás) .....	105
Figura 63 - Templo na Rua Rangel Pestana, Brás.....	106
Figura 64 - Cenas do Cotidiano na Rua Rangel Pestana próximo ao Templo (Brás).....	106
Figura 65 - Bar de esquina - Rua Sobral x Rua Carneiro Leão (Brás).....	107
Figura 66- Percurso Deriva.....	108
Figura 67 - Mapa Deriva.....	108
Figura 68 - Transeuntes nas barracas na Rua Campos na Rua Campos Sales (Brás).....	110
Figura 69 - Esquina da Rua Campos Sales x Rua Caetano Pinto (Brás).....	111
Figura 70 - Casario e Restaurante: Ruas Visconde de Parnaíba x Rua Itapira (Brás).....	113
Figura 71- Passarela (Brás).....	115
Figura 72 - Escola Estadual Gianfrancesco Guarnieri (Mooca).....	117
Figura 73 - Lateral da Escola Firmino de Proença (Mooca).....	118
Figura 74 - Entrada da Travessa Floresta (Mooca).....	119
Figura 75 - Igreja na Rua Dom Bosco (Mooca).....	120
Figura 76 - Fachada do Restaurante “As Bambinas”(Mooca).....	121
Figura 77 - Marca urbana - Grafite (Mooca).....	121
Figura 78 - Conjunto de Sobrados (Mooca).....	122
Figura 79 - Rua Dom Bosco, próximo ao Espaço San Gennaro (Mooca).....	123
Figura 80 - Bar do Patamuté (Fictício) Mooca.....	125
Figura 81 - Cores da Itália - Espaço San Gennaro (Mooca).....	126
Figura 82 - Portal 2 - Espaço San Gennaro (Mooca).....	127
Figura 83- Percurso realizado.....	128
Figura 84 - Mapa ilustrativo da Deriva.....	128
Figura 85 - Rua Coronel Mursa (Brás).....	129
Figura 86 - Lateral da EMEI João Mendonça Falcão.....	130
Figura 87 - Parede do Complexo Brás.....	131
Figura 88 - Estação da CPTM (Brás).....	132
Figura 89 - Praça Ítalo Lázaro Nicodemo (Brás).....	133
Figura 90 - Viaduto Maestro Alberto Marino (Brás).....	134
Figura 91 - Edificação amarelo - Visto do Viaduto (Brás).....	135
Figura 92 - Linha do Trem - Visto do Viaduto (Brás).....	136
Figura 93 - Estação Brás da CPTM Visto por cima Viaduto (Brás).....	137
Figura 94 - Largo de Frente com a Estação de Trem Brás.....	138
Figura 95 - Início da Rua Dr. Almeida Lima (Brás).....	139
Figura 96 - Agência de Turismo e Cargas - Rua Carvalheiro, Brás.....	139
Figura 97 - Agência de Turismo e Cargas -2 (Brás).....	140
Figura 98 - Edificação no Brás.....	141
Figura 99 - Conjunto de Sobrados na Rua Gomes Cardim (Brás).....	141
Figura 100 - Edificação não identificada (Antigo Presídio, Brás) .....	142
Figura 101 - Entrada da Vila Berta.....	143
Figura 102 - Vila Rua Antônio Rolim Júnior x Rua do Hipódromo (Brás).....	144
Figura 103 - Villa Belino Iasi (Yasi), Rua do Hipódromo (Brás).....	144
Figura 104 - Estação Bresser-Mooca.....	145
Figura 105 - Rampa do metrô Bresser-Mooca.....	145
Figura 106 - Entrada do metrô Bresser-Mooca.....	146
Figura 107 - Ilustração do percurso .....	147
Figura 108 - Mapa - Percurso.....	147
Figura 109 - Passarela bloqueada Rua Visconde de Parnaíba (Mooca).....	148
Figura 110 - Rua Visconde de Parnaíba (Sentido Museu da Imigração-Mooca) .....	149

Figura 111 e 112 - Casario 1923 - Rua Almirante Brasil x Rua Visconde de Parnaíba (Mooca).....	150
Figura 113 - Edificação de 1927 - Rua Almirante Brasil (Bresser-Mooca) .....	151
Figura 114 - Museu da Imigração (antiga Hospedaria) .....	151
Figura 115 - Divisão do Território Brás e Mooca.....	152
Figura 116 - Entrada do Museu da Imigração (Bresser-Mooca) .....	153
Figura 117 - Sobrados geminados (Rua Nova Andrade-Mooca) .....	153
Figura 118 - Percurso realizado em 13.mar.2022.....	154
Figura 119 - Legenda-ilustração do percurso - 13.mar.2022.....	155
Figura 120 e 121 - Edificação na Rua Piratininga, 1032(Brás).....	156
Figura 122 - Construção antiga Rua da Mooca x Rua Dona Ana Neri.....	157
Figura 123 - Viaduto Alberto Mesquita do Carmo.....	158
Figura 124 - Vila Palermo -Empreendimento Mooca.....	159
Figura 125 - Grafite "Bem-vindo Mooca Bello" .....	160
Figura 126 - Di Cunto Confeitaria, Mooca.....	161
Figura 127 - Hospedaria Restaurante, Mooca.....	161
Figura 128 - Entrada da Estação Ferroviária (Mooca).....	162
Figura 129 - Galpão Lateral (Mooca).....	163
Figura 130 - Antiga Oficina Casa Vanorden "(Mooca).....	164
Figura 131 - Símbolo da Antiga Fábrica Açúcar União - Atual Condomínios.....	164
Figura 132 - Guarita - Rua João Antônio de Oliveira (Mooca).....	165
Figura 133 - Casa de Tijolinhos - Rua javari (Mooca).....	166
Figura 134 - Clube Atlético Juventus (Mooca).....	167
Figura 135 - Pizzaria São Pedro - Rua Javari (Mooca).....	167
Figura 136 - Feira da Praça Ciro Pontes (Mooca).....	168
Figura 137 - Escola de Samba Mocidade Unida da Mooca.....	169
Figura 138 - Praça Alfredo Di Cunto - Horta das Flores (Mooca).....	170
Figura 139 - Percurso Realizado em 27.mar.2022.....	170
Figura 140 - Mapa do percurso.....	171
Figura 141- Mapa primeira Deriva .....	174
Figura 142 - Mapa segunda Deriva.....	175
Figura 143 - Mapa terceira Deriva.....	176
Figura 144 - Mapa quarta Deriva.....	176
Figura 145 - Mapa quinta Deriva.....	177
Figura 146 - Mapa sexta Deriva.....	178
Figura 147 - Mapa sétima Deriva.....	179
Figura 148 - Mapa oitava Deriva.....	180
Figura 149 - Mapa Síntese das Derivas.....	182

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARQUISP	Arquidiocese de São Paulo
BNH	Banco Nacional de Habitação.
CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo.
CEINFO	Coordenação de Epidemiologia e Informação.
CENSO	Conjunto de Dados Estatísticos dos Habitantes de uma cidade, província, estado e nação.
CPTM	Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
CURA	Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada.
CUT	Central Única dos Trabalhadores
EMEI	Escola Municipal de Educação Infantil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
OBMIGRA	Observatório das Migrações Internacionais do Ministério da Justiça e Segurança do Governo Federal.
PMSP	Prefeitura de São Paulo.
RSJ	Rio de Janeiro, Santos Jundiáí.
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados.
SESC	Serviço Social do Comércio
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
USP	Universidade de São Paulo.
ZEPECS	Zonas Especiais de Preservação Cultural.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
1.1 O que me motiva e o que eu quero responder.....	20
1.2 Objetivos .....	26
1.3 Justificativa.....	27
1.4 Estrutura da Pesquisa.....	30
<b>2 PROPOSTA METODOLÓGICA</b>	<b>32</b>
2.1. A Teoria da Deriva.....	32
2.2 Caderno de Campo.....	35
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>37</b>
3.1. Halbwachs e Memória Coletiva.....	37
3.2 Nora e Lugares de Memória.....	39
3.3 Abreu e Memória das Cidades.....	40
3.4 Patrimônio Cultural .....	42
3.5 Considerações do Capítulo .....	46
<b>4 PESQUISA PILOTO – DERIVA REALIZADA EM 17 DE JANEIRO DE 2021</b>	<b>47</b>
<b>5 TRABALHO DE CAMPO</b>	<b>60</b>
5.1 Procedimentos de Campo.....	60
5.2 Descrição das Derivas.....	61
5.2.1 <i>Primeira Deriva</i> .....	61
5.2.1.1 <i>Caderno de campo 16 de janeiro – Domingo</i> .....	62
5.2.2 <i>Segunda Deriva</i> .....	69
5.2.2.1 <i>Caderno de Campo 20 de janeiro</i> .....	70
5.3 <i>Terceira Deriva</i> .....	94
5.3.1- <i>Caderno de Campo 28 de janeiro</i> .....	96
5.4 <i>Quarta Deriva</i> .....	103
5.4.1 - <i>Caderno de Campo: Brás 30.de janeiro 2022</i> .....	103
5.5. <i>Quinta Deriva</i> .....	109
5.5.1 <i>Caderno de campo da quinta Deriva “Itália ou Bahia?”</i> .....	109
5.6 <i>Sexta Deriva</i> .....	129
5.6.1 <i>Caderno de Campo: 11 de fevereiro 2022</i> .....	129

5.7 Sétima Deriva.....	148
5.7.1 <i>Caderno de Campo: 13de março de 2022</i> .....	148
5.8 Oitava Deriva.....	155
5.8.1 <i>Caderno de campo</i> .....	155
<b>6 ANÁLISES DAS REFERÊNCIAS ENCONTRADAS</b>	<b>172</b>
6.1 Primeira Deriva.....	172
6.2 Segunda Deriva.....	174
6.3 Terceira Deriva.....	175
6.4 Quarta Deriva.....	176
6.5 Quinta Deriva.....	177
6.6 Sexta Deriva.....	178
6.7 Sétima Deriva.....	178
6.8 Oitava Deriva.....	179
6.9 Mapa Síntese das Derivas .....	181
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>183</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>186</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O estudo corresponde aos bairros do Brás e Mooca, que são redutos da forte imigração italiana em São Paulo ocorrida a partir do final do século XIX. Às várzeas do rio Tamanduateí, Brás e Mooca hoje pertencem ao centro expandido da cidade de São Paulo, distantes aproximados 4 (quatro) km do centro histórico. Originalmente, isto é, quando de sua ocupação inicial, esses bairros eram conhecidos como operários, de migrantes nacionais e imigrantes estrangeiros que tiveram relevância para o desenvolvimento da cidade, principalmente na primeira fase da industrialização, entre o fim do século XIX e o começo do XX.

A relação entre os bairros do Brás e Mooca é de um diálogo condicionado, de modo geral, por esta grande imigração europeia do final do século XIX, cuja marca é hoje um importante patrimônio simbólico da região. Este patrimônio tem relevância cultural, imbricada pelas referências locais, inclusive imateriais, relacionadas ao processo histórico. Imigrantes, italianos em sua maioria, chegaram na Hospedaria dos Imigrantes do Brás; atual Museu da Imigração, cuja fundação origina-se em 1887 para abarcar os imigrantes que se destinavam às lavouras de café - e esta grande imigração, teve impacto em todo o estado de São Paulo principalmente na capital, cujo processo industrial neste período foi intenso.

Conforme dados compilados por Miranda (2002) 1,5 milhão de imigrantes italianos chegaram ao Brasil até a década de 1920, e vale ressaltar que no começo do século XX os italianos chegaram a ser 50% da população paulistana. Os italianos em sua maioria se destinavam ao interior paulista e outras regiões do interior do país, mas dentre os que ficaram na capital, muitos napolitanos tenderam a se estabelecer nos bairros do Brás e Mooca, calabreses no Bexiga e os vênets no Bom Retiro, o que resultou em colônias de famílias de operários que oportunizaram em estabelecer sua existência e deixar suas marcas de cultura nestes territórios.

Como ressalta Gonçalves (2019), a maioria dos imigrantes da época foram aproveitados na agricultura, uma forma de produção e trabalho comuns ao que se entende anteceder o processo industrial, responsável pela grande produção cafeeira, que movimentou a economia do país, no final do século XIX. As famílias que restaram dos imigrantes europeus cultivaram, e muitas ainda cultivam, de maneira simbólica, suas raízes histórico-culturais. Em São Paulo, a presença da italianidade está dispersa nos bairros marcados pelas vilas operárias, cortiços e

assobradados que por sua vez, foram caracterizados pelo processo industrial evidente no período entre os séculos XIX e XX (VITORINO, 2008).

Nos estudos de Rodriguez (2006) percebe-se como os bairros do Brás e da Mooca têm proximidades e distinções, desde a consolidação do tecido urbano. Muito das proximidades se dá em virtude das chácaras presentes nesse território, que de certo modo eram uma característica comum a esses Distritos, antes Freguesias de São Paulo (séc. XVIII e XIX) - uma região historicamente desvalorizada por estar próxima as várzeas do Tamanduateí, e, portanto, sujeita a inundações e problemas sanitários. Aliás, o vínculo entre as Freguesias se dava pela Estrada do Brás ou Caminho para a Corte, poucos trajetos existiam nesta época, muito em virtude da baixa perspectiva de expansão da cidade. Este fato, vai se alterar no final do século XIX com a concessão dos terrenos para a construção da Estrada de Ferro, que teve seu início em 1867 - a São Paulo Railway, alargando ainda mais o povoamento dos bairros, que além disso, apenas o entorno da Igreja do Senhor Bom Jesus dos Matosinhos, antes a Capela de José Brás teria alguma referência de povoamento.

O surgimento dos bairros Brás e Mooca abrange variações históricas no processo de construção da cidade e dos bairros enquanto território proximal. Compreende-se que tudo se deve ao fato das transformações sociais, econômicas e políticas desde o período colonial-rural de São Paulo.

No final do século XVIII, o Brás tem sua categoria elevada a Freguesia, a Mooca ainda sem classificação, os bairros rurais compostos de terras de várzea. O português José Braz se estabelece no bairro do Brás em 1730 o que dá início às atividades comerciais, contexto este que estabelece a Rua do Braz, atual Avenida Rangel Pestana, considerada como lugar de origem do bairro do Brás. (RODRIGUEZ, 2006);

O bairro do Brás surge dentro de uma gleba de terras chamada “Várzea do Nicolau”, de propriedade de Francisco Alves Bicudo e Manoel Joaquim do Espírito Santo até pelo menos 1856. [...] A área que posteriormente se desenvolveu o bairro da Mooca, localizava-se no Sítio do Pinheiro, grande gleba de propriedade de Raphael Agenor Paes de Barros, por volta de 1888” (RODRIGUEZ, 2006, p.28).

Neste sentido, a autora faz referência ao surgimento do bairro do Brás, a partir de uma porção de terra que antes já havia sido ocupada pelo português José Brás em 1730 o que não diferencia o desenvolvimento posterior da Mooca em outra porção de terra de propriedade cedida, pelas autoridades da época. (TORRES, 1985).

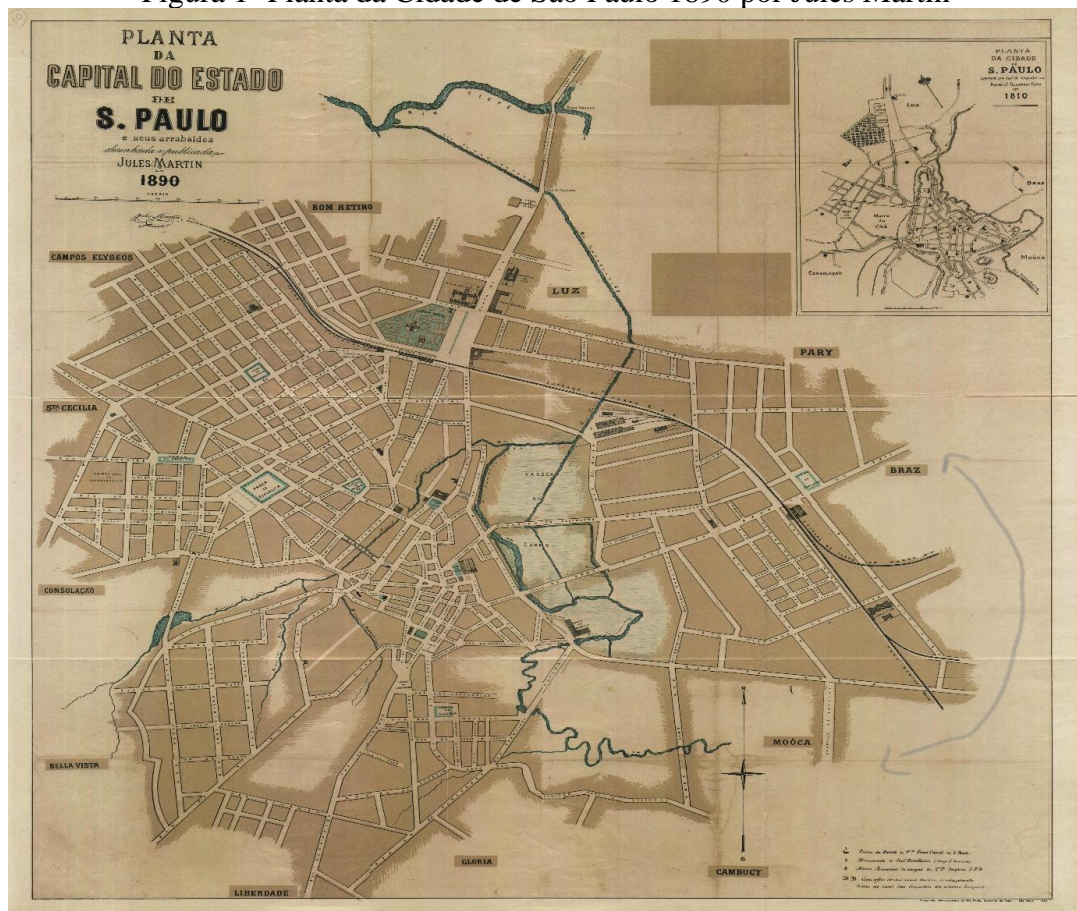
Posteriormente, já no período em referência (séc. XIX e XX), o território, vai se desenvolvendo, conforme explica Rolnik (1997, p.78);



Nas margens do Tamanduaté e Tietê, junto as estações ferroviárias, ao longo das estradas de ferro, desenvolveram-se em face do baixo custo preço dos terrenos e da facilidade de transporte dos produtos, o parque industrial paulistano, constituído principalmente por empresas de pequeno porte e pequenas oficinas” [...]. Brás, Bom Retiro, Mooca, Água Branca, Lapa, Ipiranga foram loteados e cresceram rapidamente, marcados por uma paisagem de fabriquetas, casebres, vilas e cortiços. (ROLNIK, 1997, p.78).

A figura 1 representa a cidade de São Paulo em 1890, mostrando a proximidade dos dois bairros no território, ambos localizados próximo ao extremo leste da mancha urbana daquela época:

Figura 1- Planta da Cidade de São Paulo 1890 por Jules Martin



Fonte: Martin (1890). Acervo ArquiAmigos (2021).

No início do século XX, os bairros do Brás e Mooca são ainda considerados subúrbios rurais, fato este que se altera a partir de meados da década de 1910, devido a melhoramentos que as vias passam a compreender, muito em virtude da grande escoação de café e processo industrial latente.

Em 1920, em São Paulo, o maior grupo de imigrantes era o italiano, seguido pelo português e espanhol. Como destaca Rolnik (1997), nesta época, não se falava em uma comunidade italiana na cidade, mas de uma - cidade italiana. Contudo, a italianidade povoava os pequenos espaços formando assim suas comunidades regionais com uma maior concentração nas áreas do Brás e Mooca, sendo que atualmente nos bairros, certa regionalidade de imigrações pertinentes às regiões da Itália é perceptível.

Em referência ao termo: espaços - recorro a Armand Frémont, no livro: A Região Espaço vivido (1985), principalmente no que concerne aos espaços sociais. O autor dialoga com os vários tipos de espaços e regiões. Sua análise refere-se ao contexto europeu, porém contextualiza-se tal fato, as nuances da intencionalidade, em torno da realidade deste território em estudo.

Para tanto, Frémont (1985) afirma que o espaço social como algo que define um território, um grupo, uma classe numa dada região, que pode ser caracterizada como "social de família, dos operários de uma fábrica, das mulheres de uma aldeia, das pessoas idosas de uma cidade" (FRÉMONT, 1985). O autor se delinea em apresentar características singulares de cada região, seja rural ou urbano. Afirma ainda que o espaço social é uma realidade intensamente vivida e contextualiza diversas questões hierárquicas em torno aos lugares, da família, dos encontros ocasionados nos percursos.

Frémont (1985) fala de redescobrir a região e define região em vários parâmetros. Acredita-se que a região pode ter vários significados quando da sociedade que esteja unida por estruturas ou mesmo regiões que sejam enraizadas como se aquele grupo social pertencesse àquela relação de convívio e lugar. Para tanto, o autor diferencia as regiões quanto a força dos laços sociais e econômicos que formam os hábitos e relações do contexto (FRÉMONT, 1985, p.184).

Assim sendo, compreende-se a região como espaço vivido, algo que é sentido, aprendido, não se reduzindo apenas a racionalidade do âmbito econômico. Frémont (1985) dialoga com as particularidades de se redescobrir a região, e dentre as diversas contribuições faz nos refletir sobre "para escapar das durezas dos espaços presentes, pode ser tentador, com efeito, refugiarmo-nos num espaço do passado" (FRÉMONT, 1985, p.242). É algo pedagógico, afirma o autor, "é preciso reaprender o espaço e a reaprender a aprendê-lo. (FRÉMONT, 1985, p.257). Neste sentido, tornar os vestígios algo complementar e apropriado pela memória coletiva.

Rolnik (1997) apresenta um panorama sobre a quantidade de imigrantes estrangeiros que adentram a cidade: no período de 1908 e 1920, eram mais de 190000 imigrantes subsidiados e distribuídos em fazendas de São Paulo. Os imigrantes pobres que ficaram em São Paulo, se ocupavam de diversos trabalhos em sua maioria informal/autônomo e se dividiam entre o operário, a rua e a vida doméstica. (ROLNIK, 1997).

Rodriguez (2006, p.3) elucida o território dos bairros do Brás e Mooca com uma visão urbanística e consegue evidenciar algumas características que permeiam os bairros:

O bairro do Brás está dividido em três segmentos em virtude das ferrovias da CPTM: a área do Brás onde existe forte comércio de máquinas, couros, plásticos e situa-se a oeste da ferrovia Santos-Jundiaí e ao norte da Radial Leste, limitada pela rua do Gasômetro. Área do Brás onde existe um grande comércio de confecções e produtos alimentícios, localizada entre a Ferrovia Central do Brasil e por fim, a área do Brás localizada entre a Ferrovia Santos-Jundiaí, a Rua Bresser, a Radial Leste e a Ferrovia-Santos Jundiaí, onde o uso residencial é mais presente, e que apresenta forte comércio local e diversificado”. “O bairro da Mooca está dividido em duas distintas partes: a Mooca baixa entre a Avenida do Estado, Radial Leste e Ferrovia-Santos Jundiaí e, o restante da Mooca, ao leste desta ferrovia e ao sul da Radial Leste: A Mooca baixa é visivelmente o trecho menos desenvolvido de todo o distrito da Mooca, composto também por Alto da Mooca e Parque da Mooca. (RODRIGUEZ, 2006, p.3).

Observa-se no território, compreendidos pelos Bairros do Brás e Mooca, embora suas heterogeneidades, os mesmos, tem afinidades históricas e geográficas. Apesar de suas diferenças, a convergência dos bairros pela ferrovia e as principais vias de acesso que ligam o centro ao bairro da cidade de São Paulo são notórias.

Atualmente, o território é administrado pela Subprefeitura da Mooca, e apesar de o Brás estar oficialmente na região central e a Mooca na parte leste da cidade, os bairros são vizinhos e com peculiaridades comuns desde a sua formação.

Nos estudos de Torres (1995), verifica-se discussão mais detalhada, a constituição dos bairros. A autora se alicerça de um acervo documental, a partir dos registros disponíveis em livros, inventários, testamentos, atas e demais documentos que em sua extensão, discorre sobre o Bairro do Brás, desde a sua constituição, o que permite verificar que o Bairro da Mooca surge em suas incursões desde o início, ambos condicionados pelas peculiaridades da imigração italiana no contexto de desenvolvimento cultural, econômico e social naquele período.

Entre um bairro e outro, a linha férrea que liga atualmente o bairro do Brás a região do Rio Grande da Serra, fomenta as contradições que as constantes mudanças emanam no processo de desenvolvimento, parte pelas incorporadoras imobiliárias, outra, pelas remanescentes da

história que são replicadas pelos galpões grandiosos ao longo do seu trajeto e que vem sendo identificado para demais funcionalidades e, contudo, o abandono.

Conforme o Censo IBGE de 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010) a população do Brás apresentava um montante de 29.265 habitantes e a Mooca uma população 75.724 habitantes. Os dados disponíveis do IBGE (FUNDAÇÃO SEADE, 2021) sobre a taxa de crescimento anual da população do Brás e Mooca demonstram que a última década houve um crescimento. No que diz respeito ao período 2010-2021, o bairro do Brás teve um crescimento equivalente 1,19%, totalizando uma população 33.286 e a Mooca no mesmo período um crescimento de 0,57%, população de 80.476 em relação a população de São Paulo. Os dados consideram tendências de fecundidade, mortalidade e migração neste período.

Os dados relacionados ao perfil imigrante no território no século XXI ainda são insuficientes, visto que o CENSO (2020) não gerou informações. Apesar disso, busca-se referências que possam elucidar possíveis mudanças de perfil no território. Para tanto, alguns estudos como o do Relatório Anual do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA, 2020), do Ministério da Justiça e Segurança do Governo Federal (BRASIL, 2019), apontam as principais nacionalidades que imigraram no país até 2018.

Em 2018, dentre as principais nacionalidades, aparece em destaque a população venezuelana (39%), na sequência a população haitiana (14%), terceiro lugar os colombianos (7,7%), quarto lugar os bolivianos (6,8%) e quinto lugar os paraguaios (6,7%). O relatório de 2019 evidencia que no período entre 2012 e 2018, os registros equivalem a 774,2 mil imigrantes considerando todos os amparos legais.

No relatório do OBMIGRA (2020) os dados se alteram, muito em virtude da Pandemia da Covid-19. No ano de 2019, predominaram os fluxos oriundos da América do Sul e Caribe, com destaque para a nacionalidade venezuelana e haitiana. Segundo o relatório, “os maiores números de registros de imigrantes que permanecem por um maior período foram: Venezuela (142 250); Paraguai (97 316); Bolívia (57 765) e Haiti (54 182)”. (OBMIGRA, 2020, p.3.).

Considerando uma prévia atual da mudança de perfil da população brasileira, vislumbra-se entender o que ocorre em São Paulo, principalmente no que se refere o Território em análise.

Neste sentido, a Prefeitura de São Paulo, através do CEINFO (2015) apresenta um esboço de como o perfil da população se altera ao longo dos anos. Segundo Boletim, a mudança de perfil na imigração em São Paulo, tem uma importante alteração também na década de 1980. Na busca de melhores condições de vida e trabalho, os nacionais Bolivianos são alocados em

sua maioria, na produção têxtil e na confecção de roupas em São Paulo. A precariedade nas condições de trabalho desses trabalhadores, originou a Lei ordinária nº 6815 de 19 de agosto de 1980<sup>1</sup> que, segundo o Relatório “define a situação jurídica do imigrante no Brasil” (BRASIL,2022). Assim sendo, o fluxo de imigrantes torna-se mais efetivo. Posteriormente outras populações chegam na cidade como as dos nigerianos e angolanos nas mesmas aspirações.

Já em 2010, após o terremoto no Haiti, o fluxo de imigrantes tem outro aumento, principalmente na cidade de São Paulo.

O CEINFO (2015), traz outras informações indicando que em 2014 “as principais populações de imigrantes e refugiados em São Paulo, são originárias de países africanos e asiáticos, especialmente China e Coréia do Sul, mas também América Latina e do Caribe” (SÃO PAULO, 2015, p.12).

Outro destaque se refere aos nascidos vivos na Subprefeitura da Mooca em 2014. O estudo revela um aumento o número de pessoas nascidas da população boliviana. Entre as mães imigrantes se apresentam: Bolivianas (53,4%), Chinesas (14,7%) e as Paraguaias (4,11%). A maior concentração de nascidos vivos de mães imigrantes é da Subprefeitura da Mooca, administração pertencente ao território Brás e Mooca.

Com notória expressividade cultural e forte contribuição na construção da cidade de São Paulo, tanto o Brás quanto a Mooca constituem-se bairros operários industriais na sua formação, com forte influência da presença de imigrantes italianos, percebido através dos símbolos e ícones tradicionais na formação distrital, mesmo que o território tenha ganhado com o tempo novas feições, novos habitantes e novas identidades que se sobrepuseram parcialmente à italiana e a deslocaram em parte.

A escolha do Brás e da Mooca como objeto de estudo explica-se em sua junção territorial e pelos significados histórico-culturais imbricados, principalmente no que se refere à comunidade italiana na constituição urbana e à vocação funcional congruentes em ambos os bairros, ampliando-se assim as narrativas em torno desta identidade construída.

## **1.1 O que me motiva e o que eu quero responder**

---

<sup>1</sup> Lei Ordinária nº 6815 de 19 de agosto de 1980. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/531045/000854969\\_Estatuto\\_estrangeiro.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/531045/000854969_Estatuto_estrangeiro.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 27.nov.2022.

A maior inquietação da pesquisa versa em entender as perspectivas das pessoas que convivem neste território. E quando menciono território, estou falando tanto do Brás como da Mooca: “meu” território, um segmento do espaço urbano que faz a vida acontecer ao meu redor. Entender as perspectivas das pessoas, neste território, pode responder o quanto as transformações dos bairros no âmbito estrutural alteraram o modo de viver, ou mesmo quais os indícios que ainda sobrevivem desta identidade cultural italiana tão ressaltada nestes bairros.

Em um período de quase duas décadas vivendo neste território, é até obvio que mudanças – como as indicadas pelas estatísticas populacionais comentadas na seção anterior – ocorreram e ainda irão ocorrer, afinal nada é estático. Memórias são como elementos que nos fazem perceber cotidianamente raízes de identidade que por algum motivo já não tem o mesmo espaço, a mesma materialidade, que antes.

Ribeiro (1994) em sua Dissertação “*Italianos no Brás: imagens e memórias (1920-1930)*” discute o período de 1920 e 1930 na qual os imigrantes italianos compartilhavam uma cotidianidade particular, identidade esta, registrada em fotografias que traduziam “os momentos de lazer, os hábitos religiosos, as tradições culinárias, determinadas situações de trabalho, aspectos de moradia e do comércio que caracterizavam a vida dos imigrantes vindos da Itália” (RIBEIRO, 1994, p.4). Assim sendo, através dos referenciais fotográficos (imagens de acervo público e privado) a autora tentou relacionar a história do bairro do Brás, com recurso fotográfico, a fim de reinterpretar a identidade cultural.

O recurso fotográfico, de fato, pode ser um aliado importante no suporte à memória coletiva. Apesar disso, proponho-me neste trabalho a ampliar o repertório, buscando em outros elementos de memória e subjetividade subsídios para discutir as singularidades do território.

Rolnik (1997) destaca a cotidianidade dos imigrantes estrangeiros em meados de 1920 e a diversidade cultural expandida no território. A diversidade cultural, neste período já se findava em estereótipos estrangeiros e sobretudo em profissões que circulavam os arredores:

[..] havia também vendedores de balaios e cestos de vime, os mascates turcos de armarinhos, tintureiros, folheiros, amoladores de facas, empalhadores de cadeiras, pizzaiolos, vendedores de leite, com cabras e vacas puxadas por uma corda; todos passavam pela cidade com seus pregões em línguas híbridas do português e sua língua natal. Não esqueçamos dos artistas contadores de estórias – os cantastorie napolitanos que carregavam uma espécie de estandarte [...]” (ROLNIK, 1997, p.83).

Assim, a proposta do presente trabalho é identificar e discutir os sinais ainda vivos da memória e identidade italiana, presentes na área do Brás e da Mooca, imbricadas em alguns lugares de memória e na cotidianidade do território. Será que estas memórias e identidades

locais foram apagadas, com a inevitável transformação da paisagem física e cultural, própria da dinâmica da cidade? Será que elas ainda estão ali presentes e seguem importantes, servindo de referência para os moradores? Para minha inquietação sim! Acredito ser importante revelar um território em sua essência preservada. E como as pessoas percebem tais mudanças, como é viver em uma localidade que talvez não seja mais reconhecida por suas singularidades e que por um instante pulsou migração e trabalho? Logo, sinto-me na responsabilidade de pensar coletivamente por já estar vivendo neste local há um tempo, talvez pouco tempo, mas o suficiente para entender a dinâmica dos bairros nesta conexão diária entre idas e vindas num arcabouço de contextos e cotidianos e perceber alterações relevantes no âmbito das Vilas, Vieiras, Assobradados, Fábricas, Edifícios e aglomerados na Mooca e no Brás. Enfim: quanto da identidade italiana sobrevive à intensa transformação que esse território sofreu? Essa foi a pergunta inicial.

Ribeiro (1994) dialoga com o início do século XX, e os fatores que influenciaram tais transformações e destaca o contingente de imigrantes instalados nesta região o que permite refletir sobre as condições que levaram as empresas e indústrias de proprietários em sua maioria se instalarem no entorno.

Torres (1985) em seus estudos, já tinha apresentado algumas destas transformações no território, indicando fábricas que se instalaram por demasia em função da chegada dos imigrantes, em sua maioria de origem italiana:

**Fábrica de Móveis**, fundada em 1888, pertencente aos irmãos Rafinetti (rua Piratininga); **Fábrica a vapor de massas alimentícias**, de Romali & Cia, fundada em 1896 (rua do Gasômetro); **Fábrica de massas alimentícias, a vapor**, de Alexandre Razini, fundada em 1897, no Belenzinho. **Fábrica de massas**, de João Christofani, a mais antiga no Estado, fundada em 1878 (rua Monsenhor de Andrade); **Fábrica italiana de Material Antiséptico**, de Giacomo Mattia, fundada em 1900 (Avenida Independência); **Premiada Distilação Italiana a vapor**, de Luiz Trevisan & Irmão, fundada em 1886 (rua Visconde de Parnaíba), no Marco da Meia Légua; **Funilaria Mecânica a vapor**, de Dorico Michele, fundada em 1893 (rua Almirante Wandenkolk); **Fábrica de Construções de Ferro**, de Lenisa & Mirati, fundada em 1895 (rua do Gasômetro), entre outras **Fundição de Ferro e Bronze** de Craig & Martins, fundada em 1895 (rua Monsenhor Andrade); **Fábrica de Carros**, fundada em 1891, dos Rodovalho (rua da Mooca); **Cristalaria Germânia**, fundada em 1890, de Conrado Sorgenicht & Cia (Avenida Intendência), etc.. (TORRES, 1985, p.163).

Contudo, tais transformações, a partir da forte imigração europeia, do deslocamento das famílias ao Brasil, implicou mudanças bruscas, que possivelmente permitiram construir outros hábitos de vida e trabalho. Os imigrantes italianos do Brás e da Mooca, tiveram que se adaptar ou mesmo readaptar os modos de convivência, imprimindo, um diferente cotidiano a uma nova

dinâmica de construção de cidade, em São Paulo. Muito destas mudanças, surgem nas colônias que foram criadas em torno de um projeto de integração cultural que por vezes conflitou com a população nacional o que ocasionou a busca por novos territórios.

Em diversos estudos, as particularidades representadas entre o Sul e o Norte da Itália, enfatizam diferenças entre os italianos, inclusive no que concerne o âmbito político, social, geográfico, econômico e cultural trazidos da Itália. Os vínculos imbricados pelos imigrantes já nas primeiras décadas do século XX, oportuniza refletir sobre as relações e memórias que as tramas cotidianas, pode evidenciar em torno das identidades de um bairro (RIBEIRO, 1994).

Abreu (1998) nos questiona sobre o que está por trás da valorização do passado urbano, e neste sentido verifica-se que não se trata aqui de valorizar o passado, mas de buscar indícios de uma identidade tão alardeada deste espaço e quem sabe, deixar lastro de memória para novas gerações.

Quando eu me refiro ao Brás e Mooca, não que eu queira abarcar todo o conjunto espacial formado por esses dois bairros. Meu foco é o eixo que liga um bairro a outro. É a relação proximal em que os bairros dialogam, e que eu vivencio cotidianamente. Durante a semana num bairro e aos finais de semana no outro, a importância desse eixo é ressaltada pela vida vivida desde a época da Graduação, a partir de 1998.

A relação nesta porção de território envolvendo os bairros Brás e Mooca se delinea a partir da rua Piratininga, no Brás, percurso que por qualquer meio, seja de carro, a pé, pela passarela ou de trem, conecta e reconecta a mim e a tantas outras pessoas aos bairros. Por mais que cada bairro tenha sua estrutura funcional, a Mooca é braço direito do Brás neste território. Talvez quem está na Vila Prudente; Bairro próximo, tenha a mesma aparência, mas de outro lado do território, nas relações de vida, de trabalho e de consumo, conforme mapa representando as delimitações e proximidades (figura 2):





imigrante, pela arquitetura caindo aos pedaços, pelo assobradado com a varanda de uma época não contada, por uma fábrica que não funciona, mas que quando se depara com sua arquitetura, e que por momento, a reflexão fica a cargo de entender sobre quantas famílias suaram a camisa, quantos trabalhadores ajudaram a cidade crescer, quantas histórias se passaram por ali e foram esquecidas, por não ter mais importância. Encanta-me ver a linha do trem diariamente fazendo a cidade pulsar, mas me entristece pensar quantas pessoas ali não conseguiram algo melhor na vida. Sei bem como é, ser a estranha num território, quando apenas passamos por ele. Entristece-me olhar para a Av. Alcantara Machado e constatar desigualdades de traço latente debaixo do viaduto que atravessa os bairros, e que de vez em quando pega fogo. Além disso, têm novos imigrantes não mais italianos, transitando da mesma forma, trabalhando, muitas vezes na informalidade e tentando alcançar um lugar ao sol. São tantos acontecimentos em um percurso que abarcados por resquícios e pela temporalidade da memória, registra-se os melhores momentos.

Para Bosi (2003, p.202) “a vida de uma rua densamente povoada é inesgotavelmente rica, se registrarmos sons e movimentos” e ainda “podemos gravar a trilha sonora de uma rua durante 24 horas”. (BOSI,2003, p.202). Sob esta ótica, vislumbra-se a cidade como num trajeto repleto de memórias.

É nesse sentido que percorrendo o bairro do Brás, na Zona Cerealista, o cheiro de tempero, o povo trabalhando, a arquitetura industrial, a fachada da Gasômetro e tantas histórias que enchem os olhos de emoção, saber que nesta porção do Brás, o trabalho, as pessoas são atrativos importantes nesta mola identitária. Em outro momento, percebe-se que a “Zona Cerealista”, no Brás, já se destacava desde o final do século XIX. Torres (1985) afirma as funções, além do residencial, previstas na paisagem do Bairro no final do séc. XIX, principalmente a partir da inauguração da Estrada de Ferro do Norte, em 1877 e cita:

Muda o aspecto do bairro, particularmente em torno do Largo da Concórdia, e nas ruas de Piratininga e Carneiro Leão. Duas novas funções comerciais e industrial modificam a paisagem do bairro, o que irá acontecer também ao Bom Retiro. Ambos serão ligados ao bairro da Luz, com abertura de ruas marginando o leito da Estrada de Ferro Inglesa e pelo prolongamento de outras, através da várzea, como a da Estação e Episcopal. Haverá até uma alfandega seca entre o Pari e o Brás, em 1895. (TORRES, 1985, p.108).

Na Mooca o que vemos é uma presença de identidade italiana, espanhóis, portugueses, libaneses, e demais nacionalidades. Contudo por muitas vezes, também é perceptível uma certa arrogância social sobrepondo outras nacionalidades. Enquanto estamos na feira, as pessoas têm

um comportamento, enquanto passamos nos restaurantes de fachadas inovadoras, outra realidade se dispõe, não mais das Vilas, dos assobradados, mas o da burguesia que predomina num lado da Mooca; a nova Mooca, a Mooca alta, em que a identidade e a tradição parecem ter-se esmaecido, enquanto a baixa, da Várzea da San Gennaro, tenta situar a realidade de uma italianidade ainda vibrante destes lugares de memória.

Os estudos recentes sobre a memória do bairro da Mooca evidenciam alguns discursos sobre a filiação da identidade italiana e demais aspectos oriundos dos traços de memória, marcas, dos gestos que compõem os recortes do efeito da imigração italiana: questões culturais, linguísticas e identitárias. (LÚPIA; ECKERT-HOFF, 2019). As autoras discutem os efeitos que a imigração constituída com outros sujeitos de novos imigrantes: haitianos, bolivianos, sírios e nacionais contrapõem ou apagam rastros de memória, seja pela língua, pelos dialetos, pelos costumes, reproduzindo um novo cenário.

Nestes percursos, vislumbra-se sociedades diversa em um mesmo território, não que isso seja principal, valorizo a todos(as) inclusive os que tem melhores condições, mas não tem como passar despercebido quando se percorre os dois lados deste território. No bairro do Brás, ainda é pouco evidente o retrato da desigualdade social, mas não por muito tempo. Os aglomerados de alto padrão já estão surgindo e isso implica em novas narrativas. As expressões simbólicas de Vilas, Vielas e cantorias de Bairros tende a ser suprimida pela transformação econômica, transformação esta, que não mais se possa encontrar resquícios de uma tradição coletiva que poderia ser ressignificada como nos galpões que se readaptam em projetos funcionais como nos casos de restaurantes, condomínios residenciais e áreas de lazer.

Assim sendo, permite-se ampliar os significados acerca das referências culturais a partir da pergunta que se buscava neste estudo e entender os fatos sociais existentes e mapeados através da abordagem metodológica pelas Derivas afirmando, contudo, ainda a presença de italianos neste território.

## **1.2 Objetivo**

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em mapear marcas, símbolos e/ou lugares de memória originadas da imigração italiana, constituída nos bairros Brás e Mooca entre o final do século XIX e início do XX, identificando resquícios ou subsídios que poderiam assegurar que tais bairros ainda se mantinham caracterização como bairros italianos. Neste sentido, pretendíamos identificar no território marcas culturais e lugares de memória, físicos ou

simbólicos (referências culturais) que indicassem essa caracterização apesar das transformações urbanas que afetam o território e averiguar se houve um apagamento ou perda da identidade italiana.

### **1.3 Justificativa**

O território delimitado entre os bairros Brás e Mooca refere-se a redutos de uma grande imigração italiana que juntamente com outros imigrantes ajudaram a formar a cidade de São Paulo. O fato de os Bairros estarem associados a uma forte presença de italianos, origina-se do grande desembarque de imigrantes na Hospedaria do Brás no final do século XIX (TORRES, 1985) e da importância que esses imigrantes adquiriram na composição demográfica do estado e da cidade de São Paulo. Os dois bairros têm ainda uma ligação territorial que pode possibilitar um maior engajamento nesta investigação, principalmente no que se refere a entender a perda das características de um território não tão mais percebido como italiano.

Torres (1985) confirma impressões do Bairro do Brás, sobre a perda da identidade italiana (sec. XX) e dialoga: “quem visita o Brás de hoje não tem a impressão de um bairro, mas de uma cidade autônoma, autossuficiente”, e ainda “tendo desaparecido o “bairro dos italianos”, nele ficaram ainda suas tradições”. (TORRES, 1985, p.225).

Os bairros Brás e Mooca, ao leste da cidade de São Paulo, têm grande contribuição social e econômica, muito em virtude da força do trabalho presente antes mesmo da grande imigração de estrangeiros no Brasil (TORRES, 1985). Neste sentido, examina-se estudos que possam revelar indícios de que tais transformações e, contudo, mudanças que tendenciam a destruir os rastros de memória. Estes rastros originam-se pelas mobilidades e funções que o território vai diversificando com o passar do tempo.

Nas últimas quatro décadas as pesquisas bibliográficas em torno da memória nos Bairros Brás e Mooca perpassam por diversas frentes no que se refere a atender as necessidades de preservação dos acervos da memória urbana.

Em ambos os bairros, os subsídios para preservação e as discussões em torno do Patrimônio histórico da cidade de São Paulo, do processo industrial, das memórias arquitetônicas, dos trabalhadores operários e demais outros vestígios sobre espaços de lazer são inerentes a sociabilização das pessoas no cotidiano urbano.

Percebe-se que parte dos equipamentos de lazer no início do século XX até meados da década de 60 (Séc. XX) originam-se, por exemplo, das salas de cinemas, uma forte referência

cultural, espalhados pelo território no século passado, como discutido no artigo: “As antigas salas de cinema nos bairros do Brás e Mooca: arquiteturas e espaços de sociabilidade” (ASSIS; RUFINONI, 2015). As autoras mapeiam os espaços de sociabilidade e as conexões urbanas derivadas na paisagem urbana e de memórias em transformação. E assim, como caráter simbólico, estes equipamentos de lazer no início do (séc. XX) atribuiu de certa forma, vínculos na cotidianidade. Apesar de as características regionais dos antigos bairros industriais serem congruentes, os cinemas no território Brás e Mooca, distinguem seus frequentadores da época.

Nos estudos de Assis e Rufinoni (2015) as particularidades do cinema em cada bairro são particularidades de cada bairro. No Brás, as salas Cine Avenida (1911), Cine Apolo (1905) do início do século XX mobilizavam a cidade trazendo outros olhares, enquanto na Mooca, as salas de cinema Cine Moderno (1916), Cine Icarai (1944) Cine Imperial (1948) Cine Safira (1959), os equipamentos da Mooca tinham como característica os próprios moradores do bairro como frequentadores.

Com relação ao suporte da memória coletiva, os cinemas surgem em grande maioria, principalmente em meados de 1900 a 1930 no Brás e na Mooca com maior significação para a burguesia da época, entre as décadas de 1940 e 1960, muito em virtude da expansão industrial no período.

Um dos pontos relevantes dos estudos de Assis e Rufinoni (2015) referem-se à cotidianidade. Esta cotidianidade é dialogada acerca dos bairros, por estarem estrategicamente localizados, na proximidade do centro da cidade eram grande motivador para definir o lugar social em que o público buscava o entretenimento. A sociabilidade neste sentido, surgiam como refúgio da labuta operária aos imigrantes que aqui estiveram.

Conforme Assis e Rufinoni (2015) as salas de cinema e teatro foram espaços de sociabilidade da época e que dentre os resquícios arquitetônicos no território, é possível “ouvir” relatos de pessoas que lembram destes espaços e constatar-se o abandono da memória da cidade como suporte aos habitantes da atualidade, como bem reforçado nestes estudos.

Para tanto, entende-se como relevante a memória do território, fundamentalmente por raízes de memória e transformações evidentes no âmbito político e social, em decorrência sobretudo, por processos que se findaram desde a construção da cidade de São Paulo.

A influência dos imigrantes italianos são fenômenos que modificaram o cotidiano dos brasileiros e que através da sua cultura deixaram marcas e expressões que faz parte da memória coletiva de São Paulo, não apenas na:

[...] “sensibilidade musical”, mas nos costumes, na culinária, no linguajar e no vocabulário cotidiano de expressões italianas, como o próprio sotaque revela as diferenças flagrantes entre a maneira de se expressar do paulistano nos bairros tipicamente residenciais da zona alta, habitados por uma sociedade mais refinada, ou antes, mais paulista” (...) (TORRES, 1985, p.119).

Numa perspectiva de também discutir a importância do patrimônio cultural do território, recorreremos aos estudos encaminhados por Ruffinoni (2016) que esboça evidências de particularidades edificadas, históricas, estéticas e socioculturais do território. Assim, de certo modo, discute-se do quanto dos conjuntos edificados; simbólicos - retratados pelas moradias modestas, as edificações fabris, ainda revelam uma particularidade histórica social, que, portanto, privilegia-se neste caso, os vínculos sociais, que mesmo materializado por símbolos, marcas, vestígios, possam estar vivos na memória dos sujeitos vivenciados no dinamismo da cidade. As referências culturais trazidas por Ruffinoni (2016) constata que a proteção por parte dos instrumentos jurídicos pautados no Plano Diretor (2002 e 2014) e as Zonas Especiais de Preservação Cultural (ZEPECS), previstas no Plano Diretor (2014) analisados por ela, configuram instrumentos de demarcação e proteção de bens culturais em São Paulo, porém não conseguem dar conta, de todo o acervo simbólico material e imaterial do território.

Para a autora, a grande dificuldade pautada no âmbito da prática do inventário cultural, fica a cargo de “como depurar essas necessidades e prerrogativas num método capaz de abarcar tantas especificidades, num procedimento que ultrapasse as limitações dos inventários tradicionais” (RUFFINONI, 2016, p.223) e ainda;

Como poderíamos inserir, na investigação do patrimônio urbano, aspectos relacionados a caracterização sociocultural e à vida das ruas, ou seja, àquela “dimensão menos palpável da vida urbana e da cultura que está na construção de identidades espaciais distintas” (CASTRIOTA, 2007 apud RUFFINONI, 2016, p.223).

Contudo, os bairros têm grande influência industrial e, portanto, uma responsabilidade social e cultural imbricada desde o final do século XVIII e início do século XIX época das Freguesias (TORRES, 1985). Entende-se que, após a inauguração das vias férreas, a transição econômica supriu a relevância social e cultural e que apesar da grande influência de estrangeiros, a região “Além da Várzea do Rio Tamandateí”, no final do século XIX passou a ser vista como potencial produtivo para a cidade de São Paulo, principalmente por estar estrategicamente atrelada a ferrovia e ao centro da cidade (RUFFINONI, 2016). Neste caso, as

demandas sociais e culturais passam a ser de certo modo refugiadas, nesta lógica, até meados de 1930, quando a crise começa a assolar a economia destes bairros até então, operários.

Para Vargas (2019) “diferentemente da São Paulo colonial, a nova São Paulo” do final do século XIX e início do século XX que abarcava os Bairros centrais se especializavam em funções comerciais, “destinados a camadas médias e baixas” e tal fato incluía os bairros do Brás e Mooca que tinham como destinação à instalação de fábricas e vilas para os trabalhadores”. (VARGAS, 2019, p.34).

Neste sentido, a pesquisa discorre sobre a grande presença de italianos neste território que de certa forma é ressaltada, mas que ao longo dos anos vem perdendo notoriedade, muito em virtude das mudanças sociais, da passagem das gerações, da imigração de outros grupos culturais, justificadas também pelo crescimento da cidade.

Assim sendo, para responder ao objetivo, mergulha-se no território, de forma a investigar elementos que possam revelar a identidade construída ao longo dos anos, coordenada pela grande influência da cultura italiana em São Paulo, primordialmente nos bairros do Brás e Mooca. Ainda que tenha se esmaecido, essa identidade ainda habita no território em seu cotidiano? Onde estão as referências italianas que habitam neste território? Essa foi a pergunta guiada durante o processo de investigação. De antemão, acredita-se que sim. Os estudos e os mapeamentos preliminares, confirmam as hipóteses.

Portanto, pesquisar a memória coletiva, a partir das referências culturais e sociais de influência italiana, neste escopo de território, consiste em responder a presença italiana nos Bairros do Brás e da Mooca e sua importância no processo produtivo no século passado.

#### **1.4 Estrutura da pesquisa**

Além da Introdução e das Considerações finais, este trabalho organiza-se em mais cinco capítulos.

No segundo capítulo é apresentada a proposta metodológica, a qual consiste na utilização da “Teoria da Deriva” (DEBORD, 1958), como procedimento metodológico, para exploração do território e coleta de evidências que ajudem a responder ao objetivo.

No terceiro capítulo apresenta-se o referencial teórico embasam a pesquisa, de forma a fundamentar as análises.

O quarto capítulo apresenta os resultados obtidos no processo de pesquisa Piloto, a fim de justificar a metodologia empregada.

O quinto capítulo apresenta o trabalho de campo realizado entre os meses de janeiro de 2022 à março de 2022.

O sexto capítulo analisa as referências culturais encontradas no território, Bairros do Brás e Mooca.



## 2 PROPOSTA METODOLÓGICA

A abordagem metodológica tem a perspectiva de evidenciar os traços, marcas que possam existir no território Brás e Mooca. A ideia da Deriva, introduzida pelo pensador francês Guy Debord (1958), perpassa por compreender que em virtude dos bairros se entrelaçarem ao seu aspecto geográfico e histórico, as rotas sem demarcação prévia permitem criar conexões que sejam pertinentes à compreensão do território e de suas singularidades.

O método da Deriva perpassa em identificar o patrimônio construído, simbólico ou pertencido (material ou imaterial) relacionado à identidade italiana, e ainda, identificar resquícios da cultura italiana a fim de produzir uma teia de identidade, a qual as transformações podem ter contribuído para distanciar.

Assim sendo, do ponto de vista metodológico, a pesquisa se baseia em três recursos. O primeiro consistiu em uma exploração do território utilizando-se da proposta de "deriva" do Guy Debord (1958), isto é, um passeio sem um roteiro prévio. Essa exploração permite formar uma teia/cartografia de pontos de interesse. Até mesmo a delimitação do território é resultado da deriva.

O segundo recurso, foi a realização de entrevistas abertas, conforme os percursos foram sendo afetados pelos sujeitos disponíveis no território. As entrevistas semiestruturadas indicadas no Projeto não foi utilizada por conta da forma como a metodologia se organizou.

Por fim, o terceiro recurso, a utilização de um caderno de campo (caderno de registros). Tais recursos são discutidos a seguir, e sua utilização preliminar, até o momento atual da pesquisa, é ilustrada no capítulo 4 (Pesquisa piloto).

### 2.1 A Teoria da Deriva

Proposto pelo pensador francês Guy Debord (1958)<sup>2</sup>, o conceito de “deriva” é adotado neste trabalho para nos ajudar a delimitar e conhecer o território de interesse e responder as questões do objeto de pesquisa. A deriva é um método de reconhecimento do espaço a partir de um percurso nele experimentado, que oportuniza refletir as complexidades de todo o território em análise.

---

<sup>2</sup> Guy Ernest Debord (1931-1994) Foi um teórico francês, marxista, filósofo, cineasta e fundador da Internacional Situacionista. A Teoria da Deriva é autoria de Guy Debord, criada em 1958 e publicada como esboço na Revista Internacional situacionista. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/guy\\_debord/](https://www.ebiografia.com/guy_debord/). Acesso em 27.nov.2022.

A deriva, conforme Debord (1958), se opõe às noções de viagem ou de passeio, dado que ela não tem um roteiro e uma lógica preestabelecidos. Na deriva, o indivíduo renuncia a esses elementos e simplesmente deixa-se levar pelos encontros e solicitações do terreno, que definem um percurso de natureza psicogeográficas. Para o autor, a superação de cada evento, encontro ou desafios colocados durante a deriva pode determinar o rumo e as condições de deriva, o que nos permite avistar novas possibilidades.

Conforme Besse (2013) o “ato de caminhar”, “como uma maneira de habitar o mundo, de estar no espaço e nele construir uma especialização específica, pois o espaço não é concebido nem praticado a priori, mas de forma pelos movimentos” (apud CHAPARIM e OLIVEIRA 2019, p.62). O ato de caminhar se aproxima de um movimento sensível, possível de perceber, vislumbrar e permitir sermos afetados pelo campo, e ainda estar flexível às dinâmicas imprevisíveis, ao invés de se ater a distantes problematizações (MAGNANI, 2016). De tal modo, exercer a deriva possibilita encantar-se pelas singularidades não planejadas, nas descobertas, a superar a fragmentação e dialogar com o conjunto de acontecimentos.

Os estudos apontam a deriva como sendo originário do pensamento urbano dos situacionistas, principalmente nas décadas de 1950 e 1960, cujo objetivo era exercer uma atividade lúdica e coletiva, utilizando-se do ato de caminhar como forma de reconhecer o espaço urbano. (BARROS, 2019).

Os situacionistas “jovens franceses urbanistas” foram integrantes da Internacional Situacionista – IS, um movimento internacional de cunho político e artístico que foi criado a partir de um manifesto em 1960. Guy Debord (1960) era o líder e entusiasta no questionamento urbano e na crítica as produções culturais no modo consumo em excesso. De acordo com Gonçalves (2019, p.101 apud, JACQUES, 2003, p.203) a partir disso, a psicogeografia surge como “estudo dos efeitos do meio geográfico, conscientemente planejado ou não, que agem diretamente sobre o comportamento afetivo dos indivíduos” (GONÇALVES, 2019, p.101, apud JACQUES, 2003, p.203).

A partir dos trajetos realizados a metodologia permite a construção de reflexões acerca dos traços e dos desvios realizados.

Figura 3 – Mapa Psicogeográfico



Fonte: Vitruvius, 2022<sup>3</sup>, Guy Debord, The Naked City (1957).

Segundo Careri (2013), a *derive* é uma operação construída, que aceita o destino, mas não se funda nele: estabelece antecipadamente com base em cartografias psicogeográficas, as direções de penetração da unidade ambiental a ser analisada, bem como a extensão do espaço de exploração”. (apud BARROS, 2019, p.10).

A Teoria da Deriva de Debord, propõe uma incursão ao território de forma livre, despretensiosa, sem um roteiro pré-definido, podendo-se empregar outros recursos etnográficos, com a finalidade de subsidiar a composição da rede de significados (mapas, fotografias, anotações etc.). Tais recursos podem contribuir com a formação das conexões a serem compreendidas na conclusão dos objetivos.

Segundo Debord (1958) a deriva tem duração média de uma jornada entre dois períodos de sono, sem interrupção. O período de sono proposto por Debord (1958) refere-se a um percurso direto, de vinte e quatro horas ou mais, no entanto, a pesquisa em curso, sugere utilizá-la de forma mais delimitada, visto que outros recursos estão sendo utilizados para fundamentar o campo de exploração a ser contemplado na conclusão da pesquisa.

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.176/5458>. Acesso em: 27.nov.2022.

De todo modo, a característica básica da deriva, proposta por Debord (1958) está mantida: uma experiência ou observação experimentada no campo remete a outra, num percurso construído ao caminhar, sem um roteiro prévio ou dinâmica preestabelecida, a fim de interligar os pontos de convergência ou ambiência que o recurso propõe e por fim, aprofundar as referências identificadas no âmbito dos percursos e estabelecer as relações entre os significados apontados.

## **2.2 Caderno de Campo.**

Como um dos principais recursos, optou-se por trabalhar com Caderno de Campo, a fim de registrar as experiências, impressões e achados propiciados pela deriva. De um lado ele serve para registrar observações em torno dos bairros e evidenciar indícios da memória italiana. De outro, sinalizam-se os pontos a serem conectados e segue-se a deriva de campo. Na sequência, utiliza-se de uma redação naturalmente expandido com o desenvolvimento da pesquisa de campo. Assim, o caderno de campo, é um dos itens que compõem o capítulo metodológico.

No decorrer das leituras, em 08 de janeiro de 2021 tive contato com o Livro “Nem tudo era italiano”, de Casé Angatú (SANTOS, 2017) e alguns tópicos apresentados na crítica do autor não estavam tão evidenciados para mim. O autor fala sobre a presença de outros atores sociais na Paulicéia do fim do século XIX e começo do século XX, contextualizando a importância das diferentes formas de vida e trabalho. Algumas características em torno da região da Várzea do Carmo são contempladas no livro, além da forte influência dos imigrantes e do poder público neste período. O que estava por trás deste progresso? E a população não imigrante, onde estava? Como perceber contradições neste território? Tantos outros questionamentos trazem à tona elementos de imersão nas jornadas teóricas. Acredita-se que mergulhar em uma deriva é ser livre para identificar singularidades (DEBORD, 1958), no entanto enxergar as singularidades com lente de aumento, pode contribuir para não cair na armadilha das distorções impostas na realidade, muitas vezes silenciada.

A fim de apurar novos contextos, optou-se pela proposta metodológica inicial e no dia 17 de janeiro 2021, às 16h45, seguiu-se para o percurso, apostando interligar os pontos observados teoricamente, como das leituras de Ricupero (1993) quando falava sobre a imigração e suas memórias no Brás, e ainda problematizar outros tópicos, encontrados na leitura de Casé (2017).

Ao que tudo indica, outras literaturas e contextos surgirão neste percurso, como recentemente num mergulho teórico, citações em torno dos equipamentos culturais; os cinemas e teatros do Brás, algo peculiar, quando se trata do início do século XX. Contudo, construções como a do cine Mafalda (1912), o Brás Polytheama (1917) e o Teatro Oberdan - atual Lojas Zêlo, edificação tombada e construída por imigrantes italianos, mas local de tragédia em 1938, com 31 mortos (SÃO PAULO ANTIGA, 2020). Portanto, verifica-se algo significativo em torno do Bairro em diversos aspectos, inclusive quanto aos agentes sociais daquela época, que podem descortinar indícios de famílias italianas previstas nas relações sociais, de lazer, naquele momento. Tais memórias até poderão ser elucidadas, desde que a deriva nos leve mais uma vez para este percurso.

Com tantas imersões teóricas sobre o território e com a necessidade de identificar novos indícios da memória italiana, uma tentativa de deriva foi pensada. O dia escolhido foi um domingo que de maneira despretensiosa foi realizada. Quando referimos ao despretensioso, acredita-se numa imersão sem agendamentos, sem rotas pré-definidas. O percurso se desenvolve conforme a sensibilidade do lugar.

Acredita-se que a Deriva permite coletar dados de forma a produzir novos conhecimentos e que até que se alcance tais objetivos, outras derivas poderão ocorrer, ainda que toda a saturação do objeto seja contemplada (DEBORD, 1958).

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo tem a função de relacionar os conceitos que vão me ajudar a exploração de campo. A ideia é mergulhar no território munida de um conjunto de conceitos, moldando o olhar sobre elementos de patrimônio cultural (material e imaterial), manifestações da identidade italiana, lugares de memória associados à industrialização do séc. XIX e XX, e demais achados da exploração do território.

Para isso, o capítulo faz uma revisão parcial dos seguintes autores; Maurice Halbwachs (Memória Coletiva,1990), Pierre Nora (Lugares de Memória,1993), Maurício de Almeida Abreu (Memória da Cidade,1998), Françoise Choay (Patrimônio,2008).

É usando a discussão desses autores como lente, que a pesquisa se debruçará no território escolhido: Brás e Mooca, criando-se uma lente que identifique indícios da italianidade, explicitando elementos que, em virtude das transformações sociais, possam estar ocultas à primeira vista, desapercibidas às circunstâncias impostas pelo tempo ou ao contexto coletivo.

#### 3.1 Halbwachs e a Memória Coletiva

Maurice Halbwachs (1990) é o primeiro autor que escolhemos para nos ajudar a elucidar os elementos de memória presentes no território explorado, e os fatos sociais inerentes aos bairros Brás e Mooca. Dito de forma simples, o autor teoriza que todas as nossas lembranças se constituem de forma coletiva. Não estamos sós na experiência da vida, e as percepções individuais são aprimoradas a partir do coletivo – seja esse coletivo a família, o grupo de pertencimento, ou outro grupo de indivíduos do qual fazemos parte.

Dessa forma, ao dizer que toda memória é coletiva, Halbwachs (1990) desafiou outras definições, mais comum de memória – aquela que enfatiza aspectos de armazenamento, conservação e recuperação de informações, ideias, imagens. Nesse sentido, memória é a capacidade de recuperar informações passadas lembranças e até arquivos de computador. No entanto, para além destas categorias identifica-se em Halbwachs (1990) que elucida a memória como experiência social, a apropriação e a significação do passado em torno das relações nela vivenciadas.

O conceito de Memória se aproxima da ideia de um “quadro social” que a condiciona ou influencia, referência esta introduzida pelo autor originalmente em 1925 e recuperada em

sua obra *A Memória Coletiva* (1990). Para Halbwachs (1990) nossas lembranças são um acontecimento social. Lembramos por nós e para nós, mas também com participação dos outros, de forma que as nossas memórias vão se constituindo não só do que lembramos individualmente, mas também de lembranças que incorporamos como nossas, mas são trazidas pela coletividade, pelo grupo.

Ainda segundo Halbwachs (1990) “tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. É porque, concordam no essencial, apesar de algumas divergências, que podemos reconstruir um conjunto de lembranças de modo a reconhecê-lo” (HALBWACHS, 1990, p.25). Nossas lembranças também coletivas na medida em que “são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos”. (HALBWACHS, 1990, 26). Assim sendo, o caráter coletivo memória é enfatizado pelo autor de maneira significativa.

A tese é reforçada pelo autor de diferentes maneiras, por exemplo quando cita as lembranças do adulto a respeito dos acontecimentos da infância muitos deles não propriamente lembrados, mas incorporados à nossa memória através de depoimentos dos demais formas de contribuição. O mesmo ocorre com acontecimentos não diretamente vividos pelo indivíduo, mesmo assim lembrados, incorporados que são pelo grupo à sua memória. Neste sentido, o autor sinaliza o reflexo das lembranças;

[...] num ou outro caso, se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar estas substâncias, é que nossa memória não é uma ‘tábula rasa’ e que nos sentimos capazes, por nossas forças e ainda perceber, como um espelho turvo, alguns traços, alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveria a imagem do passado’. (HALBWACHS, 1950, p.28).

A partir deste entendimento, permite-se pensar sobre nossas lembranças individuais como algo incompleto, mas pessoal, que a partir de um coletivo, identifica-se e complementa-se com o todo. Para isso, o autor discute o que seria memória individual e a relação dela com o contexto no tempo e espaço. A memória individual só existe como um elemento da memória social ou coletiva.

Para Halbwachs (1990) a memória individual está gradualmente atrelada à coletiva. A memória ultrapassa as perspectivas oriundas da história e destaca ainda, que a memória “é uma corrente de pensamento contínuo, que está vivo ou que se possa viver na consciência de quem as mantém” (HALBWACHS, 1990, p.81).

Assim sendo, presume-se que memória não é apenas um arquivo, ou acervo, mas um conjunto de fatores que são oportunos, a partir de um coletivo, de pessoas que se identificam no presente, através dos significados produzidos em comum.

Halbwachs (1990) discute a memória em algumas direções. De um lado, como visto, a memória enquanto fenômeno social; de outro modo, a memória relacionando tempo e espaço. O espaço importa, já que normalmente os fatos e experiências lembrados são espacialmente localizados, isto é, imbricados ou ambientados em um dado lugar.

Isto nos leva ao autor seguinte do nosso referencial teórico, Pierre Nora.

### 3.2 Nora e os Lugares de Memória

**O interesse pelos lugares onde se ancora, se condensa e se exprime o capital esgotado de nossa memória coletiva ressalta dessa sensibilidade. História, profundidade de uma época arrancada de sua profundidade, romance verdadeiro de uma época sem romance verdadeiro. Memória, promovida ao centro da história: é o luto manifesto da literatura. (NORA, 1993, p. 28).**

Estudos de Nora (1993) indicam “a memória como um fenômeno sempre atual, um elo vivido, no eterno presente; a história, uma representação do passado”. (NORA, 1993, p.9). Por meio do conceito de lugar de memória, o autor enfatiza a relação entre memória coletiva e espaço, já antecipado em Halbwachs (1990).

Para Nora (1993), as coletividades criam locais de memória, isto é, marcos espaciais que nos ajudam a lembrar, pois os meios de memória de que os indivíduos e grupos dispõem - como o relato oral, o testemunho passado de geração para geração - são pouco duradouros. Assim, para que as memórias sobrevivam ao grupo, é preciso dar-lhes ancoragem em um suporte mais perene: o local de memória. Neste sentido ele cita: “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhes consagrar lugares” (NORA, 1993, p.8).

Cria-se assim uma discussão em torno dos meios de sobrevivência e perpetuação de determinadas memórias, e sobre o que determinados lugares ou estruturas espaciais podem significar em termos de rememoração.

Nora (1993) apresenta a memória, enfim, como sendo um fenômeno atual em que os rastros físicos, os indícios, as marcas do passado no espaço, estão unidos ao tempo, ajudando a fixar determinadas lembranças ou versões do passado na memória da coletividade.

Nesta concepção, “os lugares de memória são antes de tudo, restos” (NORA, 1993, p.12). Segundo Nora (1993, p.12) restos, a partir dos quais recompomos o passado na memória



coletiva, e que, portanto, nos ajudam a mantê-lo vivo: um monumento, um museu, uma edificação, qualquer ponto do espaço carregado de valor simbólico relacionado a um passado que se quer relembrar, pode constituir-se enquanto lugar de memória, funcionando como pontos de ancoragem com o passado.

É em função disso, do papel dos lugares de memória na preservação do passado, que Nora (1993) afirma que existe uma certa “obsessão pelo arquivo, que marca o contemporâneo e que afeta ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado”. Tendemos a acreditar que enquanto houver vestígios preserva-se a memória. O autor fundamenta, no entanto, que essa relação não é automática. Lugares de memória só cumprem sua função se os significados do tempo se fizerem presentes neles com contorno de significação simbólica e legítima. “Lugares de memória são aqueles que escapam da história” (NORA, 1993, p.22).

Esta característica tem premissa aos lugares como “puros” exatamente como eles são, sem intenção de se referir a realidade, mas “fechado sobre si mesmo” e extensivo a significações” (NORA, 1993, p.27).

A relação que o autor faz aos lugares de memória, qualifica a história como um discurso ao que se pretende vencer o esquecimento. A memória enquanto experiência, dialoga com as propriedades material, simbólica e funcional - uma ideia de pedagogia ao exercício de preservação da identidade. (NORA, 1993). O “vencer o esquecimento”, é, antes de tudo, tratar os “rastros” como autênticas ancoras, que em virtude das grandes mudanças e transformações sociais, pode vir a contribuir para a ressignificação do presente coletivo.

A consciência de ressignificação da memória dos lugares só ocorre se existir uma interação ao desejo da memória dentre os quais, o esquecimento externa a função material em constante transformação, permitindo abandonar, esquecer e até se perder no tempo. Neste sentido, Nora (1993) recorda que “os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA, 1993, p.22).

### **3.3 Abreu e a Memória das Cidades**

A memória das cidades, para Maurício de Almeida Abreu (1998), é uma forma de memória coletiva, conforme entendida por Halbwachs (1990). Ela está também ligada ao conceito de lugares de memória introduzido por Nora (1993). A discussão considera a

existência de grupos sociais, que constroem suas representações do passado comum, e as ancoram no espaço por meio de lugares de memória, presentes na paisagem urbana.

O termo memória da cidade é metafórico, já que “a cidade não pode lembrar-se de nada. Quem lembra são as pessoas que nela vivem ou viveram” (Abreu, 1998, p. 17). No entanto, como ressalta Abreu (1998), a paisagem das cidades, pode ser vista como uma espécie de coleção de lugares de memória, já que muitos elementos presentes em sua paisagem (edificações, monumentos, vias e demais estruturas da paisagem urbana) carregam valor simbólico relacionado ao passado de diferentes grupos sociais, e funcionam como pontos de ancoragem na sua construção e preservação do passado comum. As ancoragens são lembranças atribuídas aos registros e reapropriadas pela sociedade.

Abreu (1998, p.19) discute a preservação como valorização da memória, entrecruzar os padrões espaciais e os processos estruturais síncronos (“recorte temporal-mudanças de um tempo”) e diacrônicos (“relações espaciais de fenômenos particulares”), por entender que em virtude da falta de memória e de um futuro incerto, preserva-se o lugar, as memórias coletivas. Contudo, nas cidades do Brasil, poucas evidências de preservação de uma cultura identitária, as identidades, por sua vez são forjadas pelos movimentos da valorização do “novo”, na incursão de novos discursos em torno da tendência do mercado imobiliário e de novas geografias constituídas, conforme as necessidades do mundo globalizado.

Abreu (1998) vai dizer, dessa forma, que a memória das cidades se desenvolve a partir do cotidiano, nas relações sociais do lugar, ancorada nos lugares de memória presentes no território. Partindo desse pressuposto, coerente com Halbwachs (1990), o autor relaciona a memória das cidades, como sendo a construção e reinterpretação redefinição do passado, produzida por diferentes grupos sociais que habitam a cidade, que constituem no espaço urbano seus pontos de ancoragem com o passado – restos, vestígios do passado que, reapropriados no presente, ajudam a manter e transmitir recordações comuns e um sentido de identidade. O que interessa na memória das cidades são os processos sociais que a história não consegue totalizar e com isso, a memória tem a função de dimensionar aquilo que em um dado momento não foi possível preservar.

Segundo Abreu (1998), esse não é um processo pacífico ou isento de disputas. Em uma cidade existem inúmeros grupos sociais portadores de memórias coletivas, mas nem todos detêm a mesma capacidade de inscrever na paisagem registros permanentes (vestígios de passado) que funcionarão como lugar de memória. A capacidade de legar para o futuro

estruturas físicas estáveis presentes na paisagem urbana, que poderão operar como lugar de memória, geralmente estão ligados a estruturas de poder (ABREU, 1998).

Desta forma, o autor afirma que é impossível recuperar a memória de uma cidade em sua totalidade, visto que em uma cidade somos abarcados por diversas memórias, mas a capacidade de inscrever lugares de memória na paisagem não é equitativamente distribuída. Se a memória da cidade é dada pelo conjunto de lugares de memória nela presentes que dão ancoragem ao passado, ela é necessariamente uma memória parcial, viesada, muitas vezes elitista, restrita àqueles grupos que tiveram condições de inscrever seus lugares de memória na paisagem. Abreu (1998) em suas análises, entende ser de grande relevância, no escopo de pertencimento do lugar, de privilegiar não apenas a memória material, o construído, o hegemônico, mas aquilo que não foi materializado na paisagem da cidade.

### **3.4 Patrimônio Cultural**

A palavra Patrimônio remete-nos a um conjunto de bens. Etimologicamente, está ligado à ideia de herança paterna, e o uso mais comum da palavra refere-se àquilo que merece ser preservado. Nesse sentido amplo, patrimônio pode ter o encaminhamento ao direito público ou privado (ZANIRATO, 2018).

Conforme Choay (2014) a palavra está ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável. Para a autora, o termo remete a uma instituição e que tem requalificação, a partir de alguns adjetivos (histórico, natural e genético).

Choay (2014) analisa o patrimônio como quadro da vida numa visão mais questionadora, em uma categoria de análise de patrimônio edificado historicamente. O patrimônio edificado, busca as origens, mas não a história.

Choay (2014) destaca que “desde os finais do século XVIII, história designa uma disciplina cujo saber, sempre bem acumulado e conservado “empresta as aparências da memória viva no próprio tempo” e que “todo o objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem ter tido com isso na sua origem um destino memorial”. (CHOAY, 2014, p.189).

Para a autora, a força da instituição sobre o patrimônio cultural influencia o patrimônio como algo de valor, destinado ao grupo social e questiona a indústria do patrimônio, que se altera frente às mudanças econômicas e sociais.

A autora elucida sobre as tipologias do patrimônio; edifícios, técnicas que surgiram no século XIX e XX, como os “imóveis de habitação, grandes armazéns, obras de artes, fábricas, entrepostos, hangares, termos deixados pelo progresso (CHOAY, 2014, p.225). Além disso, apresenta uma discussão em torno do turismo cultural de massa, num aspecto negativo no âmbito da preservação, algo atualmente desprezado pelas instituições internacionais, que já acreditam na contribuição do turismo, como alternativa econômica para o impacto social e desenvolvimento local.

Já as autoras Nito e Scifoni (2018) em seu texto intitulado “*Ativismo urbano e Patrimônio cultural*” apresentam um esboço da necessidade de dialogar com o Patrimônio de forma mais ampliada. No que concerne o Patrimônio, o mesmo, passa a ser participativo, incorporado ao cotidiano, como forma de incluir e democratizar os processos de memorialização do Patrimônio.

As autoras defendem um método participativo que tem o objetivo “levantar e mapear as referências culturais dos grupos sociais, revelando outros patrimônios, outras narrativas a partir das memórias coletivas que são construídas no cotidiano e até nas edificações” (NITO; SCIFONI, 2018, p.85). A proposta é coerente com a ideia de inventários participativos, que vem sendo defendida modernamente pelo IPHAN – (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como forma de identificar as referências culturais de um dado território.

Para Cecília Londres, em seu texto de apresentação da metodologia do IPHAN (2000);

Pensar a preservação de bens culturais a partir da identificação de referências culturais [...]significa adotar uma postura antes preventiva que “curativa”. Trata-se de identificar, na dinâmica social em que se inserem os bens e práticas culturais, sentidos, valores vivos, marcos, vivências e experiências que conformam uma cultura para os sujeitos que com ela se identificam. Valores sentidos esses que estão sendo constantemente produzidos e reelaborados, e que evidenciam a inserção da atividade de preservação de bens culturais no campo das práticas simbólicas. (IPHAN, 2000, p.20).

Além disso, as referências culturais podem viabilizar para determinado grupo social um suporte de memória de acordo com o lugar ou contexto:

Referências culturais são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as considerações mais belas, são as mais próximas e que reaproximam os que estão longe, para que reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, *referências* são objetos, práticas, lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama raiz de cultura. (IPHAN, 2000, p.26).

As referências culturais têm a perspectiva de fomentar a identificação e a compreensão a partir do “olhar” do grupo social no qual a memória esteja presente. As experiências e vivências inscritas no Patrimônio material, de certo modo, podem contribuir para explicar ou sugerir novos patrimônios e assim pensar um patrimônio além do tradicional e conservador, quando apenas o antigo e o monumento têm importância (NITO; SCIFONI, 2018), diferente da perspectiva de Choay (2014) que tem a preocupação sobre como preservar estes monumentos, sem “mercantilizar” a cultura, uma discussão diferente, porém ainda necessária.

Para a Organização das Nações Unidas para a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2021) o Patrimônio no segmento cultural, é visto como de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Ainda que a UNESCO (2021), sendo uma Organização Mundial, acredita nesta premissa “de manutenção da paz”, vislumbra-se pensar a cultura e a educação mundial em suas categorias de patrimônio - cultural e patrimônio natural mundial.

Tais categorias, contribuem para exprimir os significados atribuídos ao patrimônio. O Patrimônio Cultural, segundo a Unesco (2021) “é composto por monumentos, grupos de edifícios ou sítios que tenham excepcional e universal valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico”. (UNESCO, 2021). Já o Patrimônio natural mundial, tem em suas características “as formações físicas, biológicas e geológicas excepcionais, habitats de espécies animais e vegetais ameaçadas e áreas que tenham valor científico (UNESCO, 2021).

No âmbito mais local do conceito, patrimônio cultural, tem seu viés, a construção social, de valorização e significações construídas no tempo. O patrimônio cultural é manifestado de diferentes maneiras, o que viabiliza identificar quais características identitárias no contexto social serão reveladas. Por um lado, o patrimônio sentido (ação humana), valorizado pela participação social e de outro o patrimônio enquanto instituição (privada), aquele que patrimonializa, que carimba, que certifica.

Conforme Zanirato (2018), existem diversas categorias de patrimônio e neste sentido, o processo de patrimonialização institucional, pode ser um instrumento para ativar o pertencimento daquele território.

A partir do conceito de patrimônio, a UNESCO, em 2003, cria a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, com objetivo de regular a terra, complementando

assim a Convenção do Patrimônio Mundial de 1974. Para a Unesco (2021), “o patrimônio cultural imaterial, não se constitui apenas aspectos físicos da cultura”, mas “compreende as expressões de vida e tradições da comunidade, grupos, indivíduos em todas as partes do mundo” (UNESCO, 2021).

O patrimônio cultural (material/imaterial) designa um entendimento e torna dos aspectos de vida, na qual a partir do cotidiano, evidencia-se as edificações, conjuntos arquitetônicos, tradições e diversos outros objetos característicos do território em análise. Para tanto, Choay (2014) ajuda-nos a elucidar alguns questionamentos em torno deste patrimônio edificado, na qual ela vai atribuir, como aqueles que possuem expressões identificáveis na arquitetura, mas que ao longo da história vão sendo modificados.

A preocupação em torno do patrimônio, vigora-se ao conceito e aos aspectos institucionais, que confundem as expectativas e narrativas de preservação e respeito as gerações naquela ou nessa localidade.

Zanirato (2018) nos alerta quanto ao entendimento do que é patrimônio e que principalmente a partir da segunda metade do século XX tem um aumento de categorias, período este, em que os conceitos de Patrimônio Cultural se estabelecem por grupos nacionais e internacionais visando contemplar as definições da UNESCO, instituição criada em 1946 (ZANIRATO, 2018).

Contudo, o patrimônio num aspecto mais social, é considerado “um conjunto de bens materiais e imateriais que representa a identidade e remetem ao passado, tem um suporte de memória imbricado neste contexto” (PEREIRO, 2003, apud ZANIRATO, 2018, p.15). Neste aspecto, o patrimônio tem relação direta com a identidade e as relações sociais imbricados pelo passado.

Para tal, acredita-se que o patrimônio seja um item de respaldo ao valor agregado as referências culturais que possam dissociar o “instituído” do “democrático”, do pedagógico”, aquele suporte que em algum momento possa problematizar o território, criando-se laços as necessidades locais, fomentando discussões menos hegemônica e mais coletiva.

Para Zanirato (2018) existem diversas categorias que dialogam com o Patrimônio, a diversificação em prol da participação social, no processo de ativação patrimonial podem

---

4A Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural, Natural, foi adotada pela Conferência Geral das Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura reunida em Paris a 16 de novembro de 1972 e ratificada por Portugal pelo Decreto nº49/79, de 6 de junho, que define as bases e princípios da conservação do patrimônio mundial natural e cultural. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em 22.abr.2021

revelar um arcabouço de entendimentos a respeito do conceito e neste sentido verifica-se qual as motivações de usos diante do patrimônio a ser analisado.

### **3.5. Considerações finais do capítulo.**

Ao ter nos permitido compilar elementos conceituais emprestados dos autores acima citados: Halbwachs, Nora, Abreu e Choay, além da noção de referência cultural (IPHAN, 2000), o presente capítulo nos permite formar a lente teórica que iremos utilizar, ao explorarmos o território do Brás e da Mooca. Nossa ida a campo buscará identificar vestígios de italianidade num território em que a presença italiana deixou um conjunto de memórias coletivas e de representações do passado da comunidade italiana (HALBWACHS, 1990) que ainda circulam no território. Buscará identificar lugares de memória, no sentido de Nora, que exercem influência na construção e transmissão de uma memória contribuindo para alargar as evidências e experiências específicas do local (ABREU, 1998), e por fim elementos de patrimônio cultural (CHOAY, 2014) e referências culturais (NITO; SCIFONI, 2018), sejam eles materiais ou imateriais, na forma de referências culturais que, presentes no território, ajudam a constituir esses lugares e essas memórias.

#### 4 Pesquisa piloto – Percurso da Deriva realizada em 17 de janeiro de 2021

O ponto inicial da deriva, foi a própria rua de moradia, a Rua Campos Sales. Neste momento decide-se para que lado seguir. Ao invés de sair para a Rua Caetano Pinto, escolho a direção da Rua Piratininga e entre o portão do condomínio onde moro, até a citada são aproximadamente 200 metros, o que foi suficiente para eu perceber um conjunto de casas assobradadas geminadas identificadas pelos números 86, 88, 96, 98, 100, 102, 104. O conjunto de casas referem-se a mesma planta. A curiosidade se finda ao topo do conjunto, próximo ao telhado, o que a partir de uma sigla de referência *SG* ou *GS*, talvez possa significar algo, já que é comum, certas edificações terem siglas, que muitas vezes se referenciam a sobrenomes de famílias, nome de Engenheiro, ou de repente não significar nada, algo ainda indefinido nesta deriva.

Pelo tempo que resido na rua, este (conjunto de casas tem grande circulação: percebe-se famílias morando, uma espécie de cortiço, misturado com empresas e organizações não governamentais, o que inclusive permite-se identificar que um dos imóveis pertence a uma Chapelaria Social, dirigidas a moradores de rua, entre outras funções ainda não elucidadas neste dia.

Segui o trajeto, devaneando atrativos que já conheço, mas desta vez, com um olhar mais apurado. Já na Rua Piratininga, 228, percebi este outro imóvel, com placa de vende-se, ele está com janelas e portas fechadas com alvenaria. Fotografei para posteriormente tentar esclarecer se existe algum referencial sobre ele, já que tem características de construção antiga.

Figura 4 e 5 - Imóvel antigo na Rua Piratininga,228



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021.



Apesar de conhecer muitas das ruas, não quis fazer o roteiro habitual, ou seja, um modelo passeio turístico, tentei ser mais livre possível como recomenda a deriva. (DEBORD, 1958).

Tratava-se de um domingo, as ruas estavam vazias, poucos pedestres e pouco movimento de carro. Num ano que se inicia, ainda com reflexo da pandemia percebe-se bares com mesas do lado de fora, famílias conversando, aproveitando o final de semana.

Segui o caminho e atravessei a rua Rangel Pestana no sentido da Paróquia do Bom Jesus do Brás, aquela que deu nome ao bairro, mas a curiosidade não estava ali. Achei melhor seguir adiante, queria adentrar em ruas que ainda não havia transitado.

Duas ruas para a frente, a rua Oiapoque, uma bela edificação do início do século XX, pintada de amarelo, fotografei para tentar elucidar posteriormente. Na visão situacionista identifica-se como uma unidade de ambiência, pois os imóveis têm continuidade de arquitetura e que apesar de ser domingo, visivelmente considera-se uma rua de funções mistas (comercial e residencial).

Figura 6 e 7 - Edificações rua Oiapoque (imagem 1), x rua Rangel Pestana (imagem 2)



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021.

Chegando próximo à rua do Gasômetro, um bar de esquina cheio de gente, pessoas aparentemente do bairro, atravessei a rua e mais uma vez resolvi mudar o trajeto, entrei na rua Correia de Andrade, rua com sobrados e assobradados de finalidade mista (comercial e

residencial). Especificamente no imóvel da rua, n.º 163 e n.º173 percebe-se outra edificação simbólica, que remete a uma época não tão vertical.

Figura 8 - Edificação antiga para alugar na rua Correia Andrade



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021

Segui adiante até o final da rua e me deparei com um conjunto de assobradados típicos de uma vila. Sim! Uma vila, cuja composição me chamou a atenção. Cria-se neste momento um curioso despertar da história, mas muito deteriorada, confusa. Talvez Pierre Nora (1948) poderia me dizer que nada do passado é algo neutro, é preciso contextualizar. Muito embora, sem querer fui parar nesta Vila e como um sopro o texto produzido por Ricupero (1993) rememora a imigração, fez lembrar alguns detalhes.

Ainda, nesta ocasião, estava meio tensa, pois tratava-se de um domingo meio nublado, e os atores sociais desta rua, não diretamente da vila, transitavam, estavam nas calçadas, nas janelas e a mim restava respeitar, não me sentia naquele instante pertencente aquela porção do território (MAGNANI, 2016), registrei a imagem da vila da esquina, local mais apropriado para identificar o todo.

Aliás, a partir desta esquina, um bar, com duas pessoas no balcão. Todo este cenário, me causou um certo estranhamento, nunca havia refletido tanto. Como adentar um pedaço do território, quando não conhecemos as pessoas?

Figura 9 - Vila Vadico (Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021

Figuras 10 e 11 - Vila Vadico (Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021

Neste momento, comecei a observar e a vontade era o de adentrar no bar e perguntar de qual vila se tratava aquela defronte ao estabelecimento. Não fotografei o Bar, neste momento estava na calçada de costas para ele, na esquina da Rua Sampaio Moreira. O conjunto de casas dentro de um espaço com portão, fica ao lado de um condomínio do CDHU (Conjunto Habitacional). O mais interessante, foi visualizar ao fundo da vila, um paredão de Fábrica e por ser um bairro historicamente operário, alguns edifícios deste porte, ainda são perceptíveis na região, quase com certeza se trata de uma edificação das Indústrias da Família Matarazzo.

A história foi sendo reinterpretada por mim, lembrando dos textos que falam sobre o bairro, talvez a minha memória não tão completa como sendo de alguém que vivenciou de fato estas experiências. (HALBWACHS, 1990).

Intencionalmente, achei melhor ficar quieta, sondar, e por um momento com pouco de receio, resolvi mergulhar na rua. Por alguns instantes, ainda perturbada, queria tirar outras fotos e quando olhei para o lado, um senhor branco, alto e sem máscara me olhava como se perguntasse “o que você está procurando”? Nesta ocasião não tive muito o que fazer a não ser dizer “boa tarde! Ele imediatamente respondeu: boa tarde! achei singelo da parte dele.

Cria-se neste cenário uma oportunidade única de conhecer melhor a vila, a rua e as memórias daquele lugar, sendo assim, aproveitei para perguntar: O senhor mora aqui? desculpa a intromissão, do mesmo modo comentei: “Eu moro na região e estou buscando indícios italianos! Confesso que saí sem menos eu esperar, logo ele riu e disparou: Está no laboratório certo! Ele na calçada, próximo a casa dele e eu a uma distância de alguns metros, até porque ele estava sem máscara. A conversa rendeu uns 40 minutos. O Senhor T5, usava uma camiseta de time “Beira do Rio Futebol Clube”, de bermuda e com características joviais, como um garoto de 60 anos (tatuagens e um jeito italiano bem típico). O típico é uma maneira singela de minha parte, para enfatizar as características de italianos no bairro; falam alto, com as mãos, andando de um lado para o outro.

Como a conversa fluía, questionei se ele era descendente de italiano, ele afirmou que sim, da região da Sicília, comentou sobre a casa que morava, que era alugada, cujos proprietários são de família de italianos. Os mais velhos já se foram, mas ainda restam filhos e netos, já com certa idade e que moram em um dos apartamentos divididos pelo imóvel.

---

5 Como foi uma conversa informal, não explicitarei o nome da pessoa, utilizarei a letra T. Num possível próximo encontro, pedirei formalmente uma autorização, mesmo entendendo que espontaneamente ele contou um pouco de sua memória na vila e no bairro.

Figura 12 - Casa do Senhor T. Localizado na Rua Sampaio Moreira, 170



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021.

Ainda durante conversa, ele mencionou que a vida toda viveu neste pedaço (MAGNANI, 2016), entre as Rua do Gasômetro e a Rua do Lucas, ruas estas bem próxima as Indústrias da *Família Matarazzo* e da Escola Senai, além é claro, da colônia italiana, localizados fortemente nesta área, entre a Rua Pugliese de Maré, que fica a Igreja de São Vito de Martír, que celebra a tradicional festa italiana e as demais proximidades da Zona Cerealista<sup>6</sup>.

Durante nosso bate papo, bem informal, falei sobre minha pesquisa e que eu morava próximo, mas não conhecia tal vila. Ele me disse que a Vila se chama Vadico e a Dona Marina seria uma ótima pessoa para eu conversar, ela é uma das mamãs da Festa de São Vito e mora na Vila há muito tempo, com destaque para uma forte influência italiana.

A conversa rendeu alguns minutos, ele na calçada defronte para a Vila, pessoas passando, carros também e vizinhos os cumprimentavam. Em um instante, ele chegou a chamar

---

6 Zona Cerealista é uma região localizada no Brás, onde concentram dezenas de armazéns varejistas e atacadistas de produtos naturais.

o zelador da vila para me apresentar: O *senhor João*. Não cheguei a falar com ele, pois estava encanada com as histórias do *senhor T*.

Durante a conversa, espontaneamente ele foi se soltando e contando sobre a vida dele, comentou sobre a ex-mulher que havia aparecido no bairro, depois de 30 anos neste final de semana, riu bastante, contou um pouco da infância do bairro, disse que naquela época só era rico que morava em prédio com elevador, ou seja, a maioria do bairro era de sobrados e assobradados. Lamentou a influência nordestina, pediu desculpas, porém disse que o bairro degradou depois da vinda do metrô, na década de 70 e juntamente com isso a grande leva de nordestinos. “*Inevitável não ouvir este discurso no bairro, ele é repetido algumas vezes por imigrantes italianos*”, inclusive Ribeiro (1994) explica que “para estes recordadores, permanece no imaginário a lembrança de um Brás acolhedor que só atualmente, com a chegada de nordestinos, é que se torna perigoso, abrigo para desempregados, pedintes e biscateiros” (RIBEIRO, 1994, p.119).

As recordações do *senhor T* se fundiam e a grande preocupação de sua parte, era de que seus filhos e netos não conhecessem a culinária italiana, ficou evidente quando ele mencionou “será que trocarão macarrão por tapioca e rapadura, já que fui criado com vinho e salame”, comentou o senhor T.

Falou que a Vila tem poucos descendentes, algumas casas viraram locais de “escravidão” de famílias bolivianas. De fato, durante a conversa, foi possível identificar o trânsito desta população imigrante nas janelas do bairro.

Outro destaque da conversa foi em torno da grande influência chinesa nas imediações. A maioria dos comércios estão sendo dinamizados para esta população. O *senhor T*, também falou da filha dele, que estava esperando vir apresentar o namorado novo e o neto que marcou com ele e ainda não havia aparecido, por isso estava na calçada ocasionalmente.

Muito embora a conversa espontânea, algo fez render, ele muito carismático, já estava me chamando de Rô. Deixou claro a sua paixão pelo time Palmeiras e pela tradição italiana da redondeza, mas que está preocupado com a velocidade das transformações do bairro. Falou que estudou nas escolas Romão Puigare no Brás e Camargo Aranha na Mooca e ainda sugeriu ruas que acredita ainda ter influência italiana, as ruas: Carneiro Leão e Coronel Mursa (Lembrou que nesta rua tinha uma creche, não a atual, mas uma outra que era campo de futebol, com um detalhe de uma árvore no meio), antes da vinda do metrô.

Sua memória naquele instante se aproximou as quermesses do bairro, da época que conheceu a primeira esposa. Disse que mesmo com 60 (sessenta) anos, ainda paga aluguel e que não entende tal distorção econômica perante os novos residentes imigrantes.

O papo fluía, mas devido ao distanciamento social, não me senti confortável de aprofundar mais. Resolvi seguir o percurso em direção à Rua do Lucas, como ele havia citado.

O *senhor T*, se dispôs a falar um pouco mais, aproveitei e registrei uma foto externa da casa na qual ele reside, com uma autorização informal concedida. Ele finalizou dizendo sobre os proprietários - a Família Madinho, cuja família pretendo entrevistar. Fiquei de voltar em outro dia oportuno, para mergulhar nos detalhes abarcados nas anotações, ele ficou à disposição.

Segui derivando, identifiquei alguns pontos ainda não conhecidos, outra vila no percurso, a Vila Carlota (não registrei, havia muitas famílias no entorno). Segui pela Rua Assunção (rua com muitos casebres, assobradados e uma travessa chamada Lameirão, cujo aviso estava nítido na entrada “estacionamento apenas para inquilinos, algo curioso!

Figura 13 - Travessa Lameirão. Conjunto de Assobradados, no Bairro do Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021.

Figura 14 - Rua Assunção. Conjunto de Assobradados.  
Ao fundo o Complexo Senai., no Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021

Adiante, a Rua da Alfandega, entrei segui até a Rua Polignano A Maré que conforme relatos, se trata de uma população do sul da Itália, da região da Sicília, como também mencionado pelo *Senhor T.* A Paróquia de São Vito, fica nesta rua.

Figuras 15 e 16 - Fachada da Paróquia de São Vito, no bairro do Brás.



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021.



Devido a pandemia a Igreja abre em horários específicos durante a semana, não está abrindo aos domingos (uma identificação está disponível na porta).

A rua Polignano A Maré, exala o cheiro de tempero, da Zona Cerealista, mesmo sendo domingo, com o comércio fechado consegue-se sentir o cheiro exalando os arredores. O que se percebe nesta rua, principalmente neste domingo, foram bares abertos e pessoas nas calçadas, muitas nacionalidades dentre estas: africanos, bolivianos, nordestinos brasileiros, chineses, no entanto, a população italiana não se evidencia, como no encontro anterior.

O percurso continuou, passei pela rua do Mercúrio, identifiquei alguns imóveis comerciais, como Santa Filomena, Armazéns São Vito, e me deparei no final da rua, nº 30 um assobradado com a placa de vende-se! Um imóvel que conservado quiçá seria uma edificação para um acervo simbólico.

Figura 17 e 18 - Rua Mercúrio e Assobradado antigo, para vender



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021

Seguindo rumo a minha casa, resolvi voltar pela Vila Queiroga, já havia passado por ela em um outro momento o que me fez contemplar o conjunto de sobrados que ainda resistem, e que conforme Debord (1958) poderia ser um ponto de ambiência pelas similaridades das edificações. Por outro lado, alguns imóveis estão prestes a serem demolidos, já que estão fechados e com degradação expressa.

Ao lado desta Vila, a Rua Pires Ramos um belo conjunto arquitetônico em condições precárias. Registrei algumas imagens para posterior levantamento.

Figura 19 e 20 - 1ª imagem de imóvel antigo a venda, 2ª imagem Rua Pires do Ramos



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021.

Atravessei a rua Rangel Pestana, entrei na rua Carneiro Leão para cortar o caminho, lá outro assobradado interdito, a de número 51. A falta de conservação, tem levado muito desses assobradados a degradação.

Entre na Travessa rua Sobral e outra edificação degradada, mas ocupada. Inclusive havia neste instante uma senhora pendurando carnes na varanda. Talvez uma tradição do nordeste: a carne seca.

Figura 21 - Assobradado da Rua Sobral, 59, esquina com a Caetano Pinto, Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021.

Figura 22 e 23 – Ilustração do imóvel da Rua Caetano Pinto, 249



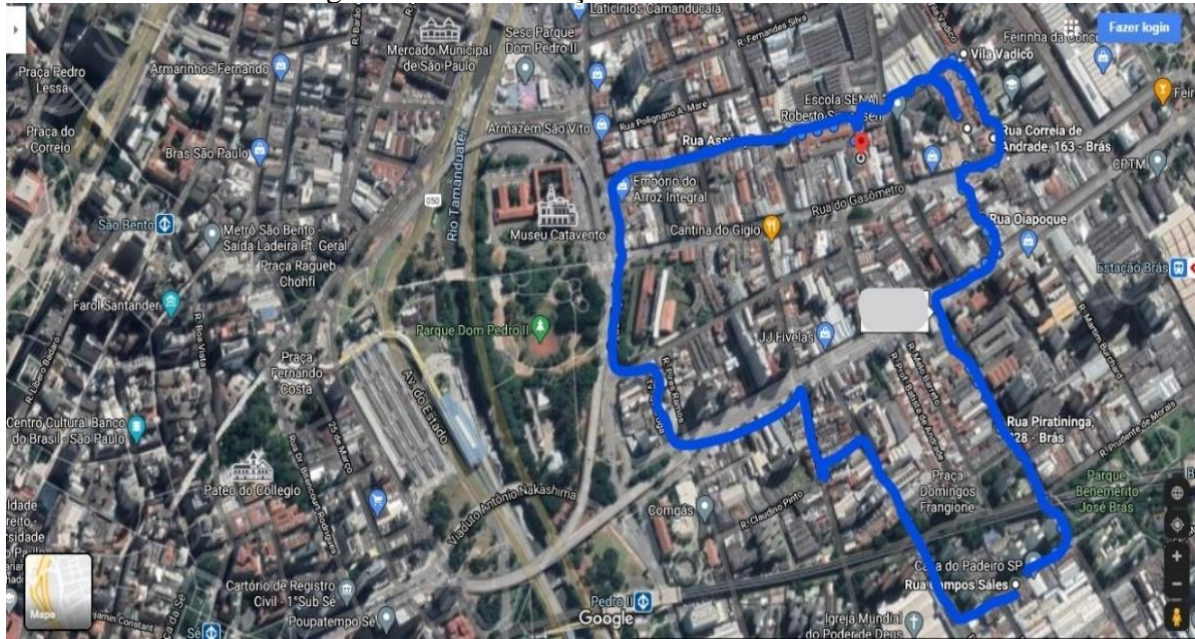
Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021.

Ao chegar à rua Caetano Pinto, observei outra construção, com as siglas *PD* de 1931, a placa vende-se, o que fez refletir como fim da deriva, nos exatos 18h50 adentrava no portão da minha casa.

Estas foram anotações de um primeiro ensaio do percurso da Deriva, a fim de identificar os indícios de uma italianidade fortemente instalada no bairro no final do século XIX, através da arquitetura simbólica e do acaso encontro com Senhor T, da rua Sampaio Moreira, 170 defronte Vila Vadico. A partir do trajeto apresentado, tentarei identificar pontos de ambiências, espaços de atração e repulsão e demais categorias que a Teoria nos alicerça.

De forma experiencial, disponibilizo o mapa do percurso realizado entre as 16h45 e 18h50.

Figura 24 - Identificação do Percurso realizado



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021.  
Google maps, 2021. 1 mapa, color., 129 x 115 cm.

## 5 TRABALHO DE CAMPO

Este capítulo visa relatar as aplicações de campo, bem como suas incursões de análises prévias. O intuito é traçar uma reflexão acerca do conjunto de Derivas realizadas por inspirações do situacionista Debord (1958), a fim de conseguir atender aos objetivos propostos na pesquisa em torno do território Brás e Mooca. As reflexões serão discutidas neste capítulo.

### 5.1 Procedimentos de Campo

Em janeiro de 2021 foi realizada uma pesquisa piloto na qual o objetivo foi a de construir um entendimento acerca da inspiração da “Deriva” por Debord (1958). Esta experiência piloto foi aplicada no Bairro do Brás, sendo realizada de forma despretensiosa, mas com recursos teóricos já abordados naquele momento.

Na ocasião, o ponto inicial foi a própria rua de moradia. A Deriva, por sua vez, consiste em um método desprovido de amarras, sem roteiro prévio, o que permitiu ser afetado pelo espaço na qual se vislumbrava.

Esta experiência não teve uma rua específica para compreender, pois o percurso foi se desenvolvendo conforme a curiosidade dos pontos de ancoragem abarcados pelos sentidos.

O procedimento da Deriva indica ser realizado em coletividade, no entanto, devido às restrições sanitárias, o procedimento foi realizado autonomamente pela pesquisadora. Em princípio, verificou-se a necessidade de seguir um percurso espontâneo no que concerne ser afetado pelas emoções do dia, do presente, ainda sem delimitação geográfica.

Outra observação da experiência piloto, foi a de registrar as ocorrências em fotos, cadernos de campo e se abarcados pelos sujeitos do local, atentar aos relatos, de forma livre sem parecer uma entrevista formal, contudo, o intuito era o de conseguir revelar a essência dos lugares.

A partir da experiência piloto, foi possível perceber a necessidade de delimitar o território, de forma a conseguir elucidar fatos que pudessem surgir durante os percursos. Outra abordagem considerada pela experiência, foi a de retornar aos percursos quando necessários, até que de alguma forma, esgotassem as dúvidas que porventura surgissem. Esta delimitação do território, fica a cargo do traçado entre as linhas férreas da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) e do Metrô, Pedro II, Brás, Bresser e Mooca e seus arredores.

Segundo Debord (1958, p.6) “o ensino da Deriva permite estabelecer quadros de articulações psicogeográficas” e “reconhecer unidades de ambiente de seus componentes principais e de sua localização espacial” (DEBORD,1958, p.6) e com isso, percebe-se eixos principais de caminhos, suas saídas e suas defesas.

Neste sentido, verifica-se a oportunidade de compreender o que as experiências cartográficas influenciaram os resquícios da memória italiana.

Para as experiências de campo, não foi pensado roteiro prévio, apenas os pontos de início da Deriva, considerando o território em análise. As ruas abarcadas pelo traçado dos bairros têm as linhas férreas como ancoragem de ambiências e retrações até aproximados 5,0 km (cinco) quilômetros de extensão, uma média aproximada pelos percursos realizados, contando com o ponto inicial e compreendendo as ruas que ligam o centro ao bairro e entre os bairros do território.

As incursões de campo nesta análise compreenderam o período entre janeiro de 2022 e março de 2022, num total de 8 (oito) saídas de Derivas.

## **5.2 Descrição das Derivas**

### *5.2.1 – Primeira Deriva: Brás – Mercado municipal*

A primeira Deriva compreendeu ruas do Bairro do Brás. A escolha do lugar se deu a partir da experiência piloto. A experiência piloto reuniu ambiências e pluralidades acerca dos resquícios italianos no Brás evidenciando contrastes que poderiam indicar possíveis transeuntes ou significados daquele pedaço. O pedaço, como experiência vivida dos atores sociais, envolvidos neste lugar (MAGNANI, 2016, p.189).

A Deriva por sua vez, foi iniciada na própria rua de residência, e reuniu o reconhecimento dos percursos realizados anteriormente, conforme explicitado no caderno de campo. Uma das considerações da experiência foi a de tentar ampliar a lente no que concerne selecionar os indícios de memória italiana, a partir das referências culturais: símbolos, marcas, pessoas, arquitetura, ruas, entre outros pontos de ancoragem para os lugares de memória.

O dia escolhido foi um domingo, talvez por ser domingo as evidências pudessem ser diferentes do cotidiano semanal, já que durante a semana, os transeuntes não são todos locais.

Para tanto, verifica-se no território transformações socioespaciais e migrações contemporâneas, conforme comentam Magalhães, Bógus e Baeninger, (2018, p.77) aspectos

estes, que são revelados a cada experiência e não podem se desvincular do que apontam os estudos recentes:

Diversas pesquisas apontam a presença italiana, espanhola e portuguesa na cidade de São Paulo, além de outras nacionalidades, não tão expressivas do ponto de vista quantitativo, mas com enormes contribuições culturais, além da presença negra e da herança indígena que conformam o território multiétnico que configura a maior cidade do país (MAGALHAES, BÓGUS E BAENINGER, 2018, p.77).

As mudanças sociais e econômicas do território são sentidas por todos estes aspectos, o que contribui para que identifiquemos se as hierarquias culturais do território ofuscam outras que perpassam o cotidiano.

#### **5.2.1.1. Caderno de campo 16 de janeiro – Domingo**

Hoje, por volta das 13:00 horas, saí em direção ao Mercado Municipal de São Paulo, região da Várzea ou Cerealista, como alguns dizem.

Como ponto de partida a Rua Campos Sales, no Brás. Neste trajeto, aproveito para revisitar caminhos que poderiam revelar algo. Neste instante, segui em frente sem me atrair por nada. Mais à frente, próximo a Travessa Queiroga, uma referência cultural, contrastes urbanos, "O Bairro mais quente de São Paulo! Assinada por Wesley. (Figura 25).

Estas ruas em referência, possuem ambiências parecidas. As proximidades das ruas sinalizadas no percurso, seguem uma paisagem mista: edificações residenciais versus galpões comerciais, algumas foram fábricas, outras lojas em funcionamento e demais em processo de alteração no uso de ocupação.

Percebo que a região na qual está a Av. Rangel Pestana no Bairro do Brás têm destaque principalmente pelas mobilidades urbanas, intensas durante a semana. A Avenida tem grande influência para o acesso à Zona Leste de São Paulo, mais precisamente, refere-se a uma ligação centro-bairro, alternativa viária da cidade de São Paulo e demais municípios do Grande ABC (Santo André, São Bernardo e São Caetano). Na Av. Rangel Pestana, os transeuntes são múltiplos, de toda a parte da cidade e de fora também.

Figura 25 - Arte urbana no bairro do Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos 2022.

Evidencia-se no espaço, referências culturais que marcam o presente. Para Nito e Sifoni (2021, p.85) o objetivo de levantar e mapear as referências culturais dos grupos sociais é a de revelar outras memórias coletivas, que porventura, estão imbricadas e construídas no cotidiano.

Para Nora (1998) o presente está sendo marcado. Além disso, os lugares têm sentido simbólico. Pode-se compreender que a imaginação, como “arte urbana” abstrata, se cristalizada pelas possíveis lembranças do lugar, pode revelar outras memórias coletivas. Nota-se também, que a coletividade, neste caso, é pontual, - são vivenciados por um pequeno grupo do contexto, o que não se pode afirmar por quanto tempo mais.

Por outro lado, Abreu (1998) afirma que a geografia no momento presente da cidade se materializa nos processos locais do cotidiano, mas que é preciso refletir sobre o “o peso material e simbólico”, como uma expressão de vergonha do passado e a crença no futuro, alterando as razões da memória e mesmo da identidade.

Contudo, vislumbra-se dizer, que o presente se materializa pelo coletivo, e sendo assim, busca-se evidenciar uma memória do presente, aquela que está sendo ativamente construída por



novos grupos sociais. Talvez, nesta engrenagem da memória, a lembrança vai produzindo rupturas de resistência e de cooperação que são marcadas no território.

Ainda na Av. Rangel Pestana, esquina da Travessa Queiroga, uma Travessa curiosa que por se tratar de uma rota que liga a região da Rua do Gasômetro, ou melhor, do Complexo Gasômetro<sup>7</sup>, um equipamento cultural de relevância social, que nas ambiências da rua, me deparo com uma loja de couro outlet, pouco tempo no Bairro, chamada *Primo Outlet*.

Na ocasião, os proprietários aproveitavam o domingo para terminar a pintura do prédio, antes, em uma outra oportunidade, registrei a construção belíssima, por sinal em tom pastel, confesso que me assustei com a nova cor da fachada. De todo modo, uma cor laranja ressignifica a esquina. Adentrei na Loja de couro e de modo informal falei com Sr N (*fictício*), um dos proprietários da loja, muito simpático e carismático. Enquanto eu olhava os itens da loja, ia puxando assunto com ele. Falei com ele poucos minutos, dizendo que estava pesquisando o Bairro do Brás e o que ele poderia me dizer, porém, entendi que como o momento não era propício para ele, voltaria depois. O Sr. N (*fictício*) de forma muito cordial, revelou que a Rua na qual está localizado, poderia ter uma nova função social, que pudesse preservar, talvez uma Feira de Artesanato, uma Associação ou algo parecido, que de certa forma pudesse conscientizar as pessoas sobre o Bairro, principalmente próximo a sua localização que dialoga com muita identidade cultural, por estar próximo ao marco zero de São Paulo, a Sé.

O Senhor N, falou sobre sua produção de couro, que tem uma Fábrica e que durante a pandemia, resolveram abrir a Loja como forma de vender o que sobra do couro; - comentou também que que está no Bairro já alguns anos, entre a Travessa Queiroga e a Rua do Gasômetro; - não entrou em detalhes. Fiquei de retornar em uma breve Deriva para conhecê-lo um pouco mais. Nesta ocasião, fotografei, mas acabei perdendo o arquivo.

Este percurso possibilitou perceber uma ambiência de atividades comerciais, relacionadas ao couro, às ferragens, aos móveis e acessórios diversos nas áreas de tapeçaria e decoração de ambientes. A região da Rua do Gasômetro, se delineia entre o comércio e condomínios residenciais. Uma espécie de mistura de função do espaço (comercial-residencial).

---

<sup>7</sup> Complexo Gasômetro e Casa das Retortas são patrimônios tombados pelo Condephaat – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo pela Resolução SC-20, de 26.03.2010. Conhecida como Chácara do Ferrão, de propriedade da Marquesa de Santos, foi a área escolhida na época por também estratégia da localização da ferrovia. O Complexo Gasômetro iniciou suas atividades em 1870 e foi desativado em 1972. Foi responsável por produzir gás hidrogênio carbonado para ser utilizado na iluminação pública e doméstica da cidade. A casa das Retortas é um lugar de apoio para a produção. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/copia-modelo-nome-do-bem-tombado-copia/>. Acesso em 30.mar.2022.

Segundo o acervo do site *I. Patrimônio* ([http://www.ipatrimonio.org/sao-paulo-complexo-do-antigo-gasometro/Acesso em 04.abr.2022](http://www.ipatrimonio.org/sao-paulo-complexo-do-antigo-gasometro/Acesso%20em%2004.abr.2022)) a partir do final do século XIX, esta região era responsável por iluminar a cidade. Este serviço era fornecido pela Gas Company. Antes, neste lugar: a Chácara Ferrão, de propriedade da Marquesa de Santos, situada próxima à Várzea do Tamanduateí; atualmente, região do Parque Dom Pedro.

Segui o caminho, pela própria Av. Rangel Pestana, altura do nº 900, a poucos metros dali um grupo de pessoas, com traços da cultura africana, não sei de qual país do Continente. Todos muito bem arrumados, com roupas de festa, saindo de uma Igreja, uma porta pequena.

A religiosidade destaca-se neste ponto do território. Identifica-se que as pessoas ali são da Igreja Assembleia, uma referência africana, ao que parece.

As percepções acerca do momento, dialogam com outras referências culturais. Trata-se de uma referência cultural que surge no Bairro. No entanto, parece até piada afirmar, pois sabe-se que desde meados de 1500, populações africanas eram escravizadas para o Brasil, talvez agora, os objetivos de escolha e permanência neste território, sejam outros.

Conforme os Magalhães, Bógus e Baeninger, (2018, p.81);

A paisagem urbana e social transformada com a chegada de novas nacionalidades e sua presença no comércio, indústria da costura e empreendimento étnicos como restaurantes e salões de beleza. Tal processo está em curso desde o final do século XX e se reforça neste século XXI, envolvendo mais diretamente em São Paulo, nos Bairros do bom Retiro, Liberdade, Pari, Brás, República e Sé (MAGALHÃES, BÓGUS E BAENINGER, 2018, p.81).

Os autores afirmam que muitos dos imigrantes na região central, no século XXI, referem-se aos Haitianos e Bolivianos.

Continui o percurso, pelas ruas da região, mais precisamente pela Rua da Figueira, Avenida Mercúrio e Rua Carlos Garcia com a Rua Professor Eurípedes Simões de Paula, Brás (Zona cerealista), ruas tranquilas sem o burburinho da semana. (Figura 26);

Figura 26 - Rua Carlos Garcia x Rua Prof. Eurípedes Simões de Paula, Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2022

O trajeto, apesar de impreciso, tinha o objetivo de chegar até o Mercadão Municipal, na Rua Cantareira, centro de São Paulo; - ponto este, fora da rota da pesquisa, porém, uma referência histórica do que concerne o Rio Tamanduateí, lugar de memória de uma São Paulo antiga.

Segundo Torres (1985) o Rio Tamanduateí, ainda no século XVIII, era cercado por terras, mato, sítios, chácaras e roças. Num dos trechos dos estudos de Torres, ela afirma: “tais terras devolutas irão sendo concedidas aos que requererem à Câmara Municipal, geralmente as Casas de Campo para “agricultura miúda de horta e pomares” (TORRES, 1985, p.37).

Contudo, é interessante pensar que o tempo resistiu a um cenário de grande distribuição de alimentos. Nesta região, o comércio de alimentos tem variações em atacados e entrepostos, que por sinal abastecem muitos outros comerciantes de São Paulo, além dos visitantes e turistas que abarcam a cidade.

Torres (1985, p.37) compreende o cenário de muitas outras memórias que estiveram presente na região central, entre elas, num recorte ela afirma; “as margens do rio Tamanduateí,

ainda é depósito de lixo, onde andam soltos os animais, onde, ao lado de caçadores, as lavadeiras cantam, lavando roupas”. (TORRES, 1985, p.37).

Apreciando o lugar, é possível refletir por instantes sobre o que ocorria neste ponto, importante pensar que aqui na região da Cerealista, passa-se o tempo, mas as memórias de carregadores, de mercadorias continuam fluindo à cidade carregada de sentidos coletivos.

Em um dos acervos do Museu da Pessoa, organizado com o SESC (Serviço Social do Comércio, 2016) existe uma publicação intitulada “*Armazém do Brasil - Memórias do Comércio da Zona Cerealista*”. A partir deste acervo material, é possível compreender as transformações acerca da região “Zona cerealista” e observar nuances de uma memória italiana, efervescente em diversos períodos, principalmente, a partir do final do século XIX.

Para tanto, observa-se que a Zona cerealista surge em meados de 1920, após a criação da Bolsa de Cereais de São Paulo. Segundo documento (MUSEU DA PESSOA, 2016), os produtos vinham por vias férreas e como a logística se concentrava no bairro do Brás, era propício o engajamento das negociações comerciais neste espaço.

Contudo, inicialmente, a região recebeu o nome de *Centro de Comércio de São Paulo* e só mais tarde ficou conhecida com - Zona Cerealista; lembrada até os dias de hoje. (MUSEU DA PESSOA, 2016). O cenário nos convida a refletir, o quão presente estão as memórias nesta construção ativa de sentidos e contribui, a prestar atenção aos rumos do futuro.

Conforme registros do Museu da Pessoa (2016, p.20), desde esta época, o *Além do Tamanduateí*, expressão citada pela divisão centro-bairro, “os tropeiros “caipiras” e as negras quitandeiras, bem como as escravas de ganho, vendiam suas verduras, legumes, ovos, cereais”. (MUSEU DA PESSOA, 2016, p.20).

De certa forma, os apontamentos, contribuem para entender as demandas deste remanescente lugar de memórias, que já pudera ser abarcado neste dia.

Assim, adentrei ao mercado e resolvi encerrar o percurso por ali, às 14h00, cuja delimitação do Bairro do Brás se finda pela travessia do Rio Tamanduateí, atmosfera histórica da época do *José do Brás*, aquele português chacareiro, que deu o nome ao Bairro.

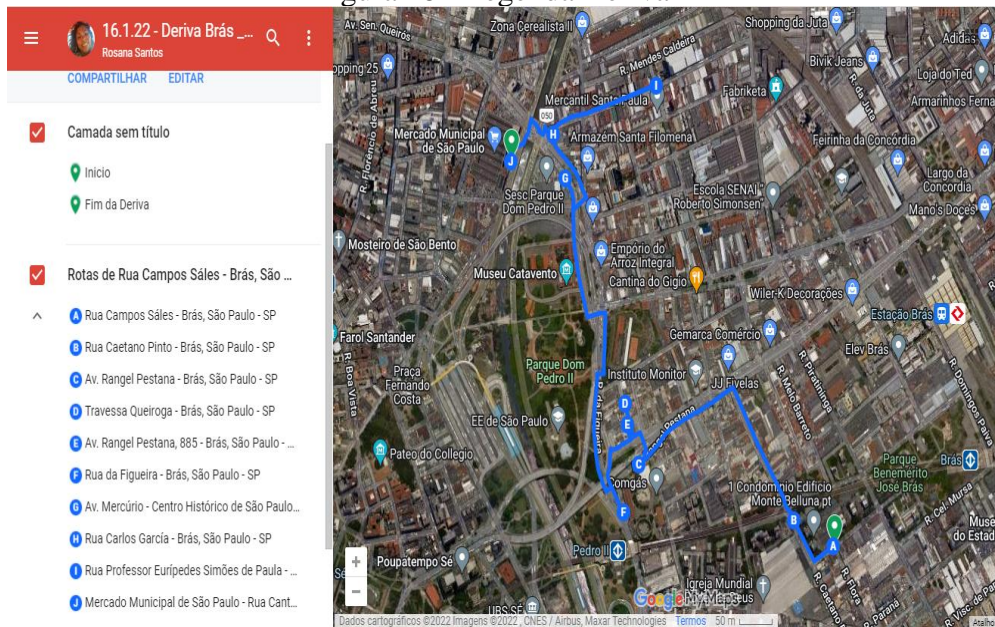
O percurso realizado na *Primeira Deriva*, foi produzido pela própria autora, conforme (Figura 27 e 28);

Figura 27 - Mercado Municipal de São Paulo



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

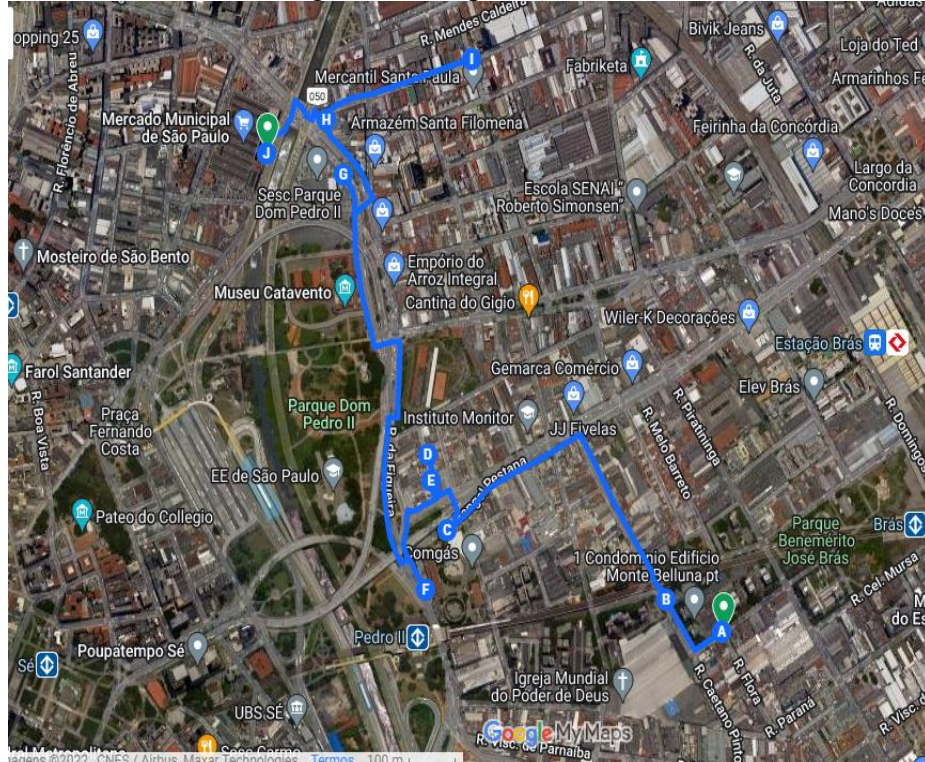
Figura 28 - Legenda Deriva 1



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

LEGENDA Deriva 1: Bairro do Brás. São Paulo: Google, 2021. 1 mapa, color.

Figura 29- Mapa da Deriva 1



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

MAPA da Deriva 1: Bairro do Brás. São Paulo: Google, 2021. 1 mapa, color.

### 5.2.2 Segunda Deriva: Brás - Mooca

A Segunda Deriva, denominada Brás-Mooca, foi influenciada pelas condições encaminhas pelo trajeto. Deste modo, evidenciam-se nuances diferentes, em relação ao dia escolhido. Trata-se de uma quinta-feira, de temperatura elevada e aumento de nebulosidade. Para Debord (1958) “a influência das variações climáticas sobre a deriva, ainda que real, não é determinante, porém, em casos de chuvas prolongadas que a impedem absolutamente”. (DEBORD, 1958, p.4).

O fato de evidenciarmos a temperatura climática, não seja algo que possa contrastar o cotidiano, porém, a motivação da pesquisadora e de outros sujeitos presentes no dia, são modificados, conforme o percurso realizado, até porque, recorrendo ao mês de novembro de 2021, o percurso simbólico já havia sido realizado, o que norteou a experiência deste dia específico e que teve por duração, quase 9 (nove) horas de caminhada.

No território, é possível evidenciar transeuntes diferentes do cotidiano, já que se trata de um dia de semana. Deste modo, cria-se uma oportunidade de desvendar outras memórias que transcendem o próprio território.

Nesta experiência de campo, costura-se olhares, trajetos e personalidades que contribuem para a memória coletiva deste território.

Para tanto, registra-se o percurso de forma a mapear traços, marcas, símbolos que possam retratar o que se busca nessas incursões.

Segundo Debord (1958, p.5) numa Deriva:

Pode-se não encontrar nada, ou encontrar por acaso algo que tenha fixo à “ocasião possível” [...]

Ele afirma ainda que "o emprego de tempo do sujeito terá uma mudança imprevisível", pode inclusive, pedir por telefone outra ocasião possível, a alguém que ignore onde lhe foi conduzido a primeira vez. (DEBORD, 1958, p.5).

Assim sendo, permite-se percorrer subjetivamente e ampliar as percepções dinâmicas da cidade em quantas derivas forem possíveis ou necessárias até uma evidência plausível.

**5.2.2.1 – Caderno de Campo - 20 de janeiro – quinta feira – Brás – Mooca – 11h30 - Dia de 33 ° em São Paulo.**

O percurso de hoje tinha a ideia de abarcar o território dos bairros do Brás e Mooca. Na Rua Campos Sales, iniciei o trajeto. Segui pela Rua Flora, já na esquina registrei uma construção azul, uma das casas mais antigas se não a mais antiga da Rua, ela está localizada entre a Rua Campos Sales n.º 56 e 66 e a Rua Flora. (Figura 30).

No início do mês de novembro de 2021, havia notado esta construção, talvez a lente neste momento, estava aos “olhos” de Maurice Abreu (1998, p. 15) quando da consciência no entendimento acerca dos vestígios, marcas da paisagem que comumente utilizadas, é possível eternizar o presente e dar sentido às gerações futuras, desde que conscientizemos que estes fragmentos, podem representar expressões de poder, descontinuidade e vulnerabilidade social.

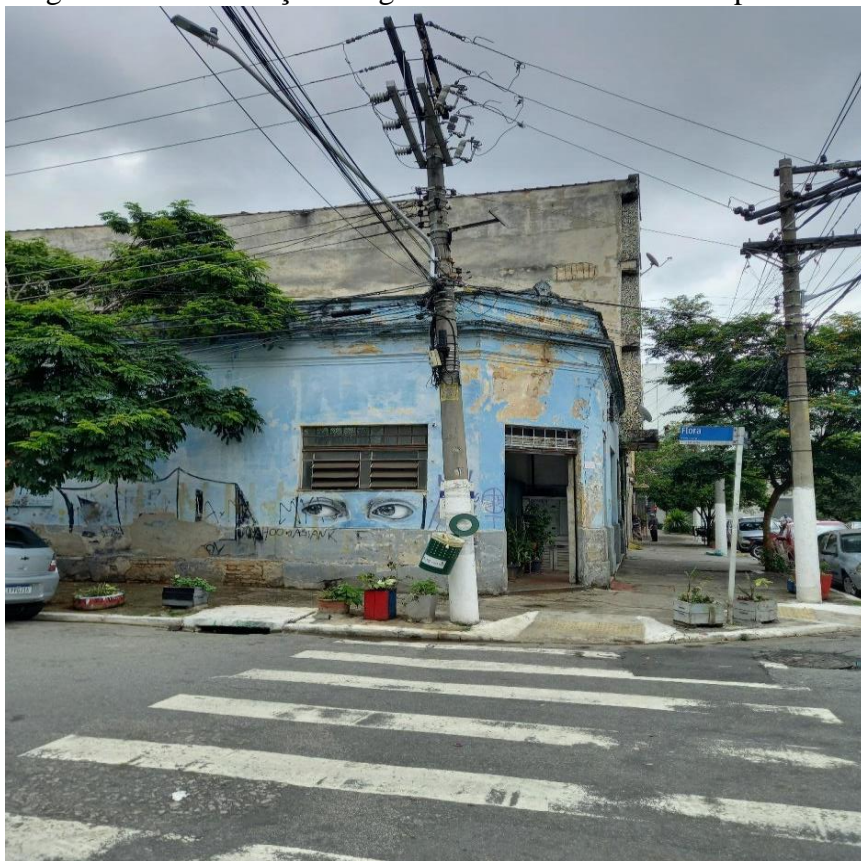
O autor também dialoga sobre a importância da memória para registro do lugar, porém enfatiza que temos que ter cuidado ao acreditar que a memória individual, é objetiva.

Cria-se neste cenário uma expectativa de entender a identidade do lugar. Vislumbra-se dizer que antes, não havia “olhado” com tais lentes e defronte pensei em saber o que o “meu

vizinho” fazia ali. Parece até analogia, a parede ressalta uma pintura de um *olhar desconfiado*, antes mesmo de eu adentrar ao local.

Para mim, ali era uma espécie de oficina, tipo um galpão cheio de objetos, achava que era um ferro velho, algo parecido, mas não! - o espaço está ativo, apesar de uma edificação bastante prejudicada pelo tempo, nem pudera, pois o prédio, tem uma marca, no topo da construção datada em 1898. Cheguei a parar na porta, e logo um senhor apareceu, era o senhor M, (fictício) responsável pela Oficina - Mecânica Castilhos, (Figuras 31e 32), provável origem espanhola.

Figura 30 - Edificação antiga na Rua Flora x Rua Campos Sales



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021.



Figura 31 - Referência da Edificação nos anos de 1898



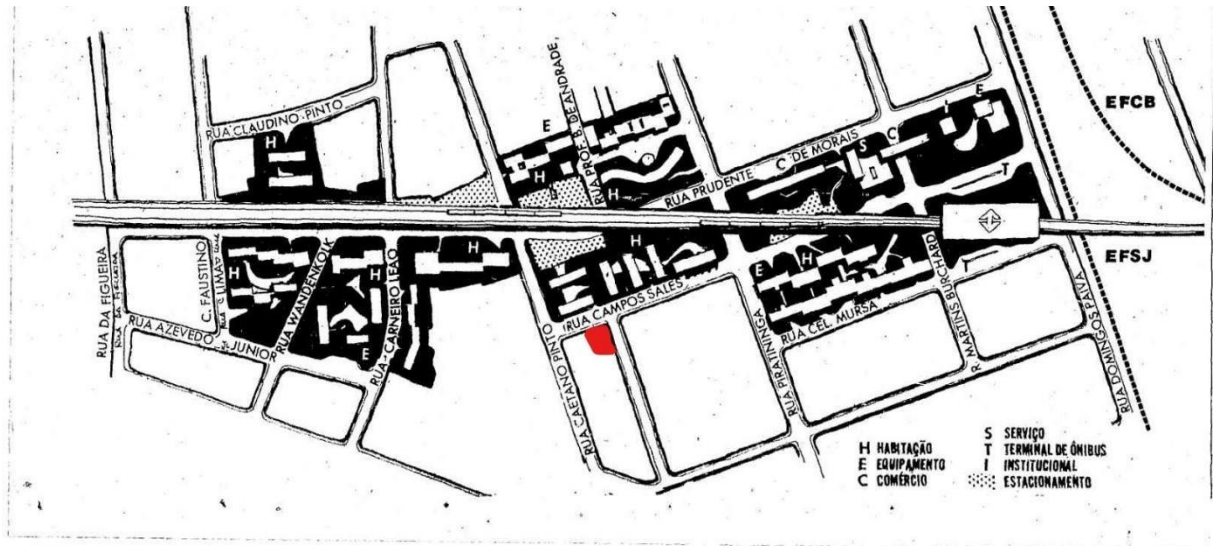
Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2021

Ser atraído por uma edificação antiga, não quer dizer que ali, eu teria uma referência italiana, trata-se apenas de um ponto de ancoragem material ou imaterial do Bairro do Brás. (NORA, 1993).

Neste momento, fiquei pensando sobre o porquê deste lado da Rua ainda têm diversas casas, do outro lado da rua, a linha do metrô, e os prédios do antigo BNH (Banco Nacional de Habitação). Este lado, parece-me, ter sido poupado na década de 70 (séc. XX).

A partir de um recorte do *Jornal o Estado de São Paulo* (11.dez.1975), é possível perceber, de forma muito superficial, a ideia do metrô de São Paulo. No destaque em vermelho (elaboração própria), seria a casa de cor azul referenciada e preservada do outro lado da linha do trem (Figura 32);

Figura 32 - Mapa adaptado do Projeto Metrô Leste-Oeste no Brás (1975)



Fonte: O Estado de São Paulo (Adaptado por Rosana Barros dos Santos, 2022).

Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19751211-30895-nac-0110-999-110-not>. Acesso em 15.abr.2022.

Informalmente, pude falar com o *Senhor M*, a respeito da construção antiga e se a data seria a de fato da construção que aparece no topo. Ele disse que sim! Ele está neste prédio há mais de 40 (quarenta) anos, porém disse que a edificação está resistindo às diversas especulações imobiliárias. E que vários pesquisadores já o procuraram para entender o porquê da degradação. Ele disse que passou muito tempo e tudo muito caro, lá só a estrutura mesmo, não existe mais paredes divisórias, um galpão aberto. É possível perceber as vigas aparentes e que o prédio não é tombado. Lá funciona uma oficina de máquinas industriais, no entanto, como se tratava de um dia de trabalho, não fiz mais perguntas, talvez numa outra oportunidade pudesse identificar novas informações, tais como origem do *Senhor M*.

Ainda no Bairro do Brás, segui o percurso, entrei na Rua Paraná, sentido Rua Visconde de Parnaíba. A ideia naquele momento, era a de percorrer pela passarela, que liga o Brás a Mooca Baixa, mas não, parei na esquina e me entusiasmei pela construção, um Restaurante cujo nome identificado: "*Schiafino Restaurante Bar*" de influência italiana, pelo que consta em informações coletadas nas redes sociais (<https://www.facebook.com/schiafino.restaurante>, acesso em 02.abr.2022.), inclusive um ambiente que mantém as quatro gerações em sua memória. Atualmente é administrado pela terceira geração de descendentes de italiano.

Não entrei no restaurante, parei na oficina ao seu lado. Esta oficina de veículos é muito movimentada, apesar de somente duas portas, sempre passo em frente e me deparo com carros

entrando e saindo. Este pedaço<sup>8</sup>, dá acesso a Rua Campos Sales. Parei na oficina e aproveitei o ensejo para conversar sobre “revisão de veículos” o que me deu a chance de avançar nas perguntas informais. Pois bem, Senhor Jota (nome fictício) é o proprietário da oficina, ele e o filho tocam o negócio. O Senhor Jota, tem quase 90 anos de idade, uma amostra de incentivo aos mais novos. É de fato lindo de ver ele administrando a oficina. Fui até os fundos da oficina, para saber um pouco mais sobre eles no Bairro. Na oficina (Figura 33 e 34), várias fotos preto e branco de uma cidade antiga.

Figura 33 - Interior da oficina, no Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2022

---

<sup>8</sup> *Pedaço* é uma categoria de análise proposta pelo antropólogo José Guilherme Cantor Magnani. No estudo “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” (2002), um entendimento melhor sobre o tema. Para o antropólogo, “*Pedaço*” pode ser entendido como espaço de socialização entre a casa e a rua, relações cotidianas daquele pedaço. Disponível em: [https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/de\\_perto\\_de\\_dentro\\_0.pdf](https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/de_perto_de_dentro_0.pdf). Acesso em 15.abr.2022.

Figura 34 - Interior da oficina 2



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2022

O senhor Jota (2022) me disse que está no Bairro desde 1963, tem 86 anos de idade, ele é nascido no Rio Grande do Sul, descendente de italiano, do Sul da Itália. Lembrou da época em que no verão, as “senhoras do Brás” desciam dos assobradados, principalmente na Rua Piratininga, lugar que, para ele, tinham muitos “assobradados” e era bom para conversar nas calçadas.

As recordações de Jota (2022) simbolizam uma experiência momentânea durante a conversa. Para Aleida Assmann (2011, p.33) “ou as pessoas recordam ou não recordam”. Para a autora, existe diferença entre memória e recordação, “memória coisas pensadas-conhecimento” enquanto recordação, “experiências pessoais”. (ASSMANN, 2011, p.33).

É possível refletir sobre a recordação. Conforme a autora (ASSMANN, 2011, p.33) a recordação se expressa de forma reconstrutiva, vai se alterando, algo que ninguém ensina, ela é deslocada e subjetiva. Apesar disso, a memória tem força, pode ser um dispositivo de lembranças, às vezes controlável, esquecido, bloqueado, algo que é indissociável do ato de recordar.

Num outro momento, cria-se a oportunidade de continuar caminhando pelo Bairro, o Senhor Jota, dá pistas do que antes poderia encontrar, quais os resquícios poderiam ampliar a Deriva. Neste momento, percebo que o perambular na cidade já não era somente ser afetado, mas identificar algo que somasse as lembranças do Senhor Jota. Assim, continuei percorrendo, uma espécie de *flâneur*, vislumbrando alguns assobradados, mapeando e percebendo as nuances do cenário até chegar à Rua Piratininga, no Brás.

Ao escrever estas incursões, me lembrei do episódio sobre um “Desconhecido Fotógrafo Visitante” que pelas ruas de São Paulo, ele registrava suas percepções e quando em algum momento as casas lá da Mooca eram geminadas (JAYO, 2022, p.13). Não só na Mooca a impressão “das casas geminadas” materializadas em fotografias, surgem às recordações do Senhor Jota, porém, nas travessas por onde caminhamos entre um bairro e outro.

Segundo Jayo (2022, p.13) o termo *flâneur* foi emprestado pelo francês Charles Baudelalaire (1821-1867), uma espécie de caminhada crítica pela cidade.

Durante a conversa informal, o senhor Jota (2022) comentou sobre os prédios do Jânio, - provavelmente, quase certo, estes se referem aos prédios na qual resido, aqueles projetados tinham que sair do papel, disse ele; num tom de tristeza sobre as casas demolidas na época.

A maioria das casas no Bairro do Brás foram desapropriadas para a construção do metrô na década de 70 (séc. XX) e talvez isso explica um pouco do sentimento dos residentes “italianos” daquela época, em que a partir das desapropriações, transformações culturais começam a conflitar as identidades. Dois trechos da reportagem do Jornal “O Estado de São Paulo”, sugerem tais evidências. (Figura 35).

Figura 35 - O metrô muda tudo (O Estado de S. Paulo, 1981)

# O ESTADO DE S. PAULO Brás, onde pouco resta do passado

Sofrendo transformações constantes desde o seu surgimento como o bairro dos imigrantes italianos, passando a industrial e tornando-se mais tarde um importante centro do comércio, o Brás recebeu a influência do crescimento da cidade em direção à Zona Leste. Seu território, dividido por duas estradas que cortam também por movi-

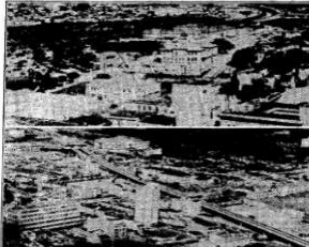
mentadas avenidas que recebem grande parte do tráfego da cidade. O Brás de hoje não tem mais nada em comum com o bairro que mereceu poesias, canções e que por muito tempo foi parte do folclore e da boemia da cidade. O processo de deterioração se intensificou nesse último decênio e foi agravado pela construção da linha Leste-Oeste do metrô, que provocou a desapropriação de aproximadamente 700 mil metros quadrados de terrenos onde viviam cerca de cinco mil pessoas. A consequência dessas transformações se reflete no resultado do último censo — uma redução de 18,5% na população do bairro, passando de 54.391 habitantes para 44.640.

Apesar de reconhecer a influência das obras do Metrô nesse resultado, porém, os técnicos justificam a redução populacional através de explicações mais complexas. Para alguns esse processo é comum a todos os bairros próximos do centro, onde a valorização imobiliária afasta os moradores, que preferem buscar regiões mais tran-

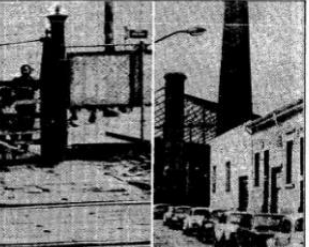
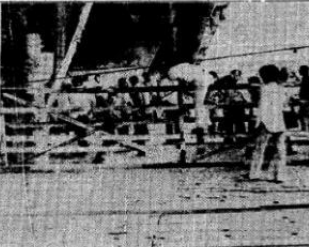
quilas, mesmo distantes das áreas mais urbanizadas. Para outros as obras do Metrô apenas afastaram temporariamente os moradores, que preferiram fugir dos transtornos até que o metrô volte ao ritmo normal. Há, no entanto, quem justifique a redução da população com o desportar da necessidade do planejamento fa-

milhar, alegando que o censo adotaram o controle da natalidade, antes mesmo que ele se tornasse parte da nova política de governo brasileiro. Essa é a opinião de alguns dos assessores técnicos da Administração Regional da Mooca, a qual pertence o bairro do Brás.

Reportagem de Eli Sereno



O último censo reflete a situação do Brás: a população diminuiu 18,5% em relação a 1970, passando de 54.391 habitantes para 44.640. Cortada pelas ferrovias e pelas largas avenidas, recebeu também a linha do metrô, que provocou a desfiguração total do bairro dos velhos imigrantes italianos.



## O metrô. Tudo muda

Em 1970 o censo já mostrava uma tendência à redução da população do Brás em relação a 1950, passando de 54.391 habitantes para 44.640. Cortada pelas ferrovias e pelas largas avenidas, recebeu também a linha do metrô, que provocou a desfiguração total do bairro dos velhos imigrantes italianos.

O processo de deterioração se intensificou nesse último decênio e foi agravado pela construção da linha Leste-Oeste do metrô, que provocou a desapropriação de aproximadamente 700 mil metros quadrados de terrenos onde viviam cerca de cinco mil pessoas. A consequência dessas transformações se reflete no resultado do último censo — uma redução de 18,5% na população do bairro, passando de 54.391 habitantes para 44.640.

Apesar de reconhecer a influência das obras do Metrô nesse resultado, porém, os técnicos justificam a redução populacional através de explicações mais complexas. Para alguns esse processo é comum a todos os bairros próximos do centro, onde a valorização imobiliária afasta os moradores, que preferem buscar regiões mais tran-

quilas, mesmo distantes das áreas mais urbanizadas. Para outros as obras do Metrô apenas afastaram temporariamente os moradores, que preferiram fugir dos transtornos até que o metrô volte ao ritmo normal. Há, no entanto, quem justifique a redução da população com o desportar da necessidade do planejamento fa-

milhar, alegando que o censo adotaram o controle da natalidade, antes mesmo que ele se tornasse parte da nova política de governo brasileiro. Essa é a opinião de alguns dos assessores técnicos da Administração Regional da Mooca, a qual pertence o bairro do Brás.

Reportagem de Eli Sereno

Em 1970 o censo já mostrava uma tendência à redução da população do Brás em relação a 1950, passando de 54.391 habitantes para 44.640. Cortada pelas ferrovias e pelas largas avenidas, recebeu também a linha do metrô, que provocou a desfiguração total do bairro dos velhos imigrantes italianos.

Apesar de reconhecer a influência das obras do Metrô nesse resultado, porém, os técnicos justificam a redução populacional através de explicações mais complexas. Para alguns esse processo é comum a todos os bairros próximos do centro, onde a valorização imobiliária afasta os moradores, que preferem buscar regiões mais tran-

quilas, mesmo distantes das áreas mais urbanizadas. Para outros as obras do Metrô apenas afastaram temporariamente os moradores, que preferiram fugir dos transtornos até que o metrô volte ao ritmo normal. Há, no entanto, quem justifique a redução da população com o desportar da necessidade do planejamento fa-

milhar, alegando que o censo adotaram o controle da natalidade, antes mesmo que ele se tornasse parte da nova política de governo brasileiro. Essa é a opinião de alguns dos assessores técnicos da Administração Regional da Mooca, a qual pertence o bairro do Brás.

Reportagem de Eli Sereno

## As explicações e justificativas oficiais

O processo de deterioração se intensificou nesse último decênio e foi agravado pela construção da linha Leste-Oeste do metrô, que provocou a desapropriação de aproximadamente 700 mil metros quadrados de terrenos onde viviam cerca de cinco mil pessoas. A consequência dessas transformações se reflete no resultado do último censo — uma redução de 18,5% na população do bairro, passando de 54.391 habitantes para 44.640.

Apesar de reconhecer a influência das obras do Metrô nesse resultado, porém, os técnicos justificam a redução populacional através de explicações mais complexas. Para alguns esse processo é comum a todos os bairros próximos do centro, onde a valorização imobiliária afasta os moradores, que preferem buscar regiões mais tran-

quilas, mesmo distantes das áreas mais urbanizadas. Para outros as obras do Metrô apenas afastaram temporariamente os moradores, que preferiram fugir dos transtornos até que o metrô volte ao ritmo normal. Há, no entanto, quem justifique a redução da população com o desportar da necessidade do planejamento fa-

milhar, alegando que o censo adotaram o controle da natalidade, antes mesmo que ele se tornasse parte da nova política de governo brasileiro. Essa é a opinião de alguns dos assessores técnicos da Administração Regional da Mooca, a qual pertence o bairro do Brás.

Reportagem de Eli Sereno

# O velho sonho ainda está longe de ser realizado

Em poucos anos tivemos aqui uma região totalmente diferente. Não há mais o velho Brás, aquele que era conhecido por suas ruas estreitas e suas casas de madeira. Hoje o Brás é um bairro moderno, com ruas largas e prédios altos. Mas o velho sonho de um bairro melhor ainda está longe de ser realizado.

Apesar de reconhecer a influência das obras do Metrô nesse resultado, porém, os técnicos justificam a redução populacional através de explicações mais complexas. Para alguns esse processo é comum a todos os bairros próximos do centro, onde a valorização imobiliária afasta os moradores, que preferem buscar regiões mais tran-

quilas, mesmo distantes das áreas mais urbanizadas. Para outros as obras do Metrô apenas afastaram temporariamente os moradores, que preferiram fugir dos transtornos até que o metrô volte ao ritmo normal. Há, no entanto, quem justifique a redução da população com o desportar da necessidade do planejamento fa-

milhar, alegando que o censo adotaram o controle da natalidade, antes mesmo que ele se tornasse parte da nova política de governo brasileiro. Essa é a opinião de alguns dos assessores técnicos da Administração Regional da Mooca, a qual pertence o bairro do Brás.

Reportagem de Eli Sereno

Fonte: Jornal "O Estado de S. Paulo" (1981). Adaptado por Rosana Barros dos Santos (2022).

A publicação do Jornal “O Estado de São Paulo”, evidencia imigrantes italianos, frente às mudanças, logo após a construção do metrô de São Paulo, principalmente neste percurso Brás-Mooca. (Figura 36).

Figura 36 - O impacto do metrô para as populações imigrantes

**O último censo reflete a situação do Brás: a população diminuiu 10,5% em relação a 1970, passando de 54.391 habitantes para 48.640. Cortado pelas ferrovias e pelas largas avenidas, recebeu também a linha do metrô, que completou a desfiguração total do bairro dos velhos imigrantes italianos**

## O metrô. Tudo muda

Em 1970 o censo já mostrava uma tendência à estagnação dos bairros Brás e Belenzinho, que sofreram mudanças cíclicas desde o seu surgimento. Ao longo do século, a região que se desenvolveu em função dos imigrantes europeus — principalmente italianos e espanhóis — que vieram para trabalhar na lavoura cafeeira, passou pelo ciclo industrial, transformou-se em uma grande área comercial, mas nunca perdeu sua característica residencial.

Os europeus que abandonaram a lavoura para se fixar na cidade escolheram o bairro onde se localizava a “Hospedaria do Imigrante” para a formação de suas “colônias”. As casas geralmente dividiam o espaço com pequenos armazéns e oficinas, mantendo os moradores sempre próximos do local de trabalho. O enriquecimento de muitos, a ampliação das oficinas e a criação das primeiras fábricas de médio e grande porte, não afastaram os moradores que construíram ali mesmo amplos so-

deterioração da paisagem, afastou inúmeras famílias. Apenas os mais velhos, a maioria de aposentados, insistiam em permanecer no bairro invadido pelos migrantes nordestinos, que aos poucos se instalaram nas grandes casas divididas entre várias famílias e transformadas em cortiços.

O comércio também adaptou-se a essa transformação, expandindo-se e ocupando ruas, provocando a destruição de antigos prédios que abrigavam não apenas as tradicionais lojas, bares e confeitarias, mas também teatros, cinemas, restaurantes e cantinas que davam ao bairro a ilusão de independência em relação ao resto da cidade. A deterioração das características do Brás culminou com a desapropriação de nove quarteirões, condenando 944 imóveis e desabrigando cerca de cinco mil moradores em função da construção da linha Leste—Oeste do metrô.

As desapropriações e o início das obras com a instalação dos cantei-

Fonte: Jornal “O Estado de SP” (1981). Adaptado por Rosana Barros dos Santos (2022).

O Senhor Jota (2022), falou das grandes empresas que movimentaram a economia do território e que ele se lembra muito bem: *Alpargatas (Mooca)*, *Souza Cruz (Brás)*, *Matarazzo (Brás)*, *Itaú (Mooca Baixa)*. Outra lembrança do Senhor Jota (2022), se refere a uma grande

enchente na Várzea do Tamandateí, ele se lembra que chegou até o começo da Rua da Mooca (década de 70).

Não encontrei registros a respeito da enchente relatada pelo Senhor Jota, porém a região me parece que sempre alagava. Uma imagem do Jornal o Estado de SP (mar,1966) revela o fato, alguns quarteirões da Oficina, na Rua do Gasômetro. (Figura37).

Figura 37 - Enchente no Brás – Proximidades da Rua Gasômetro, Brás



Fonte: O jornal Estado de SP (1966)

Disponível em: <https://fotos.estadao.com.br/fotos/acervo,enchente-no-bras,966907>). Acesso em 18.abr.2022.

Segui o trajeto com a ideia de chegar ao bairro da Mooca, porém, mudei o rumo indo em direção à Mooca Baixa. A conversa com o Senhor Jota durou meia hora, acabei seguindo a Rua Visconde de Parnaíba. Pelo que consta, o Antônio de Queiroz Teles (Conde de Parnaíba) foi um dos responsáveis políticos na gestão migratória do país, inclusive a Rua, é um dos caminhos para se chegar ao Museu da Imigração do Estado de São Paulo. (dicionárioderuas.sp.gov.br).

No trajeto, a análise está ligada ao que o Sr. Jota havia mencionado e vislumbra-se pensar o que ao redor, poderia nos ser apresentado sobre os assobradados, as casas geminadas e assim costurando o trajeto seguinte, a fim de chegar ao bairro da Mooca. Apesar de uma conversa informal, saí contente; “Fumo e encontremo alguém”, a motivação de “ouvir” e



perceber as narrativas pelos trajetos, afirmam algo que só a história pode afirmar, mas a memória em forma de recordação, enche os olhos de emoção! A memória está guardada, reinterpretada, mas dita! Esta memória coletiva (Halbwachs, 1990), que se faz costurando às beiradas das poucas evidências que sustentam a ideia de um bairro tipicamente italiano. Ainda na Rua Visconde de Parnaíba, um quarteirão depois, percebi uma entrada de Vila, remanescentes de uma época, registrei a fachada, me chamou a atenção as entradas, meio que sublinhada ao centro de empresas de máquinas, fábricas, empresas que ainda resistem nesta rua. (Figura 38 e 39).

Na Dissertação de Mestrado intitulada “*Patrimônio Ameaçado aos grupos residenciais construídos até 1930*” de Vitorino (2008, p.188) o autor já sinalizava a preocupação sobre a perda dos remanescentes da memória material do Bairro e cita a Vila Yaya, como uma das referências ameaçadas. Ainda é possível vê-la, mas não sei por quanto tempo, já que novos empreendimentos absorveram metade do quarteirão. Não cheguei a adentrar a Vila, o acaso não surgiu, segui o trajeto.

Pelo que consta, esta Vila, de nome Yaya (Figura 39), foi citada em um Projeto, realizado em 1978, que fez um levantamento, através da Empresa Municipal de Urbanização – (EMURB, 1978) e Banco Nacional de Habitação (BNH) para identificar remanescentes de edificações construídas nos bairros vizinhos. O Projeto, intitulado: *Vilas e conjuntos habitacionais: área CURA Brás-Bresser. São Paulo – PMSP, 1979*, catalogou as edificações logo após a construção do metrô, principalmente no que se refere aos conjuntos de casas, assobradados dispostos em Vilas e Vielas, no âmbito do contexto industrial, entre o final do século XIX e XX.

Nesta rua do Brás, a predominância é uma ambiência mista, residências e comércio. Por ser um dia de semana, os transeuntes são diversos, apesar de ser um dia de semana, nesta rua, o burburinho começa na hora do almoço. O Restaurante na esquina (Figura 38), apresenta um ar de preparativo, já que a rua tem ambiências distintas.

Não sei dizer se nesta Vila, apenas moradia, não entrei, a impressão é que sim, foi possível ver de longe pessoas com trajes caseiros, o que não quer dizer nada. A Vila parecia democrática, portão aberto, sem grandes restrições. No Restaurante-Bar, um entregador deixou sua bicicleta, talvez estivesse se preparando para a próxima viagem. As janelas da edificação, semiaberta, o dia estava com clima bem abafado.

Figura 38- Fachada lateral da entrada da Vila Yará



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Figura 39 - Entrada da Vila Yayá



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Já na Rua Piratininga (Figura 40) a pressa da construção civil, afluída pela especulação imobiliária de alto padrão. Abreu (1998, p. 17) considera urgente pelo menos garantir um lastro de memória, já que as cidades globalizadas perdem na sua paisagem quase todos os vestígios do passado. Apesar de compreender que não conseguimos registrar tudo, ao menos tentamos contribuir com o presente materializado em fotos, em conversas informais, algum suporte que nos leve a entender memórias que nunca foram ou tiveram importância para a coletividade. Conforme Abreu (1998) “a cidade não lembra”, os registros, de certa forma, podem fazê-los lembrar, ou ao menos, contar alguma singularidade da memória já reinterpretada aos códigos oficiais da história.

Figura 40 - Construção na Rua Piratininga



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Fui em direção ao Viaduto Alcântara Machado (Figura 41). Neste ponto, poderia ter ido pela Av. Presidente Wilson, mas achei seguro seguir, pelas vias largas da Avenida Radial Leste, a Av. Alcântara Machado. O intuito era chegar do outro lado “Bairro da Mooca”, não sei o que poderia identificar, mas a busca por referências culturais me fez seguir. Este Viaduto é um dos principais acessos para quem vai para a região Leste de São Paulo, aqui de certo, poderia ser um referencial de memórias, pois todos os dias, milhares de pessoas passam por aqui, num trânsito insano na hora do pico.

A Avenida Radial Leste é, até hoje, um importante respaldo para desafogar o trânsito dos bairros Brás-Penha, pela Avenida Rangel Pestana. Torres (1985) ressalta que o trânsito dos

bairros Brás e Mooca só havia de ser melhorado em 1968, quando da construção do outro Viaduto, o Alberto Marinho, para desafogar as porteiras do Brás e o acesso ao Bairros da Zona Leste (TORRES, 1985, p.194).

Figura 41 - Viaduto Alcântara Machado

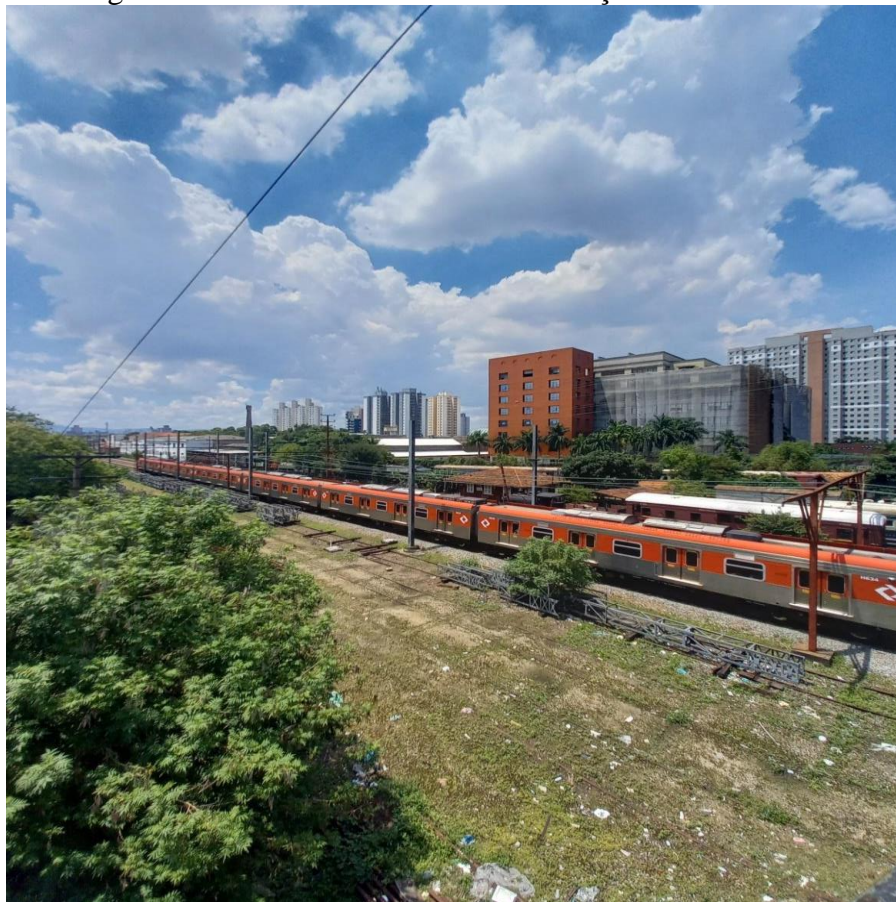


Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Entre um passo e outro, as impressões de um lugar cheio de memórias, entre elas as operárias, de uma época que não vivi, mas está viva na memória das pessoas antigas do Bairro, ou mesmo daquelas que por ocasião passaram por aqui, seja pelo trabalho, seja pelo deslocamento. Em se tratando de memórias coletivas, elas parecem carregar sentimentos que são multiplicados às gerações, aos contextos, às histórias contadas. Esta consciência, segundo Halbwachs (1990, p.58) tem o meio social como suporte às lembranças, no entanto, esta consciência é abstrata. Neste sentido o autor comenta que "certamente a história, mesmo contemporânea, reduz-se com muita frequência a uma série de noções abstratas". (HALBWACHS, 1990, p.58).

De cima do Viaduto, é possível avistar a linha de trem que liga São Paulo a Rio Grande da Serra e os bairros vizinhos, identificar o antigo prédio da São Paulo Alpargatas *Company*, uma das empresas citadas pelo Senhor Jota a pouco tempo atrás. Segundo site institucional da Alpargatas (<https://ri.alpargatas.com.br/acesso>, em 19.abr.2022), a São Paulo Alpargatas *Company*, fundada pelo escocês *Robert Fraser*, chega ao Brasil em 1907 e começa sua produção industrial de calçados e vestuário, no Bairro da Mooca. Mais tarde, em 1998, a empresa deixou o bairro e vendeu todo o complexo para a Universidade Anhembi Morumbi e seguiu investindo em outros estados do país. Atualmente, o prédio continua ocupado pela Universidade Anhembi Morumbi, que tem funções diversas, além da Escola, que se divide em um Teatro.

Figura 42 - Linha de trem – Entre a Estação Mooca e Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Logo após atravessar o Viaduto, foi possível perceber a explícita marca: Mooca, diferente do Brás que nem portal tem! Se houver, não conheço! A Mooca tem seguidores que sustentam a harmonia de viver no bairro. Mais que harmonia, se todo o suporte ideológico, tenta

forjar narrativas de um grupo, de uma identidade que parece manipular, operar acontecimentos de forma empreendedora à grupos específicos. Segundo Pollak (1989, p. 9) este cenário pode ser interpretado como enquadramento de memória a um determinado interesse.

É de fato aconchegante, chegar no Bairro e ser agraciado com “Bem-vindo”, bem-vinda” ou quem sabe um dia “*Bem-vindes*”(Figura 43), no entanto, ainda que simbólico, para muitos, estes aconchegos de receber, é algo nutrido pelas prosas que alimentam a convivência no seu cotidiano e mais do que isso, pode ser um discurso forjado e reforçado pela classe média de descendentes imigrantes europeus no Bairro, no final do séc. XIX.

Num breve entendimento, a partir dos estudos de Pollak (1989), os produtores da memória estruturam uma ideia imaginativa e extrapolam a realidade. O autor preocupa-se em apresentar as tentativas de enquadramento da memória, na qual reforçam sentimentos de pertencimento entre as coletividades, construindo arbitrariamente narrativas de um tipo de memória. E isso contribui para excluir e ou apagar demais memórias que são construídas no presente.

Figura 43 - Radial Leste, sentido bairro



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Segui pela Radial Leste, na calçada do lado esquerdo, sentido Bairro da cidade, e atravessei mais à frente, lá na Rua do Hipódromo. Esta rua leva até a Rua dos Trilhos (centro do bairro da Mooca).

Durante o percurso, pude registrar casas com aspecto de abandono na própria Rua do Hipódromo, mas que seguem com um frescor do tempo, ampliado pelos sentidos no traçado dos portões. Logo à frente, uma referência ao “Portal da Mooca”, uma página que acumula memórias do bairro, não sei se ali funciona o escritório, atrás, é possível ver uma vila, com poucas casas em volta. (Figuras, 44-45-46).

Figura: 44 – Grafite na Rua do Hipódromo, Portal da Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).



Figura 45 e 46 - Fachada e portão de casa geminada, na Rua do Hipódromo



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

A casa, com piso de ladrilhos avermelhados, um portão de ferro, paredes descascadas, vislumbra um passado com porões laterais e um semblante que cristaliza alguma memória. Por outro lado, não explica sobre os moradores nesta edificação, aparentemente abandonada.

Chegando à Rua dos Trilhos, uma Praça com o nome: Amo a Mooca, marca registrada das pessoas que visitam o Bairro.

Defronte, na esquina, entre a Praça e a Rua dos Trilhos, resquícios da antiga Fábrica de fiação industrial de algodão, a Cotonifício Crespi, lugar de grandes mobilizações na Revolução

de 1924, fundado por Rodolfo Crespi, um italiano imigrante. Aqui, segundo Nora (1998) poderia ser um lugar de memórias. Cito Nora (1998), pois para o autor “lugar de memória não se restringe ao lugar físico”, mas as experiências, os saberes e as dinâmicas.

No Extra Hipermercados e não mais no Cotonifício Crespi, como conheci, o espaço já fora ressignificado pelas pessoas, que se reuniam na Praça de alimentação, na fila do mercado, principalmente aos domingos - dia de feira livre, ou simplesmente para ir até ao Armazinhos Fernando, do outro lado da Avenida.

A edificação agora, sem a função comercial do Hipermercado Extra, que encerrou suas atividades em dezembro de 2021 (Figura 47). Os comentários da vizinhança, é que o Hipermercado foi vendido para o Grupo Açáí, ainda sem previsão de inauguração.

Figura - 47 - Edificação Antiga Fábrica Cotonifício Crespi



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Diante da calçada na Praça Amo a Mooca, decidi ir ao sentido da Regional da Mooca - Subprefeitura da região e a Faculdade São Judas Tadeu, uma tradicional Faculdade do Bairro da Mooca. Por ser próximos, talvez na Regional da Mooca, eu pudesse encontrar algo. Lá funciona Escolas, Posto de Saúde, Biblioteca, quadras esportivas, além da administração dos bairros.

Devido a pandemia da Covid-19, mudei de ideia assim que cheguei ao local, o ambiente hospitalar não me agradou, uma espécie de retração do lugar naquele momento, achei melhor não ficar por lá, a fila da Unidade Básica de Saúde – UBS (Figura 48), estava um caos e o tempo estava mudando com previsão de chuva forte!

Figura 48 - Transeuntes na fila do Posto de Saúde. (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Saí da Subprefeitura da Mooca, pela Rua Taquari, atravessei a Rua Bresser e entrei na Ruas Itajaí com Hipias, sentido a Radial Leste, como é conhecida a Avenida Alcântara Machado. Estas ruas lembram o passado hípico da Mooca, ali existiu um Hipódromo, lugar de grandes eventos e disputas de cavalos. Lá há muitas casas, uma espécie de Vila bem conservada, apesar de casas não originais de construção, um ar interiorano. (Figura 49).

Figura 49 - casas da rua Hípias, Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Entrei na Rua João Caetano (outra entrada de Vila) faz fundos ao Atacadista Roldão. A única referência que se destaca diante da sublinhada parede com a identificação de Vila 330. Não sei o que isso quer dizer, talvez a quantidade de Vilas no Bairro, ou apenas o número de localização da rua (Figura 49).

O paralelepípedo e a quantidade de registros na lateral da entrada da Vila, revelam um passado presente. Não entrei, pensar no que nos espera é um desafio. Não fui convidada a entrar, apesar de não ter portão, é difícil mensurar o que está por trás deste caminho, neste momento, observo, à espera de alguém, que infelizmente não apareceu.

Busca-se um entendimento a respeito desta “Vila” e nos estudos de Vitorino (2008), a Vila aparece como um dos Patrimônios culturais ameaçados, porém sem detalhes quanto a população residente. Estes resquícios físicos simbolizam um passado.

Aqui nesta Vila, *Fumo e não encontremo ninguém!* (Figura 50).

Figura 50 - Entrada da Vila 330



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Já se aproximava das 17h00 e a chuva começou a apertar. Parei no Roldão Supermercados (Figura 50) para esperar a chuva dar uma trégua e eu poder voltar para o bairro do Brás.

A chuva durou 1 (uma) hora, sem trégua. Ali encerrei à Deriva, com fotos de um cotidiano no final do dia.

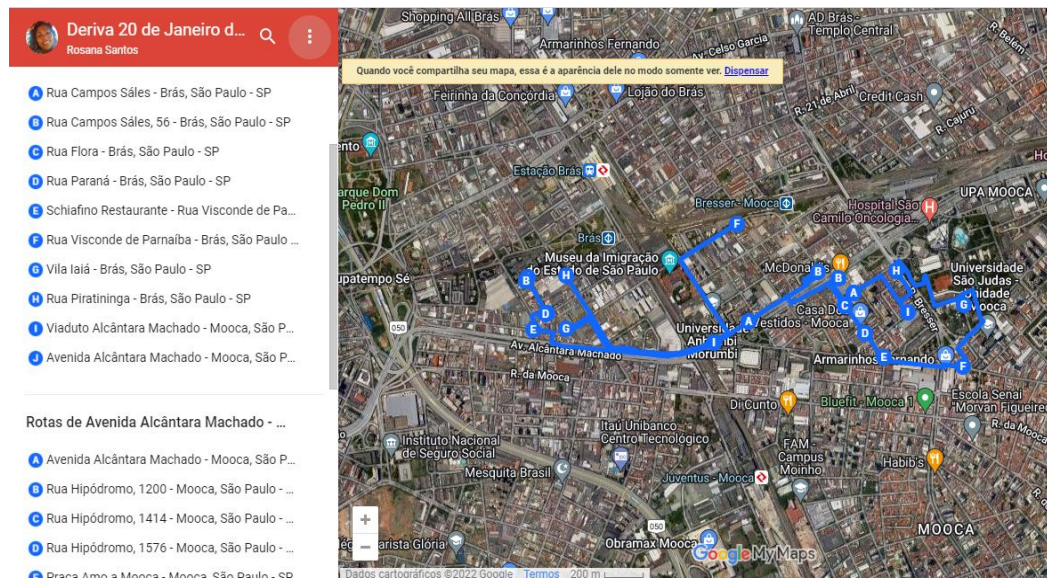
Atravessei a Av. Radial Leste e resolvi pegar o ônibus para tentar chegar menos molhada da chuva. Fim da Deriva 18h11.

Figura 51 - Estacionamento do Roldão Supermercados



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

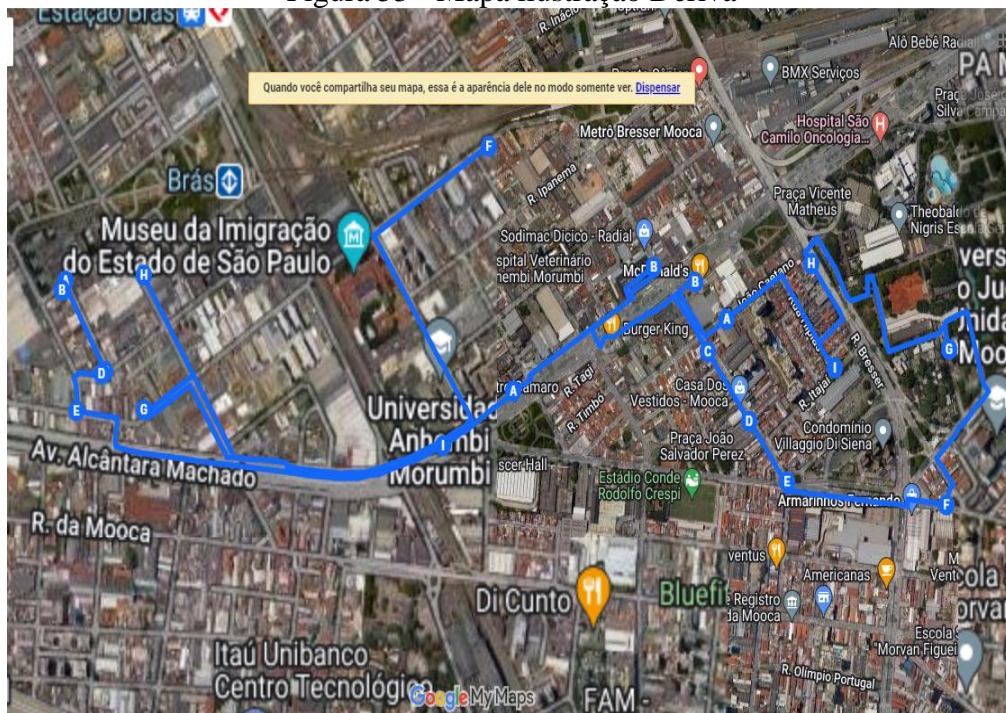
Figura 52 - Legenda - Trajeto Deriva



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

LEGENDA Trajeto da Deriva: Bairros Brás e Mooca. São Paulo: Google, 2022. 1 mapa, color.

Figura 53 - Mapa ilustração Deriva



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022)

FIGURA 53 Mapa ilustração Deriva: Bairros Brás e Mooca. São Paulo: Google, 2022. 1 mapa, color.

### 5.3 – Terceira Deriva

O percurso da terceira Deriva, seguia a estratégia simbólica em abarcar a partir de ambiências, situações que pudessem aflorar resquícios da italianidade no território. Neste sentido, utilizei como ponto de partida uma rua que tem tradição italiana, fortemente construída no Bairro, à Rua Caetano Pinto, no Brás.

A Rua Caetano Pinto, é um lugar de memórias, mas que a cada dia, reproduz outras narrativas. De certo modo, a história aponta diversas manifestações culturais e políticas, que reforçam os diversos residentes italianos, no final do século XIX e XX.

Para muitos autores, a Rua Caetano Pinto, seria um reduto italiano, com simplórias habitações improvisadas. Esta organização social, é um dos princípios da construção consciente das ambiências e das situações em que Debord (1958) afirma: “o campo espacial da deriva será mais ou menos vago ou preciso segundo a busca do estudo do terreno ou resultados emocionalmente desconcertantes” (DEBORD, 1958, p.4).

E é nesta construção consciente que se busca entender se “as ambiências ou retrações” que estão dispostas nesta localidade, assim como Vêras (1991, p. 625 Apud CARNEIRO, 1956, p.10) aponta:

Rua Caetano Pinto, 128 [...] em quinze minutos vencia a Celso Garcia, a Rangel Pestana, o Largo da Concórdia, a porteira da ferrovia [...] pôde ver a chapinha 128 cravada entre dois arcos paralelos sustentados por um pesado portão de ferro [...] O portão conduzia a um cortiço longo e tortuoso que recuava labirinticamente até que seus extremos se perdessem na escuridão da noite [...] Durante algum tempo andaram ao longo de um corredor pavimentado de Lages desiguais, contido entre um paredão gasto e uma infinidade de casas imprensadas entre si. Por vezes o estreito caminho se amplificava inesperadamente obrigando a linha do casario a desviar-se para contornar o pátio improvisado. (VERAS, 1991, p.625 APUD CARNEIRO, 1956, p.10).

As habitações simples, denominadas cortiços, fizeram parte da vida destas famílias imigrantes, operárias no Brás. Ainda é possível seguir rastros em torno das poucas construções que resistem a especulação imobiliária e os projetos de urbanização da cidade de São Paulo, o que amplia a necessidade de conseguir identificar os sujeitos que habitam ou habitaram estes lugares, a fim também de preservar um pouco mais da memória do território dos bairros Brás e Mooca.

Nos estudos de Ribeiro (1991) denominado “*Italianos do Brás Imagens e Memórias (1920-1930)*”, a autora afirma que os imigrantes napolitanos ocuparam a região:

Os napolitanos, por sua vez, ocuparam a região das ruas Caetano Pinto, Carneiro Leão, Piratininga e imediações, e se destacaram pela predileção ao pequeno comércio de gêneros alimentícios”. (RIBEIRO, 1991, p.30).

Ribeiro (1994), apresenta uma análise em torno da convivência destes moradores imigrantes e explica as diversas referências culturais distribuídas no território. Em um dos seus capítulos “*Nossa Senhora de Casaluce e São Vito: os santos da casa e as tradições religiosas*” ela discorre sobre a criação da Capela, a devoção dos imigrantes que mais à frente, é possível perceber uma alteração na configuração das festas, não mais somente para a comunidade italiana. É certo que a cidade cresceu e com ela o calendário de eventos da cidade é atraído, como forma de fomentar o turismo e atender as demandas econômicas de cada comunidade, contribuindo assim para reforçar a identidade dos grupos italianos neste território (Figura 53).

Apesar disso, não fica claro, qual a população descendente imigrante que ainda resiste neste lugar de memórias, que a cada mês de maio, reforça sua identidade cultural religiosa, através das festividades que marcam o aniversário da Santa imigrante.



Muito embora tenha outras referências religiosas no bairro e nesta rua, que se é possível perceber contrastes da real tradição cultural do bairro.

### **5.3.1 Caderno de Campo - Terceira Deriva - 28.1 - 13h00** –sexta feira - Duração – 1 hora.

A ideia era reconhecer o trajeto realizado em 20 de janeiro a fim de identificar outros pontos de ancoragem.

Início à Deriva na Rua Caetano Pinto, passei pela Paróquia de Casaluce (Figura 53), lugar de encontro dos fiéis católicos do bairro, um símbolo religioso dos imigrantes italianos, vindos do Sul da Itália em Nápoles no ano de 1900, onde ocorre a Festa tradicional de Nossa Senhora Casaluce, no Brás (ARQUISP, 2022).

O registro da Paróquia, é, contudo, uma oportunidade de refletir acerca do que a história nos conta sobre este pedaço do bairro. Ao lado da construção, a Igreja Mundial; uma outra religião, convivendo geminadamente entre os concretos.

Neste percurso, com “olhar” mais apurado para as situações construídas, Debord (1958) entende este fato como um “jogo de acontecimentos” do ambiente, isso porque se considerar o que a história nos diz sobre a Rua, o presente nos conta outra, menos identitária, mais plural.

Nos estudos de Ribeiro (1994, p.22) constam informações sobre entrevistas que a pesquisadora realizou na Comunidade, principalmente a partir da Paróquia da Casaluce. Estes entrevistados tinham algo comum, o fato de serem descendentes de imigrantes. A autora afirma que as recordações trazidas pelos pesquisados é de que entre as Ruas Caetano Pinto, Carneiro Leão, Piratininga e a Rua Rangel Pestana, concentravam-se os italianos napolitanos estrangeiros nas primeiras décadas do século XX.

Figura 54 - Fachada da Paróquia de Casaluce, no Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Em estado de Deriva, insisto em seguir para a Rua Visconde de Parnaíba, ela é uma destas ruas que cortam os bairros e uma importante referência sobre os antepassados do bairro.

Numa breve vasculhada pelos arquivos online de memória, “São Paulo Minha Cidade” (<https://saopaulominhacidade.com.br/historia>), Acesso em 29. abril.2022), encontro um relato, sobre esta rua, incrível a coincidência, estava nesta calçada, a poucos metros da história do *Senhor Romero*, trazido pela São Paulo Minha Cidade (2008);

A Visconde de Parnaíba foi, e ainda é, a maior de todas as ruas, sem limites, de mão única que me leva ao passado, me retorna ao presente, me torna completo sem sucessor [...]” Nasci exatamente na divisa que separa e separava, mais ainda, na década de 50 e 60, o Brás da Mooca, na Rua Visconde de Parnaíba, no início dela, no número 387, até a modernidade esgarçar a Avenida Alcântara Machado e o bairro começar a desfigurar-se, e o Brás e a Mooca ficarem cada vez mais afastados”. (SÃO PAULO MINHA CIDADE, 2008).

Neste momento, tinha o objetivo de passar pela passarela, com destino ao bairro da Mooca Baixa. A passarela fica ao lado da construção amarela, logo à frente. (Figura 55). Um homem passou por mim, seguindo e amparando pelas coberturas, porém a chuva aumentou e novamente me deixou 'ilhada' nas calçadas, sem possibilidade de seguir.

Figura 55 - Rua Visconde de Parnaíba, altura do número 330 (Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Parei na altura do nº 364 ainda na Rua Visconde de Parnaíba e ali amparada pela cobertura de um assobradado, vislumbrei o tempo passar. Estava de frente a um Bar, com algumas pessoas lá dentro e um senhor “catador de reciclagem” passando em meio a enxurrada que rapidamente se formou (Figura 55).

Figura 56 - Bar na Rua Visconde de Parnaíba



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Figura 57 - Transeuntes na Rua Visconde de Parnaíba, Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Logo à frente, no pé da passarela, uma edificação grandiosa, de cor amarela; outro bar, com destaque ao cardápio de peixes fritos, era o que eu conseguia identificar de longe e sem conseguir atravessar a rua, fiquei apenas com o registro.

Enquanto aguardava a chuva acalmar, imaginava saber sobre quem poderia morar por lá ou quem morou neste lugar, qual significado tem esta edificação, aparenta enfrentar possíveis problemas arquitetônicos, um tanto danificada. Apesar disso, seu tamanho equivale alguns metros quadrados, pois alcança a Av. Radial Leste, ali na outra esquina.

Para Ribeiro (1994) era comum as habitações coletivas construídas com espaço amplo, de corredores estreitos, sem quintal e instalações sanitárias compartilhadas no fundo. Talvez, a Edificação de cor amarela, na Rua Visconde Parnaíba, teria esta finalidade. (Figura 58).

Figura 58 - Edificação de cor amarela, no Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Neste momento, um cotidiano diferente, o qual normalmente, não estou acostumada a vivenciar de tão de perto. A sensação é a de confirmar que a cotidianidade, a menos de dois quarteirões da minha casa, desperta curiosidade, nunca almocei neste restaurante, talvez, por falta de entusiasmo, não chamou a atenção, contudo é possível que frequentadores possam revelar algo.

As condições psicogeográficas do lugar, norteiam um ambiente simbólico da italianidade. Através do suporte material, das construções, temos a impressão de aqui existiu imigrantes, contudo, sem respaldo coletivo nesta ação. São diversos os cortiços no bairro. Neste quarteirão, alguns ainda resistem à especulação imobiliária, que por sua vez, já abarcam boa parte do território. O lado mais próximo da linha do trem, à esquerda, sentido região Bresser-Mooça, é possível perceber novos aspectos arquitetônicos em desenvolvimento.

Contudo, mesmo com a chuva do dia, uma maior movimentação de trabalhadores neste local se colidia, pessoas que transitam diariamente, passam a maior parte do dia neste quarteirão, e que ao anoitecer vão embora. Para tanto, este “jogo de acontecimentos” é próprio do Bairro, que desde sempre, exerce a função comercial-residencial.

Torres (1985, p.218) considera que a expansão industrial e o grande desenvolvimento do comércio nos bairros Brás e Mooca na década de 60 (Sec. XX), foi motivador principal de expulsão dos moradores imigrantes, e a função residencial começa a perder força. Por outro lado, o que aparenta nos dias de hoje, é um engajamento contrário no que concerne investimentos de outras formas de habitação residencial.

O movimento dos transeuntes no local, neste horário, acaba sendo um pouco maior, principalmente de carros. Neste ponto específico, há possibilidade de cortar o caminho, para quem segue para o Bairro do Ipiranga ou Radial Leste (sentido bairro) nos horários de pico.

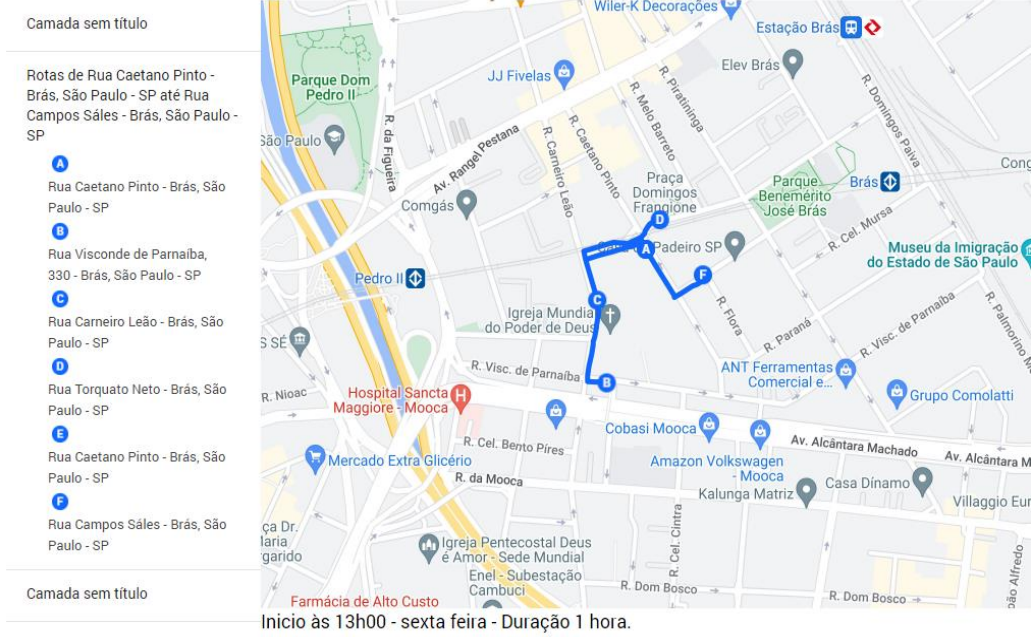
A chuva parecia não dar uma trégua, continuei o percurso por mais alguns minutos, porém, mais uma vez não atravessei a passarela. Retornei por outro itinerário, fiz uma volta no quarteirão.

A Rua do Quarteirão, é a Rua Carneiro Leão, rua também de referências históricas emblemáticas da imigração europeia. Inclusive, caminhando um pouco à frente, algumas impressões: um Restaurante nordestino, uma simpática casa e logo à frente um Condomínio de apartamentos, o Reggio Calabria. Interessa-me a refletir sobre o que a Aleida Assmann (2021, p.318) contextualiza sobre a memória dos locais, que se desenvolve referências recordadas, mas não tem uma memória imanente. Faz parte de uma construção de espaços culturais significativos.

A autora discorre sobre a memória, através da recordação. Uma recordação que é particular de cada um, utilizando-se da ancoragem do espaço, do lugar. E aí eu me pergunto: O que profundamente de forma simbólica eu poderia identificar? Qual o símbolo tem importância no nome do Condomínio que enfatiza uma marca de território, como se o prédio pertencesse a um grupo de descendentes calabreses.

Não consegui dialogar com ninguém. Encerrei a Deriva de hoje por conta do mau tempo, muito trovões.

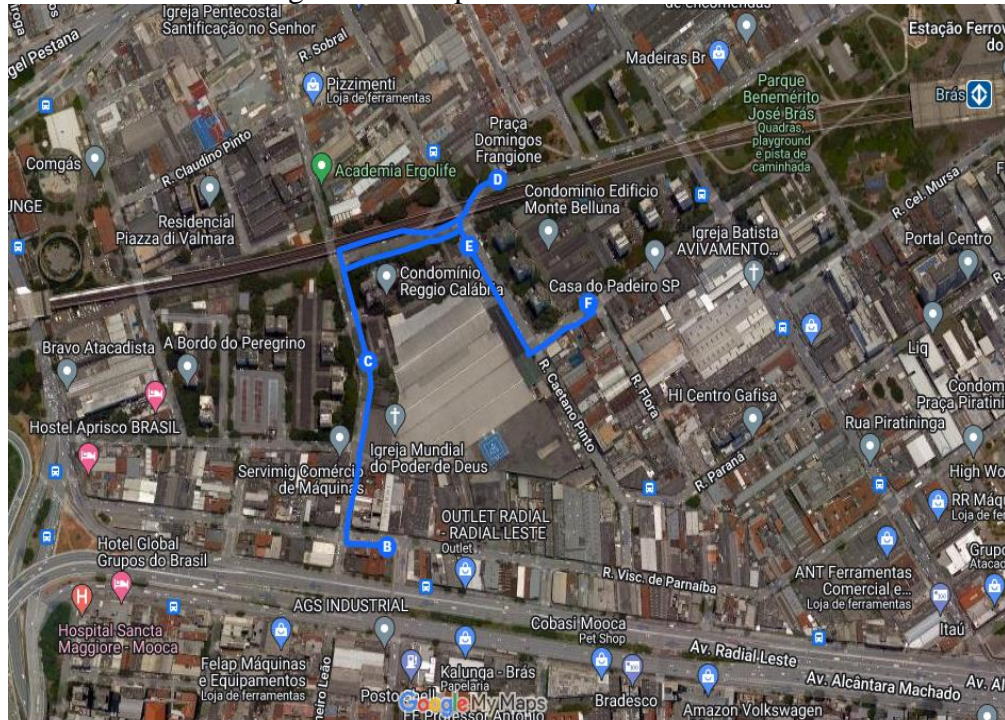
Figura 59 - Trajeto da Deriva



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA 59 Trajeto da Deriva: Bairro Brás. São Paulo: Google, 2022. 1 mapa, color

Figura 60 - Mapa ilustrativo da Deriva



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA 60 Mapa ilustrativo da Deriva: Bairro Brás. São Paulo: Google, 2022. 1 mapa, color.

#### 5.4 – *Quarta Deriva*

A escolha do lugar e do dia de domingo, deu-se pelas motivações de uma Deriva que havia sido realizada. Neste sentido, criou-se uma expectativa acerca das informações coletadas que se perderam no decorrer dos registros.

O percurso foi iniciado a partir da Rua Caetano Pinto, sentido Av. Rangel Pestana. A ideia neste momento, era o de aproveitar o cotidiano nos dias de domingo e tentar uma atmosfera diferente, uma ocasião acerca do que prevê Guy Debord (1958).

##### **5.4.1 - *Caderno de Campo: Brás – Caetano Pinto -Rangel Pestana – Carneiro Leão - 30.1.2022***

São 12h00, horário que defini para sair, pois tinha a ideia de conseguir registrar as referências culturais do domingo - 16.01; já que algumas fotos foram perdidas. A ideia era tentar refazer o trajeto e descobrir algo diferente daquele domingo.

Segui em direção a Loja de couros “Outlet do primo” na Av. Rangel Pestana, a fim de verificar se conseguiria falar novamente com Senhor N(fictício). Durante o percurso, pela Rua Caetano Pinto - reduto da colônia italiana no início do século XX; e das grandes mobilizações políticas e sociais (ANDRADE, 2000) me deparo com uma construção descaracterizada, no número 68, porém com uma pintura recém colocada e algumas pessoas caminhando pela calçada. A construção tem um brasão com as siglas PP, que se refere a provável família da época.

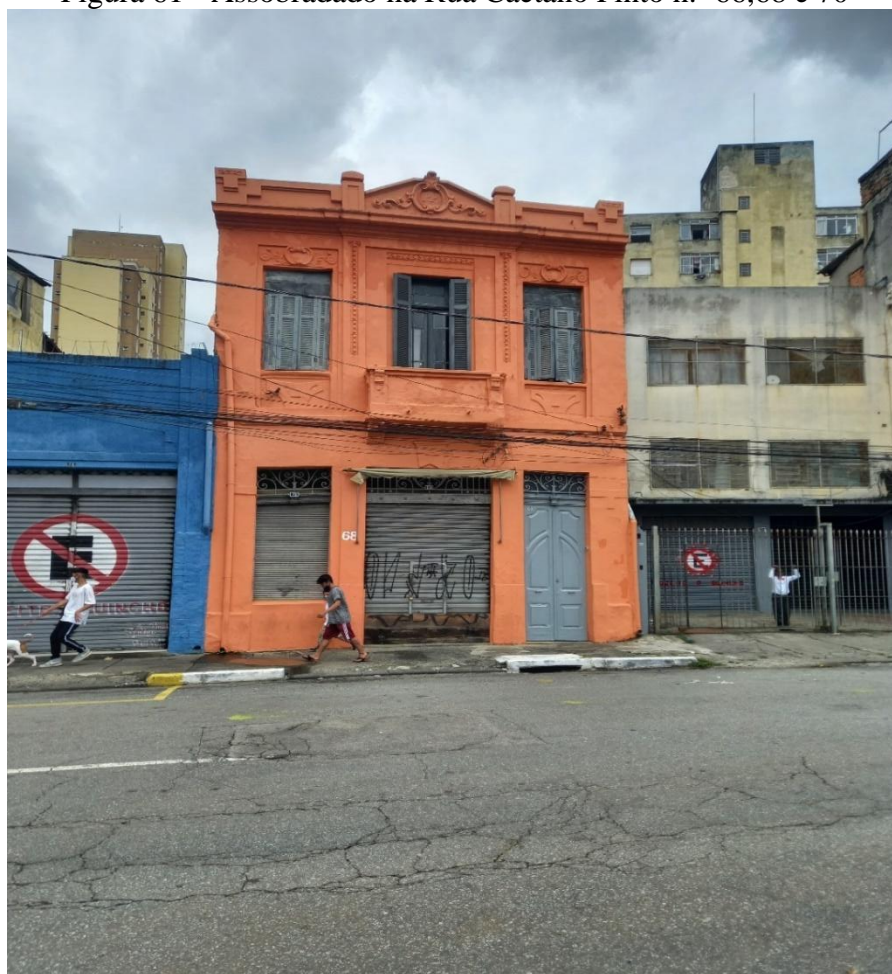
O símbolo aparente, tende a dialogar com a perspectiva de Abreu (1998, p.18) quando o autor se refere ao tempo e espaço, no que concerne a história, que de certo modo, poderia contribuir com a elucidação da memória das cidades, através dos vestígios materiais que dão suporte, sobretudo, o que mais importa aqui não se trata apenas de desvendar a história, mais a importância das pessoas que um dia habitaram ou habitam a edificação. Quais seriam as singularidades ofuscadas atrás deste semblante de cor alaranjada, com janelas semiabertas e portas altas?

Vitorino (2008, p.48) dialoga sobre as habitações operárias, e cita os cortiços como uma habitação insalubre da época. O formato das habitações segue uma expectativa dos imigrantes europeus, mas também uma exigência dos órgãos de controle, a fim de evitar construções na região do perímetro do comércio, pouco se importando com a insalubridade.



As construções da época da imigração (séc. XIX e XX), confundem-se aos diversos tipos de habitação importados da Europa, alguns Palacetes, Assobradados, Vilas. “as exigências para um cortiço eram (...) “portas e janelas devem ter 0,90m a 1,00m e o duplo correspondente em altura”,” o pé direito deve ter 4,00 a 4,50m”. (VITORINO, 2008, p. 48). O tamanho das portas é bem similar as distintas habitações, como no caso do Assobradado ou Palacete da Rua Caetano Pinto de numerações 66, 68 e 70. (Figura 61).

Figura 61 - Assobradado na Rua Caetano Pinto n.º 66,68 e 70



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

A paisagem arquitetônica, remete ao passado simbólico, além de criar uma expectativa em torno das reminiscências de um lugar de memória, que por história, a Rua Caetano Pinto foi cenário de diversos movimentos sociais e políticos. A memória que se vê aqui, são pessoas percorrendo as calçadas com outros objetivos, não mais da disputa que Zélia Gattai (1986) que nos dizia sobre as brigas frequentes dos italianos e espanhóis nesta parte do território. (GATTAI, 1986).

Sigo em direção a Av. Rangel Pestana, a fim de buscar novos indícios e no trajeto algumas pessoas transitam, porém, sem perceber algo peculiar.

Retomando a Deriva, percebo que o Sr. N (fictício), já adiantou a pintura da edificação, diferente do outro domingo, ele não estava. (Figura 62);

Figura 62 - Edificação do Senhor N (Rua Rangel Pestana x Travessa Queiroga, Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Apesar disso, consegui identificar uma certa movimentação na rua, próximo ao estabelecimento do Sr. N, um Salão, sem caracterização. A função naquele dia, era o mesmo, de uma Igreja; Templo, ou algo parecido (Figura 63). Um espaço religioso de encontro, possível referência da cultura africana. Aproximei-me da porta para registrar o grupo que ali se encontrava, sentados, prestando atenção ao narrador.

Da porta, foi possível notar que o “culto” se fazia em “francês”. Logo retornei e diversos transeuntes (DEBORD, 1958) circulavam neste domingo, alguns indo em direção ao culto, outros de volta para casa.

Figura 63 - Templo na Rua Rangel Pestana no bairro do Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Figura 64 - Rua Rangel Pestana no bairro do Brás, próximo ao Templo evangélico



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Tratava-se de um domingo nublado e tranquilo na Rua Carneiro Leão, esquina com a Rua Sobral. Assim sendo, segui pela Rua Carneiro Leão 107, um Bar de esquina, cuja construção tem aspectos antigos, uma pessoa no balcão, o Bar aparentava que não seguiria aberto. Me chamou a atenção a localização, sempre passo por aqui e vejo um certo movimento neste bar, no entanto fiquei apenas com o registro.

No registro fotográfico (Figura 65) percebe-se outras edificações que tiveram alguma relevância no processo industrial do bairro. Ao lado esquerdo da foto, uma pontinha avermelhada, no topo da construção, que se refere à empresa Zêlo, na Rua Caetano Pinto, 129. Antes o prédio abrigou o Instituto Medicamenta Fontoura e Laboratório Anakol, provável concentração de italianos (A GAZETA DA FARMÁCIA, 1946, p.9).

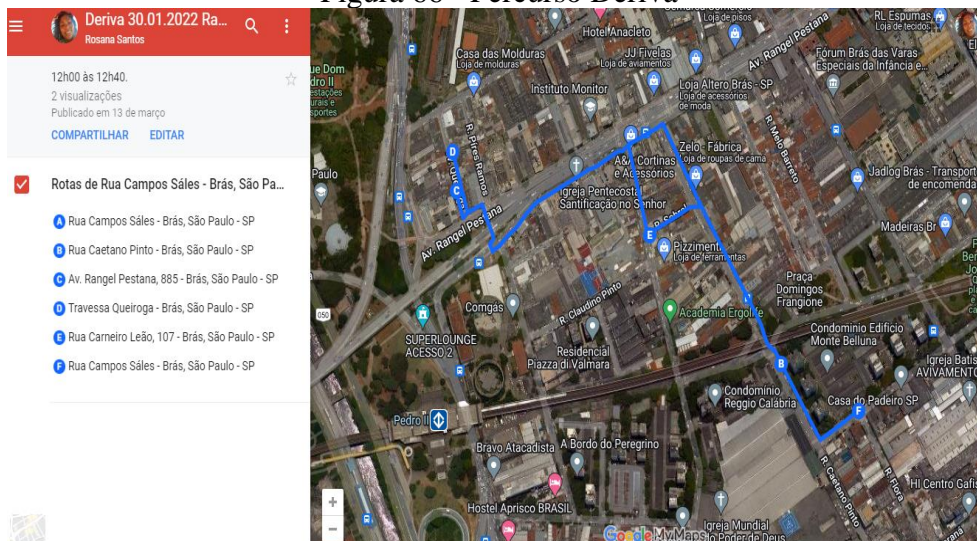
Retornei por esta mesma rua, porém sem evidenciar vestígios expostos que retratem transeuntes aparentes italianos. Fim da Deriva – 12h40, ilustrada na (Figuras 66 e 67).

Figura 65 - Bar de Esquina na Rua Sobral x Rua Carneiro Leão



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

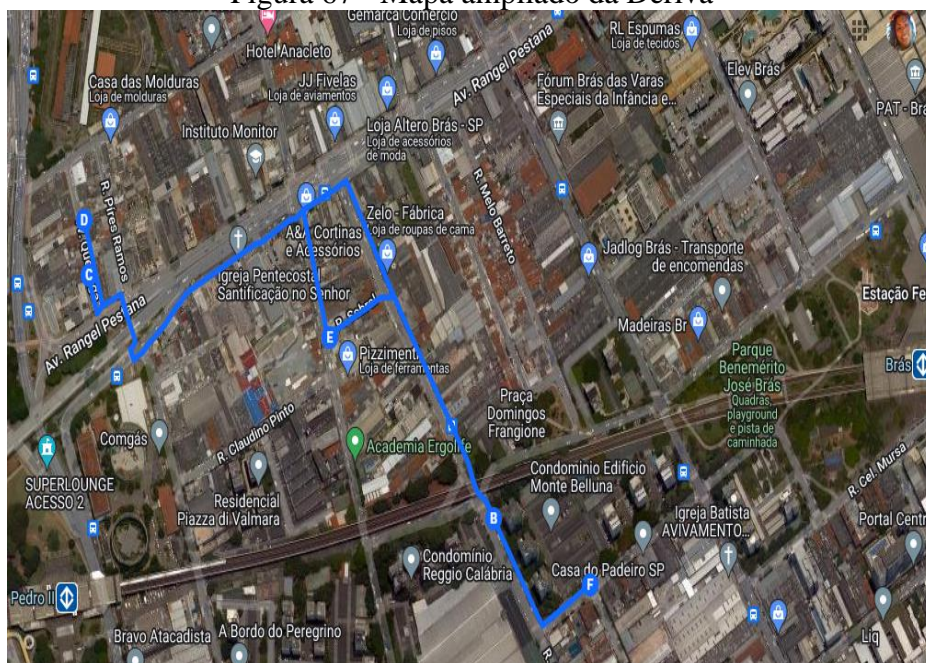
Figura 66 - Percurso Deriva



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA 66 Mapa Percurso da Deriva: Bairro Brás. São Paulo: Google, 2022. 1 mapa, color.

Figura 67 - Mapa ampliado da Deriva



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA 67 Mapa ampliado da Deriva: Bairro Brás. São Paulo: Google, 2022. 1 mapa, color.

### *5.5 Quinta Deriva: Brás e Mooca*

Mais uma vez escolho sair pela Rua Visconde de Parnaíba, neste “miolo” de ruas persisto nos resquícios da italianidade no território. A ideia neste dia foi a de contemplar o Território de maneira que pudesse ser atraída pelas particularidades de cada Bairro. Não existia roteiro programado, apenas um entendimento acerca da cotidianidade que perpassa pelas ruas e travessias dos bairros. O percurso num dia de Sábado poderia produzir outras narrativas diferentes de outros dias da semana.

O ponto de referência inicial, foi a Rua Visconde de Parnaíba, rua da última Deriva, referente ao dia 28.01, um pouco prejudicada, pelo mal tempo das últimas semanas.

O horário pensado, foi logo após o café da manhã, porém, alguns aspectos foram necessários para se precaver da possível chuva do final da tarde. Contudo, o início da Deriva seria, a partir da Passarela (esquina com a Rua Itapira) mas é importante dizer, que indiferente do ponto de início, é possível revelar outras questões durante o trajeto, o que de certo modo ocorreu.

Para Debord (1958) é possível pensar o destino e no percurso exercitar as percepções, é o que o autor salienta e nos ajuda a ser impactado pela inspiração do dia.

#### ***5.5.1 - Caderno de campo da quinta Deriva “Itália ou Bahia?” 05.02.2022***

A quinta Deriva foi realizada o dia 05 de fevereiro de 2022 na Rua Visconde de Parnaíba com início às 12h07 num sábado.

Como de costume, saí da Rua Campos Sales e o fervor das barracas de comidas (Figura 68) se animavam a espera dos fiéis que sairiam da Igreja Mundial.

Figura 68 – Transeuntes nas Barracas - Rua Campos Sales no bairro do Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

A Igreja Mundial, é a principal responsável pela aglomeração em alguns dias da semana neste lugar, principalmente aos sábados. A cotidianidade neste ponto de referência, já ocorre a tempos. O Templo abriga uma programação, que contribui para que transeuntes de outras localidades abarquem o Bairro em dias alternados.

O mais curioso, é que a Igreja Mundial (Figura 69) é geminada a Paróquia de Casaluce, de tradição napolitana. As duas referências culturais religiosas, representam boa parte das manifestações sociais presente nesta rua. É aqui, neste ponto, que ocorre a Festa italiana da Casaluce e é rua da Sede da Central Única dos Trabalhadores (CUT) aquela que organiza o Bloco do Pinto, no Carnaval, tradicional nos meses de fevereiro.

Figura 69 - Esquina da Rua Campos Sales x Rua Caetano Pinto, Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

A decisão de retomar este percurso, se deu pela dificuldade a uma tentativa frustrada, dias anteriores, devido ao mau tempo, exatamente no dia 28 de janeiro. A segunda rota de observação, segue por um pedaço da Rua Caetano Pinto. Na esquina desta rua, volto ao ponto em que estive anteriormente.

. É possível compreender que às vezes, a interrupção ao acaso pode ser prejudicada, porém a observação se dá pela sucessão de Derivas que, aos acasos se revelam os atrativos psicogeográficas. (DEBORD, 1958, p.4).

Apesar de esta experiência ter sido pensada a partir da Rua Visconde de Parnaíba, sentido centro da cidade, o ponto inicial, se faz a partir da Rua Campos Sales. Lembrando que dias anteriores, o mal tempo havia dificultado a continuidade deste percurso.

Na ocasião, a chuva de forma intensa contribuiu para eu pudesse me abrigar em uma das coberturas de um prédio fechado. Exatamente neste ponto, aguardei a chuva diminuir, avistava do outro lado, o Restaurante Sabor de Minas, contudo, no dia da chuva, não consegui



identificar o nome deste Restaurante e o mais curioso em retornar, foi a de perceber novos detalhes, um exemplo disso; o próprio nome do Restaurante.

Apesar de São Paulo abrigar uma das maiores, se não a maior gastronomia do país, no bairro do Brás, os sabores típicos, são dialogados pelas tradicionais cantinas e pizzarias italianas, que aos poucos se esvaecem do bairro.

A referência ao Restaurante mineiro, contradiz a ideia italiana, o que problematiza ainda mais os transeuntes deste lugar e aí me questiono, quem seriam estes comerciantes ou transeuntes que consomem esta gastronomia? Aqui, apenas curiosidade, não me submeti a debruçar sobre está problemática. Assim, registrei apenas o nome do Restaurante: Lanchonete–Sabor de Minas.

Por se tratar de uma rua com paisagem urbana mista: comercial e residencial, o contraste concorre com as moradias simples e comércio local, dentre eles; Borracharia, mecânicas, funilarias e até logística abarcam o cenário desta rua.

Por um momento, lembro-me do dia do temporal, naquele dia, eu estava atenta ao casario, no pé da passarela, passarela esta, que liga o Brás a Mooca, na esquina com a Rua Itapira (Figura 70). Um casario de esquina, modelo assobradado com muitas janelas, e uma porta aberta. Ali, um Bar, lugar meio hostil, porém atraente pelo cardápio avistado de longe: *Aqui tem peixe frito na hora!*

Decidi, a partir de alguns passos, atravessar a rua e desviar do trajeto, me arriscar a uma nova “*Plaques Tournante*” como diziam os Situacionistas. No dia 28 de janeiro de 2022, tivera outras demandas, como a “chuva”, a sequência se desenrolava diferente. Aproveito a oportunidade, neste dia de Sol, para registrar o que ali existia.

Ainda na calçada, a poucos metros dali, avistava duas mesas com cadeiras de plástico e quatro pessoas. Era a ocasião perfeita para me atrever a conhecer o lugar. (Figura 70). Naquele momento, um pouco constrangida, pois, mesmo de longe, percebi as pessoas me vigiando, algo comum nos dias de hoje. Alguém fotografando, e de repente se aproxima, pode ser algo não corriqueiro para aquelas pessoas.

O Casario (Figura 70) se dispõe entre a Rua Visconde de Parnaíba e a Avenida Alcântara Machado, talvez um casario despercebido por outras pessoas, por suas imperfeitas condições aparente. Trata-se, de um assobradado com referências culturais de épocas que se confundem aos dias de hoje.

Como dizia, não tive escolha, ou tive! Ou parava e me apresentava, ou seguia pela passarela! No meu cotidiano, não é tão mais corriqueiro minha passagem nesta passarela, antes,

tinha o hábito de pegar ônibus do outro lado da Radial Leste, pois quase todas as linhas de ônibus que saem em direção à Zona Leste, partem do Terminal Parque D. Pedro e passam por ali e no final da passarela, é o 2º ponto de ônibus da Radial Leste ou Av. Alcântara Machado.

Figura 70 - Casario e Restaurante Ruas Visconde de Paranaíba e Itapira



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Seguia em direção ao Bar e os olhos de quem estavam sentados me seguiam. Parei, e sentados continuavam, um homem e uma mulher aparentemente um casal e ao lado, outra mulher junto a um senhor, dono do estabelecimento. Fui me aproximando e senti a presença de uma certa desconfiança que pairava no ar!

Logo em seguida, disse: *Boa tarde! Tudo bem com vocês?* Não sei por que, mas na ocasião, fiquei um tanto trêmula por dentro, deu uma vontade de sentar e pedir algo e começar o papo com eles, mas não me senti confortável.

Não existia um script (roteiro), os interlocutores são ocasionais durante os percursos, e de alguma forma a Antropologia, ou mesmo a Psicologia, surjam como um respaldo para estas subjetividades do local e do momento.

Além disso, é possível consultar Debord (1958, p.2) quando ele vem afirmar que “o terreno apaixonante que se move a Deriva deve definir-se ao mesmo tempo, de acordo com seus próprios determinismos e as relações com a morfologia social”. (DEBORD, 1958, p.2), o que me dá um pouco de segurança, em continuar a investigação.

Portanto, o grupo social do território, acaba sendo dialogado ao caminhar, apesar dos objetivos continuarem perseguindo os “resquícios italianos”.

Como um sopro de emoções, as pessoas respondem e vibra em coro “boa tarde”! Prontamente me apresentei, dizendo que era vizinha deles e que estava pesquisando o território. Esta é talvez, a minha melhor justificativa, durante todas as andanças.

Contudo, eles me olhavam ainda com tom de desconfiança, mas os indaguei: *O que me chamou a atenção aqui foi esta casa! Ela parece antiga e gostaria de saber um pouco sobre a casa, os residentes...*. Na ocasião, um dos homens ali do grupo, me questionou: *Mas você trabalha com construtora?* Eu me expressei que não e que apenas contemplava os estudos pelo Bairro e que a pesquisa busca entender a memória dos bairros, neste território, o que achei muito acadêmico para aquele momento. Assim sendo, acreditei ser necessário, mudar a estratégia e perguntei: *como é morar no bairro do Brás, para vocês?*

Logo, o Senhor Doni (fictício), respondeu com um tom ainda desconfiado: *“o melhor lugar é aquele que a gente vive e o que estraga o lugar são as pessoas!* “numa expressão afirmativa, concordei com ele. Em seguida, ele respondeu que está no Bairro a mais de 20 (vinte) anos e que ele fez a vida aqui. O Bar, portanto, é sua fonte de renda, como afirmou inicialmente e que os pratos principais, são a base de frutos do mar! Um bar simples, mas com cardápio atraente.

Continuei o diálogo, agora com mais confiança de ambos os lados, e questionei: *Onde o senhor nasceu? Qual sua origem? Já que está aqui a mais de 20 anos?* Ele respondeu de forma sátira: *“Minha origem é Portugal!* Eu na inocência, acreditei! Imediatamente ele sorriu, comentou que era da Bahia, da região norte da Bahia e se os portugueses chegaram lá, todos nós somos portugueses! Logo se afastou da conversa, talvez ou quase com certeza eu tenha atrapalhado o momento familiar.

Ainda de pé, ao lado de fora, próximo a mesa na calçada e próximo das pessoas, o Senhor Jô (fictício) entrou na conversa ao lado da esposa, que estava com as suas pernas estiradas no colo dele, um momento relax, pois tomavam uma bebida amarelada, copo médio, parecia uma cachaça, um aperitivo qualquer.

O Senhor Jô, se empolgou com minhas indagações e disse que ali tem muitos nordestinos, apesar de saber que um dia o Bairro foi conhecido como “italiano”, pois com firmeza disse que neste pedaço (MAGNANI, 2002) é possível se deparar, com mais fiéis frequentadores do lugar. Percebo neste momento, que talvez não tenham entendido a minha questão.

Um dos motivos de eu acreditar nesta falta de entendimento do Sr. Jô foi ele ter emendado uma conversa na outra, já foi falando, que trabalhou com Waldomiro (Presidente Pastor da Igreja Mundial) não diretamente, mas toma conta de alguns prédios vazios, que viraram pensões, estacionamento e que para não serem invadidos foi gerenciando estas propriedades. Comentou também, que já lucrou com a Igreja por atender a estas demandas, comercializando as estadias, principalmente numa das pensões que administrava. Confessou que tem pouca leitura, não sabe escrever, semianalfabeto, mas que sabe contar muito bem!

Durante toda a conversa, o Senhor Jô calculava quanto poderia lucrar com o atendimento dos fiéis no Bairro, porém a pandemia brecou a atividade de forma generalizada.

Por duas vezes o Sr. Jô (fictício) me perguntou se eu era Engenheira, ou trabalhava em alguma Incorporadora, talvez por conta da pergunta inicial sobre o assobradado.

Infelizmente, as referências não avançaram, eu acreditava descobrir algo sobre o casario e demais pessoas que ali residem ou residiram, porém, o assunto percorreu: Bahia, Portugal e Igreja Mundial, referências cotidianas deste lugar.

Além disso, o assunto foi sendo distanciado para outros fenômenos, como quando foi citado que até a hospedagem o Senhor Jô atendia antes da pandemia, e como clientes, os diversos grupos de idosas, que se acomodavam sem dinheiro em uma das locações que ele próprio gerenciava.

Decidi então, seguir o percurso, agradei o diálogo e subi a rampa da passarela, atravessei e já no fim dela, a Mooca “Baixa”, o Distrito Brás foi ficando para trás (figura 71).

Figura 71 - Passarela (Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Ao atravessar a passarela, e apesar de conhecer os principais trechos da região, pude esclarecer que ali na esquina, não era a Escola Antônio Firmino de Proença, mas a Escola Estadual Gianfrancesco Guarnieri (Figura 72), ou seja, a Escola Antônio Proença (Figura 73) é anexo desta Escola, ou vice-versa, nunca me atentei a este detalhe geográfico, que de certo modo, possa ter contribuído para as relações na cidade, ou mesmo no território na qual discorreremos.

Interessante pensar que estes lugares inscritos na cidade, reproduzem o espaço e permite ser um suporte à memória (ABREU, 1998). Neste ponto do percurso, um vestígio italiano, expressado no nome da Escola, mas que se refere, a um nome da dramaturgia, poeta, italiano de Milão, nascido em 1934, o ator *Gianfrancesco Guarnieri*, que foi homenageado por um Decreto do Governo do Estado de SP – SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO (SÃO PAULO, 2006)<sup>9</sup> alterando o nome Escola da Mooca para Escola Estadual *Gianfrancesco Sigfrido Benedetto Martinenghi de Guarnieri*.

A partir disso, foi possível lembrar que a Escola não tem memória, mas as pessoas poderiam ter e o que será, que as pessoas acharam sobre a Escola mudar de nome? É possível que Pollack (1989) consiga nos explicar, principalmente no que concerne as políticas simbólicas que empoderam ou alteraram a identidade social do lugar.

Será que este tipo de memória é resquício, é possível que não? Apesar da grandiosidade do poeta, da sua história imigrante, torna-se fundamental considerar que a força do ato político, me parece alterar outros significados, nem sei se neste caso tenha fundamento, mas evidencia-se uma construção de identidade, é o que consigo pensar neste momento do percurso.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/gianfrancesco-guarnieri-tambem-sera-homenageado-com-nome-em-escola-estadual-da-mooca/>. Acesso em 14.fev.2022

Figura 72 - Escola Estadual Gianfrancesco Guarnieri (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

De maneira geral, estas Escolas ficam perto da Vila, localizada na Rua da Mooca, 315. A *Villa da Mooca*, construída pelas Indústrias da região (REFÚGIOS URBANOS, 2022) foi residência do político José Serra. Não que esta informação, tenha a ver com a marca ofuscada no Bairro, porém, este lado do território, muitas das pessoas, costumam associar a Rua da Mooca, como a rua de moradia do político, como sendo uma das referências imigrantes de um determinado período.

A caminhada inspirada por Debord (1958) nos faz sair do comum e seguir em direção a outros significados.

Na calçada da então Escola Antônio Firmino (Figura 72), atravessei a rua da Mooca, percebi um beco. Por instantes, fiquei na dúvida se teria saída ou não. Uma placa indicava o

nome da *Travessa*, mas não tinha nada que me dizia que era sem saída. Nesta Travessa, cujo nome é Alto Floresta, adentrei e me deparei com um conjunto de sobrados, arquiteturas modificadas, um visual impecável.

Figura 73 - Lateral da Escola Firmino de Proença



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Não havia pessoas transitando, um lugar calmo, que remetia a um lugar do interior. Em alguns lugares na Mooca, é possível ter esta sensação! O que mais me chamou a atenção, foi uma Chaminé (Figura 74), aos fundos das casas.

Mais adiante, tentei seguir a minha intuição pelo espaço, para saber se do outro lado, conseguiria identificar algo sobre a empresa da Chaminé. O que teria sido neste lugar? Infelizmente, não encontrei ninguém para dialogar.

A Chaminé, está escondida entre os terrenos. A impressão é que ali seria uma Vila próximo a Fábrica, como uma forma de controlar os funcionários, minha percepção na hora!

Figura 74 - Entrada da Travessa Floresta



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Já na Rua Dom Bosco, rua esta do fim da Travessa, uma incógnita. Tantos anos entre um bairro e outro e nunca havia percorrido esta rua de tão perto. Senti uma vibração diferente, uma rua longa, que liga a Mooca ao Cambuci. Diversas casas, com ambiências distintas, entre casas antigas, remodeladas e poucos edifícios.

Aqui, diferente da Travessa, algumas pessoas, circulavam pela rua, uma expressão aparentemente preguiçosa num Sábado de descanso. Mais adiante, me deparei com uma Igreja, achei que fosse alguma Capela, ou até os fundos da Paróquia San Gennaro, justamente porque a Paróquia, estava do outro lado, bem próxima de onde eu estava, na Rua da Mooca, mas me enganei!

A Igreja ali um pouco apertada ao redor de uma espécie de Vilarejo. Identifiquei o nome, se refere ao “mesmo nome da Rua,” Igreja Dom Bosco (Figura 75), provável patrimônio histórico do Bairro. Na hora da foto, um carro parou bem em frente, e como a Paróquia estava fechada, não foi possível entrar.



Figura 75 - Igreja na Rua Dom Bosco, Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Ainda na Rua Dom Bosco, de costas para o registro fotográfico, um grafite expressado na parede, uma referência cultural atual, marcando o território com os dizeres “*Aqui também é Mooca*”, responsável pelo grafite “Falzé” (Figura 77).

Desta própria esquina, foi possível reverberar os vestígios italianos, através da Gastronomia que diferente do Brás, neste dia as impressões surgem através dos nomes que sublinham as placas dos restaurantes, se referindo a culinária italiana, entre eles, o “Pastificio Rondellini”, o “Dom Barão Bar”, o Restaurante “As Babinas” (Figura 76), a Padaria Aragão e demais comércios que indicam estar num bairro com tradição italiana.

Como dizia, nunca havia passado por ali e se passei, não me lembro de conhecer este pedaço.

Figura 76 - Fachada do Restaurante “As Bambinas”. (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Figura 77 - Marca urbana (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Algumas pessoas me olhavam enquanto fotografava e não encontrei brecha para conversa. Antes de seguir, na própria calçada do grafite, foi possível perceber o tráfego da Av. do Estado e ainda um Conjunto de sobrados intactos (Figura 78). Ali caminhavam algumas pessoas, camisetas vermelhas reforçavam o colorido do lugar.

Conforme registros, os conjuntos se referem a um Projeto da Década de 20, século passado, do Arquiteto Russo Gregori Warchavchik, que chegou ao Brasil para semana de Arte Moderna e projetou estas edificações para os operários da época (PORTAL DA MOOCA, 2022).

Figura 78 - Conjunto de sobrados – (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Dali da esquina, logo avistei a fachada da Festa de San Gennaro (Figura 79), uma das mais tradicionais festas italianas do Bairro da Mooca, considera-se o Padroeiro do Bairro. Uma entrada desconhecida, pois fica na lateral, não é a entrada principal.

Havia transeuntes na rua, bem pouco, por sinal. Para ser sincera, nunca fui à Festa de San Gennaro, parece inusitado, mas são tantas festas na região que a presença se torna opção.

Antes de adentrar ao Portal da Festa, um Bar aberto (Figura 79), na esquina. Já estava caminhando a aproximados, 1 (uma) hora e sentia sede. Desta vez, uma boa oportunidade em conhecer e sentir o lugar.

Figura 79 - Rua Dom Bosco, próximo ao espaço San Gennaro (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Entrei no Bar, muito simples, um botequim. Um Senhor de cabelos grisalhos lavando a louça. (Figura 80). O Bar sem clientes, era uma boa oportunidade para começar um diálogo. Assim, pedi uma água, ele me direcionou ao Freezer ali fora. Peguei a água e uma coca cola KS (garrafa).

Logo, perguntei a ele, se por estar ali, teria muito italiano, já que o Bar está dentro do Portal da Festa. Para minha surpresa ele respondeu: *Aqui não! Lá na Mooca Alta que você vai achar!*

Uma pista se abria. Ele lavando a louça, e eu no balcão, me expressei: *Nossa! Um lugar tradicional não tem mais italianos?* Novamente ele enfatizou, “*os italianos daqui foram tudo para lá,*” na Mooca Alta. Comentou que ali estava tudo deserto, muito perigoso, a região já algum tempo está abandonada e que depois que as empresas se mudaram dali a região ficou um caos; muita invasão, as pessoas dali são discriminadas, principalmente se falar que mora na Mooca Baixa, já olham com desprezo, preconceito.

Em seguida, perguntei há quanto tempo ele estava no bairro e ele disse que a mais de 20 (vinte) anos, veio para São Paulo, em meados de 1970, da Bahia, Vilarejo do sertão lá em Patamuté. Como coincidência do dia, o Sr Patamuté, também está na região há 20 anos.

Como uma influência do subconsciente, sei lá! Eu afirmei: *Minha família também é da Bahia, tenho um pezinho lá.* Depois desta frase, ele se interessou em conversar, perguntou de onde minha família era, eu relatei que seria lá do interior do Estado, região de Chorrochó, não conheço ainda.

Ele imediatamente disse: “*O Vilarejo que nasci é bem próximo de lá e começou a falar das famílias por sobrenomes, que porventura eu pudesse saber alguma influência da família dele*”. Contudo, não me aprofundi e reforcei que não tenho informações contundentes a respeito.

Durante a conversa, ele comentou que criou os filhos dele ali na Mooca e que veio para São Paulo com 9 (nove) irmãos e os que estão vivos moram distante, sendo um na Argentina, outro em Fortaleza e só ele aqui na Mooca.

Afirmou também, que quando veio para São Paulo, tinha 17 anos, depois de 33 (trinta e três) anos em São Paulo, retornou à cidade natal, achou tudo diferente, um Estado com uma maior riqueza econômica, comparado ao tempo que ele saiu de lá. Disse também, que na Bahia “corre dinheiro” (uma expressão nordestina) e que os estrangeiros estão lá, investindo, exportando a matéria prima.

Entre um gole e outro, tentava retomar ao que me levou ali “indícios, vestígios italianos”, mais uma vez, ele comentou sobre a Festa italiana, que já foi boa, lotava, mas hoje em dia, principalmente Pós-Covid-19, a Festa está se reinventando.

Enquanto agradecia a atenção dele, uma senhora chegou ao Balcão, pediu uma cerveja em lata, conhecida dele, a impressão que tive na hora, pois não pagou, pediu para anotar o fiado

e saiu. Durante a despedida, ele concluiu que criou os filhos ali, brincando, mais que infelizmente a maioria da garotada viraram tranqueiras. Ele mostrou as árvores da rua, foi ele que plantou, frutas, como ameixas, carambolas e demais espécies nos arredores do Bar.

Figura 80 - Bar do Sr. Patamuté (Fictício) Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Conseguí me despedir e entrei pelo Portal da San Gennaro, não conhecia. Logo na entrada, registrei algumas casas, uma delas por sinal com as cores da Itália (Figura 81), reforçando a presença italiana por ali, mesmo que o Sr Patamuté afirmou que não tem mais italianos, a marca é percebida nas paredes de uma casa também com porão. Pelo que percebi esta parede faz parte da Administração da Festa de San Genaro. Mais uma vez, não imaginava que eu estava sendo observada. De repente, uma senhora andando em minha direção, disse: *“aquela casa que você fotografou agora a pouco, está para alugar! O dono está morando do outro lado, pode fazer um preço legal”*. Eu sem entender nada, um pouco insegura, saí rapidamente pelo Portal, agora não mais pela rua Dom Bosco, mais pela rua Dona Ana Néri. A rua Dona Ana Neri que começa na rua da Mooca.

Figura 81 - Cores da Itália – Espaço San Gennaro, Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Figura 82 - Portal 2 da entrada da San Gennaro no Bairro da Mooca



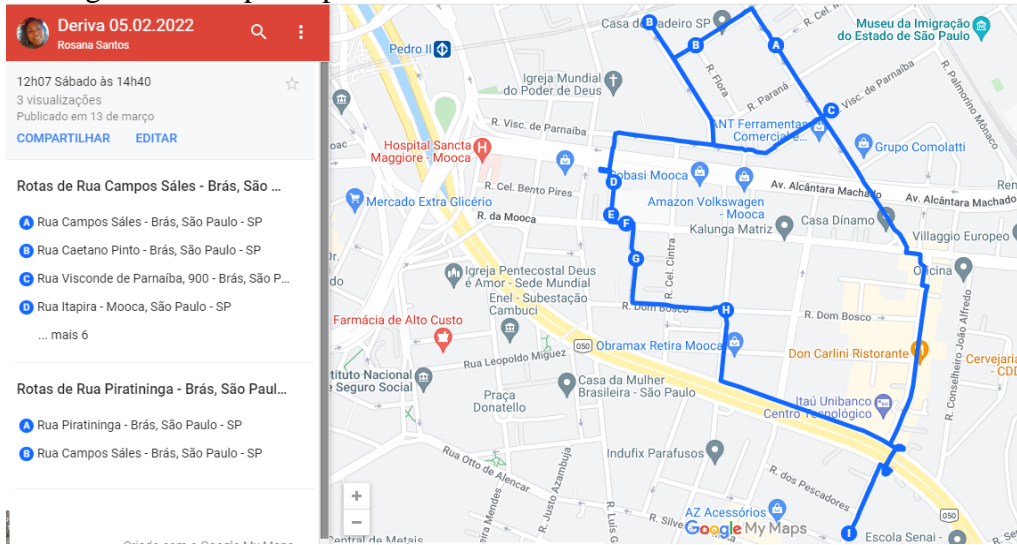
Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Retornei para casa, cruzei a rua da Mooca e saí pela rua Piratininga. Já um pouco cansada, encerrei o percurso às 14h40. Contudo, esta experiência pode revelar alguns contrastes entre o discurso e a cotidianidade a ser analisado posteriormente.

As figuras (83 e 84) expressam o percurso realizado neste dia.



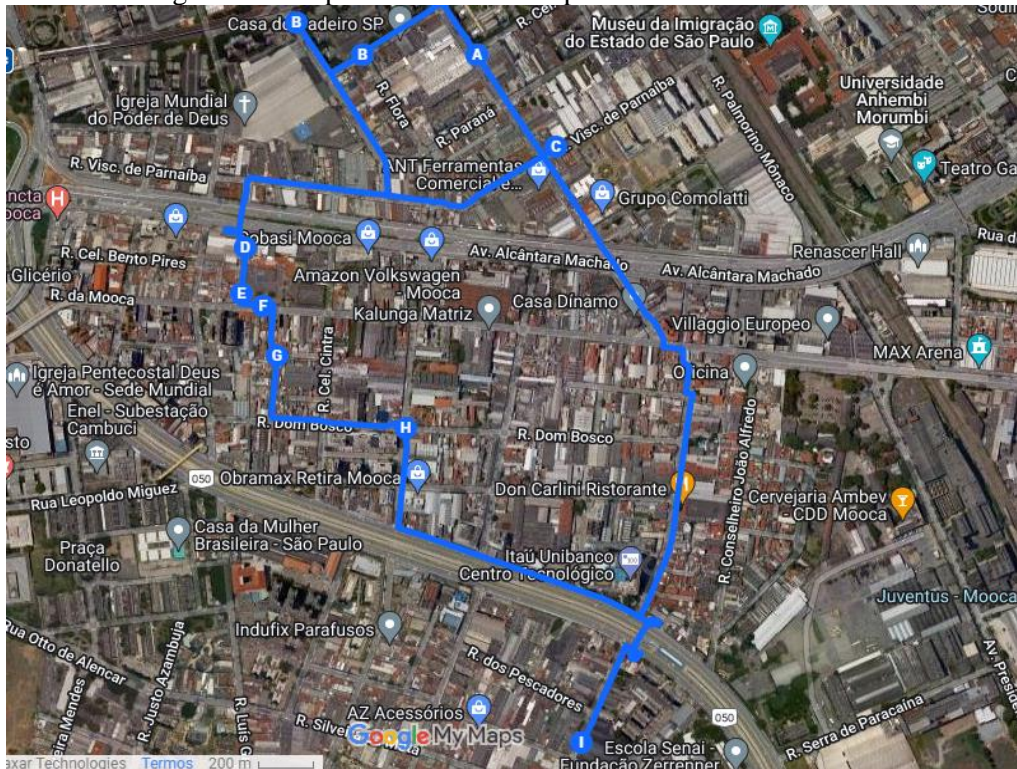
Figura 83 -Mapa do percurso realizado no Bairro do Brás em 05.fev.22



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA 83 Mapa do percurso realizado: Bairro Brás. São Paulo: Google, 2022. 1 mapa, color.

Figura 84 - Mapa da vista aérea do percurso no Bairro do Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA 84 Mapa da vista aérea do percurso: Bairro Brás. São Paulo: Google, 2022. 1 mapa, color

5.6 Sexta Deriva: Metrô Brás – Bresser Mooca

### 5.6.1 Caderno de Campo - Dia: 11.2 – Saída às 13h – Término às 14h45 Dia Nublado, pouco sol.

O relógio marca 13h00 e vou para mais um trajeto. Este foi também iniciado a partir da Rua Campos Sales, sentido Rua Piratininga, saí a esquerda para adentrar a Rua Coronel Mursa, rua esta, com adensamento de um novo condomínio, que já possui alguns comércios locais e poucas residências. A que sobrou nesta rua, está ocupada por Igrejas e lacres da Prefeitura. A Rua Coronel Mursa, que por sinal, tem nome militar, possui uma edificação que abriga a Fundação Casa, nela também, um dos principais acessos para se chegar à Estação do Metrô Brás, localizado na Rua Domingos Paiva.

Durante o percurso, não tem como não notar a pujança da construção civil, na Rua Coronel Mursa, 167. (Figura 85).

Figura 85 - Rua Coronel Mursa



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Alguns destaques do cotidiano afloram-se na rua de grande fluxo, seja de transportes ou pessoas; - transeuntes que costumam passar diariamente no local, para chegar ao metrô Brás.

Ainda na Rua Coronel Mursa, uma Escola infantil, a EMEI João Mendonça Falcão (Figura 86), inaugurada em 1996 com uma pintura nova, colorida que segundo informações a pintura, foi uma ação recente do Coletivo Salve Brás, um grupo de interessados pelo Bairro e presente nas redes sociais.

Outros registros deste dia, contrasta mais uma vez, com a predominância da Igreja Mundial no Bairro, já ocupando os sobrados da rua, como meio de atender as demandas excursionistas que chegam semanalmente.

Figura 86 - Lateral da EMEI João Mendonça Falcão



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Mais adiante, já próximo à Estação do metrô Brás, um pouco de desleixo da área desativada. Recentemente, por conta de alterações no uso do antigo estacionamento do metrô, a Administração do metrô parece-me ter disponibilizado a área, para lojas futuras.

Como disse, defronte a Estação, localiza-se a Fundação Casa, uma Instituição que abriga menores infratores. O local é conhecido como Complexo Brás e ao andar em direção ao metrô, é notório perceber os rabiscos aparentes nas paredes, símbolos que se misturam ao cotidiano do Bairro e na divisa do Complexo (Figura 87). Os rabiscos chamam a atenção, não se trata apenas de “pixo”, como alguns dizem, mas inferências em formato de “*lambe-lambe*” “não tão mais comuns de encontrar.

Na parede lateral do prédio antigo, de uma suposta Fábrica (desconhecida), geminada a entrada principal do Complexo, frases surgem como efeito imediato a minha percepção, talvez por se tratar de referências culturais que não são ditas tão enfaticamente:

*“sin papeles, sin techo, o sin tierra, todos somos migrantes em desorden global”. E ainda “no human beigin is ilegal”. (sem papeis, sem teto ou sem terras, somos todos migrantes na bagunça global e “nenhum ser humano é ilegal”). (Tradução nossa, 2022).*

Tais referências do “lambe-lambe” revelam uma presença cultural diferente no Bairro. Sem autor identificado, seguimos adiante.

Figura 87 - Parede do Complexo Brás (Sem autor)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Por alguns instantes, reflete-se acerca de que somos imigrantes no próprio lugar, alguns sem casa, outros sem perspectivas e de fato, uma bagunça generalizada, que em tempos e tempos, os fatos sociais, se repetem. O que chama mais a atenção, é o fato de a Estação Ferroviária Brás, estar tão próxima, do que já foi chamado de Hospedaria dos Imigrantes, do outro lado da linha do trem. A antiga Hospedaria dos Imigrantes”, torna-se um lugar de memórias que, por mais de cem anos, revigora o lugar, alterando às memórias dos que se inserem neste território.

O ponto compreendido neste instante, se dá a partir da entrada da Estação de metrô. Verifica-se a oportunidade de aproveitar a diversidade deste espaço e decidir seguir à direita, entrada da então Estação ferroviária da CPTM do Brás.

A Rua Domingos Paiva, refere-se a um antigo comerciante português, que foi Benemérito em São Paulo ([dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br](http://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br)), e conforme Cirrione (2010), um antropotopônimo;

Os antropotopônimos são parte integrante do texto toponímico (mapa léxico) dos bairros em exame, inventário que reflete a realidade geográfica, histórica, política e social de uma microárea da cidade, e que, cristalizando-se em léxico urbano, transforma-se em memória pela força de sentido de identidade dos membros de uma comunidade que compartilham das mesmas tradições linguísticas, territoriais e históricas”. (CIRRIONE, 2010, p27).

Neste caso, apenas uma menção sobre as referências que constituídas ao longo dos anos, por diversos sentidos identitários produzem narrativas no lugar. A Estação, por sua vez, foi construída em 1867, pela São Paulo Railway; antiga Estação “*Braz*” (Figura 88), linha do Norte que por diversos anos, sofria com a degradação. (TORRES, 1985).

Logo adiante, a borda da entrada da Estação de trem CPTM do Brás apresenta uma nova fachada. A fachada foi recentemente restaurada, por um algum projeto de revitalização.

Figura 88 - Estação da CPTM Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Nesta sexta-feira, o comércio segue trabalhando intensamente. Nas proximidades, foi possível perceber o alvoroço dos comerciantes e compradores. A partir de então, e de maneira simbólica, surge uma Praça, pouco desconhecida, mas que de alguma maneira, desperta curiosidade.

Numa fração de segundos, pude identificar um rastro italiano, dado como nome à Praça “*Ítalo Lázaro Nicodemo*” (Figura 89). Em pesquisa superficial, verifica-se que se trata de um filho de imigrante italiano, nascido em 21 de julho de 1933, filho de Vicente Nicodemo (músico que tocou na Banda Filarmônica do Exército) e de Ernestina Calabrese. Pelo que consta, viveu durante muitos anos no Brás, na qual foi proprietário de uma sapataria na Rua do Oriente, faleceu em 2006, com 72 anos de idade (Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/>).

A Praça aparenta uma reforma recente, grafites novos, mas timbre de patrocínio, apoio da empresa Gamaro, a própria, foi responsável por este feito. Pelo que conta nos órgãos oficiais do Patrimônio, a Praça está na área envoltória da Estação como Bem Tombado.

Figura 89 - Praça *Ítalo Lázaro Nicodemo* (Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

O percurso segue com olhares dispersos ao contorno lado A e B, da Av. Rangel Pestana, ponto exato, abaixo do Viaduto Maestro Alberto Marino (Figura 89) um necessário Viaduto, um dos principais da região, pois liga o centro ao Bairro da Penha, principal acesso aos comércios do Bairro.

Já por baixo do Viaduto, caminhando pela calçada, do lado direito, saí em direção ao centro da cidade, numa espécie de retorno para o local de origem. Por alguns segundos, já no pé do Viaduto, resolvi mudar o percurso.

As impressões são diversas, lojas espalhadas por todas as brechas que o terreno pode abarcar. São lojas compartilhadas entre os mais diversos portes de comerciantes, sejam de tecidos, couros, decorações, lonas, atrativos estes, que demandam clientes também para (flanelinhas) que disputam cuidar dos veículos que chegam ao Bairro.

Além disso, é possível perceber os usos dos espaços, sobrados antigos ocupados por segmentos diversos conforme comentado.

No pé do Viaduto (termo subjetivo) decido subir e atravessá-lo, apesar de difícil decisão, por estarmos numa Pandemia de Covid e o fluxo de pessoas e carros são um caos. “Os transeuntes” é um termo muito usado pelos Situacionistas no século passado (DEBORD, 1958).

Figura 90 - Viaduto Maestro Alberto Marino (Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

A ambiência do Largo da Concórdia, no Brás, lado que eu seguiria, tem um aspecto de aglomeração, em qualquer dia da semana. Não poderia esmorecer, pois ali trata-se de um lugar cheio de ambiências, que poderiam distinguir a população no território. Não somente isso, mas a oportunidade de pensar as manifestações e marcas que o território carrega.

O Bairro do Brás, dependendo da área geográfica, consiste em se destacar por ambiências alegres, ambiências de comércio, ambiências do cotidiano, entre outras já identificadas nos percursos realizados. Tais denominações, são provocadas pela pesquisa em curso.

Voltemos ao ponto de decisão, ali no pé do Viaduto Alberto Marino, que consiste nas “*plaques tournantes*” que conforme Debord (1958), “são desvios de direção espontâneos”, que por um acaso afetivo, escolhemos o trajeto.

Já no início do Viaduto, do lado de cima, me impressiona um sobrado amarelo (Figura 91), todo pixado, um Senhor comerciante, numa barraca me observando lá de baixo. O curioso, é que eu vim de lá, passei por ele e naquele momento não os percebi. Somente ao caminhar, ao lado dos gradis em péssimo estado, do Viaduto, consigo questionar de o porquê, quando estava lá embaixo, não havia notado. Talvez, se tivesse notado, poderia ter ali uma conversa informal.

Figura 91 - Edificação amarelo – Visto do Viaduto



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

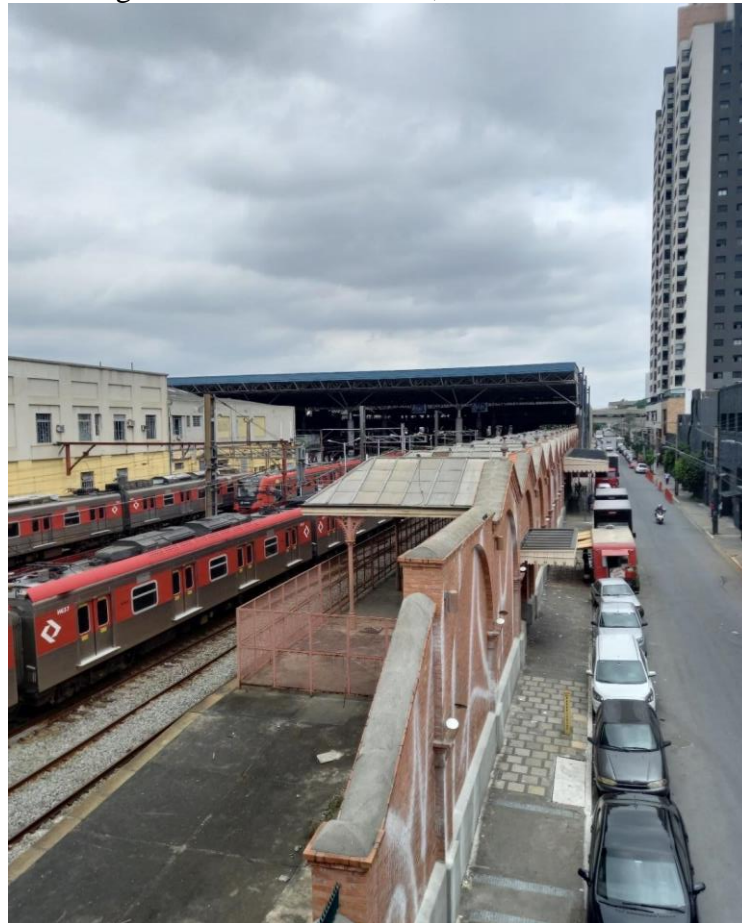


Estar em Deriva é arriscado e digo isso, pois neste instante começo a me preocupar com a segurança, caminhar em meio aos pedestres com aglomeração e ainda fazer anotações, fotografar, expor equipamentos, o que dispersa o real objetivo; andar sem preocupação e seguir os sentidos.

Ao caminhar pelas ruas do comércio do Bairro do Brás, a atmosfera torna-se bem diferente. Ao mesmo tempo encanta ver as pessoas, a vida acontecendo e presenciar as nuances do perigo à sua volta. Além disso, aguçar a curiosidade de outrem que também nos observa.

Assim sendo, atravesso a larga Avenida e no ponto central, me arrisco a registrar a Estação do Brás, agora pelo lado de cima. (Figura 92).

Figura 92 - Linha do Trem, Visto do Viaduto



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Figura 93 - Estação Brás da CPTM – visto por cima do Viaduto



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

O que me atrai são as ambiências do cotidiano, uma hora alegre, outra nem tanto. Me desafio a imbricar no meio da multidão, uma diferente perspectiva me leva para a rua lateral da entrada principal da Estação de trem (Figura 94), a Rua Doutor Almeida Lima, que tem seu início na Estação do Brás e termina no Bairro da Mooca.

Figura 94 – Transeuntes no Largo de Frente com a Estação de Trem Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Um turbilhão de referências se aproxima de mim, entre pessoas, barracas, lojas, sons, tudo ao mesmo tempo, fica até difícil identificar um resquício italiano. Num percurso desprezioso, livre ao desconhecido, ambiências mudam consideravelmente. Compradores, vendedores, ambulantes, viajantes, sim viajantes! Ali ao lado da Estação, um aglomerado de Agências de viagens (Figuras 96 e 97) com destino preferido, o ‘nordeste’. Nesta localidade, torna-se necessário ficar atenta, a vulnerabilidade social e sanitária existente, muito em virtude da pandemia da Covid-19.

Um fato relevante, é a presença da diversidade cultural e demais referências, que são construídas com o passar do tempo. As referências culturais estão por toda a parte, seja através das pessoas comprando passagens, mercadorias nas calçadas, carregadores assessorando, cenas do cotidiano de uma ambiência multicultural (Figura 95).

Figura 95 - Início da Rua Dr. Almeida Lima (Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Através da Rua Dr. Almeida Lima, o trajeto percorre pela Rua Cavalheiro, curiosa rua de “transeuntes viajantes” que encerra na Rua Joaquim Nabuco, esta rua por sinal, já com uma ambiência temática, rua de comércio de chinelos, calçados, afins.

Figura 96 - Agência de Turismo e cargas - Rua Cavalheiro, Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Figura 97 - Agência de Turismo e Cargas - 2



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Ao meio deste burburinho, um conjunto de sobrados antigos, conservados. Fiquei na esquina observando o conjunto, mas a insegurança aflorava a minha preocupação. Pessoas dispersas me observavam de longe. Paro e penso sobre esta experiência em um formato coletivo, na qual, juntamente com outros pesquisadores, abarcaria novas descobertas.

A dinâmica da cidade e do Bairro Brás, dialoga com o século passado, na qual evidências culturais, são ditas por outros autores. Já próximo à Rua do Hipódromo (lado Brás), na Rua Gomes Cardim,81 o fluxo é mais calmo. Parece-me que mudei a ambiência sonora. Uma casa (Figura 98) sobressai ao meu olhar, sobrevivente ou não do cortejo da especulação imobiliária, que neste trecho ainda não chegou.

O que tudo indica, a Churrascaria não sobreviveu a pandemia da Covid-19, no entanto, os aspectos arquitetônicos e um símbolo nos fundos da casa, revelam uma devoção a salvação do espaço, um crucifixo.

Segui como se tivesse algo a mais nesta localidade. São ruas que pessoas do Bairro não frequentam, talvez uma porção do território que são visitadas por comerciantes, atacadistas entre outros empreendedores.

Pelo aspecto antigo, é possível considerar que aqui tivera no século XIX e XX uma presença de muitos estrangeiros. A história vai nos contando e como uma espécie de

rememoração, somos afetados pelo que existe hoje, sempre na perspectiva de entender o que aqui significou ou significa para esta população do século XXI

Figura 98 - Frente de uma Edificação (Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Figura 99 - Conjunto de Sobrados na Rua Gomes Cardim (Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Os sobrados (Figura 99) sobressaem aos olhares de um tempo operário, apesar que o que mais se evidencia, são pessoas que tem estas habitações como providência provisória do comércio, uma alternativa que viabiliza a produção econômica no comércio do Brás. Não é

possível afirmar quem são estes sujeitos no momento da Deriva. A mistura de transeuntes circulando e casas fechadas, impede a aproximação. O lugar acaba sendo perigoso, pois não se trata apenas de investigar, mas de “invadir” algo que não querem mostrar. Persigo sentido Mooca pela Rua do Hipódromo, até a Estação Bresser-Mooca.

Já na Rua do Hipódromo, quase chegando ao Bairro da Mooca, identifico várias particularidades em uma ambiência complexa. A ambiência é despertada por Vilas escondidas ao comércio evidente. Outras cenas são possíveis pela artimanha das grades, que nos impedem de acessar, mas por outro lado, é visível, os paralelepípedos como marca de um passado. Será que aqui ainda habitam descendentes de italianos e diversas nacionalidades, em virtude da imigração?

As câmeras de segurança vigiam o cotidiano deste lado do Brás, de dia e de noite, os seguranças ora nas cadeiras, ora no sistema digital, tentam coibir a entrada, ao acervo residencial particular.

É possível perceber construções que perderam sua funcionalidade, pelo que contam, nesta rua existiu um Presídio (Figura 100), ainda não sei em qual época, mas revela-se uma memória subterrânea (Pollak, 1990) em meio às diversas habitações da localidade.

Figura 100 - Edificação não identificada (antigo Presídio, Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Ao caminhar contempla-se o contraste nas ambiências das “Vilas”. A Vila Berta (Figura 101) que demonstra um aspecto rústico um pouco transformado, porém, ainda despertando a

curiosidade. A quantidade de entradas de registros de medição de leituras de energia, desafia-se a pensar mais como aparador, um banco de sentar ou mesmo um limpa-sapato. Que pena, “fumo e não encontremo ninguém”!

Figura 101 - Entrada da Vila Berta



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022)

Já na Vila da rua Antônio Rolim Junior (Figura 102), a expressão é típica de cidade do interior, árvores frondosas ajudam a sombrear entrada da Vila. A proibição de entrada está disposta com aviso “*Acesso permitido exclusivo dos moradores*”. Através das frestas do portão, é possível identificar sobrados geminados enfileirados de um lado e de outro, além do paralelepípedo evidente no passeio de entrada.



Figura 102: Vila Rua Antônio Rolim Junior x Rua do Hipódromo (Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Já perto de chegar ao metrô Bresser-Mooça, última Vila, a Villa Belino Iasi (Figura 103), na Rua particular de mesmo nome. Diante de câmeras de segurança e grades, não encontrei ninguém!

Figura 103 - Villa Belino Iasi (Yasi), Rua do Hipódromo, 636 Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Entre Vilas, Vieiras e Becos, me aproximo da Estação Bresser Mooca, aqui já a um passo de chegar ao Bairro vizinho. Outros transeuntes alteram o espaço, agora uma rua de comércio de sacarias, um estacionamento de ônibus para o Nordeste. Ali próximo ao metrô Bresser-Mooca, já foi rodoviária e pertencia ao Bairro do Brás, por estar deste lado do território.

Começo a me despedir do trajeto, subo a rampa da Estação (Figuras 104 e 105) e chego ao lado inverso da Rua do Hipódromo, lá já Mooca.

Figura 104 - Esquina do Metrô Bresser-Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

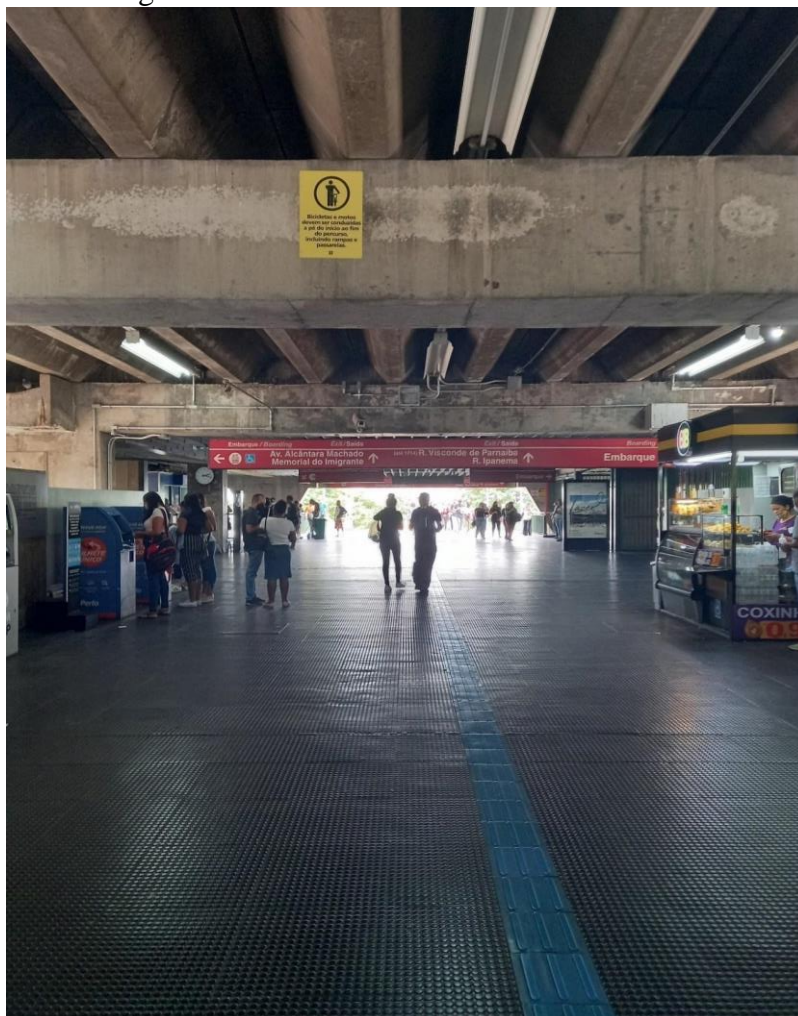
Figura 105 - Rampa do metrô Bresser-Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2022.

Nesta experiência me deparei com diversos sujeitos, entrelaçados no cotidiano regional e nacional, sujeitos trabalhadores, comerciantes, famílias e rastros de memória, presentes atrás dos muros, das placas, mas que não pude me debruçar em uma conversa que pudesse ampliar as referências.

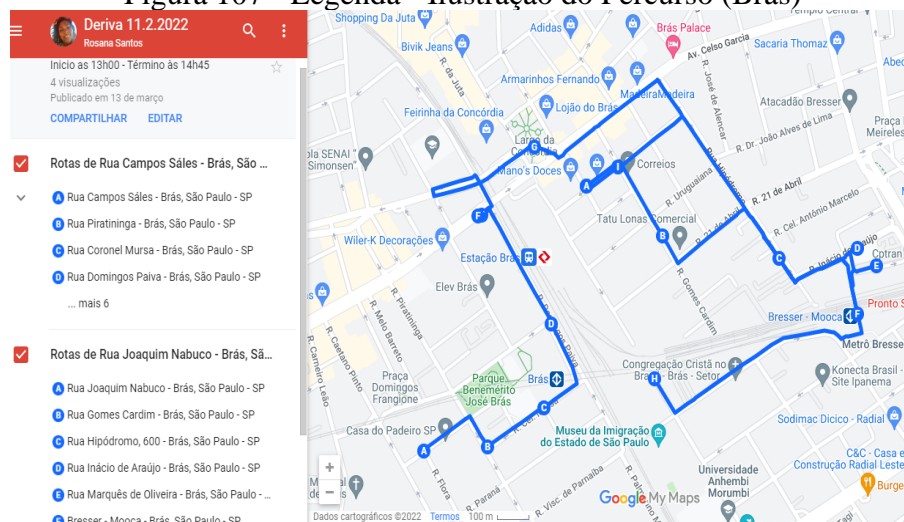
Figura 106 - Entrada do metrô Bresser-Mooça



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

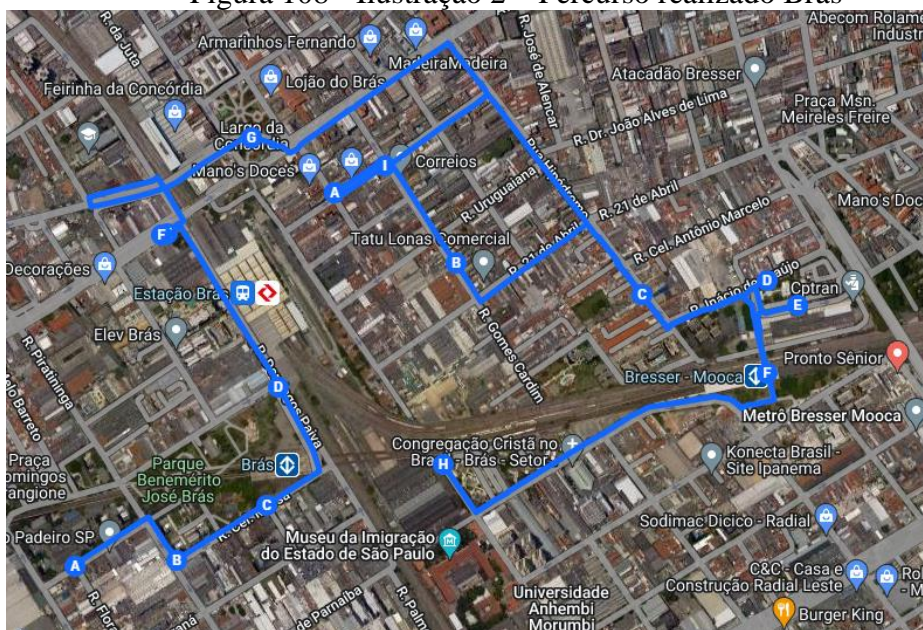
Na próxima Deriva, partirei deste ponto, lado Mooça, talvez o percurso (Figuras 107 e 108) me leve a outros significados que possam ligar um ponto a outro. O percurso durou 2h55 minutos.

Figura 107 - Legenda - Ilustração do Percurso (Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022). FIGURA 107 Legenda - ilustração do percurso: Bairro Brás. São Paulo: Google, 2022. 1 mapa, color.

Figura 108 - Ilustração 2 – Percurso realizado Brás



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022). FIGURA 108 ilustração 2 do percurso realizado: Bairro Brás. São Paulo: Google, 2022. 1 mapa, color.

## 5.7 Sétima Deriva Bresser Mooca

### 5.7.1 -Caderno de Campo: Data: 13.03.2022 - Horário: 13h às 14h30

O início deste percurso se deu da Estação Metrô Bresser- Mooca, a ideia inicial seria abarcar pontos que em outro momento não puderam ser contemplados. Sair em “Deriva” em um território conhecido, nos coloca em condições de desconstruir o que de certo modo acreditamos conhecer.

A impressão é que mesmo repetindo um trajeto, as circunstâncias vão sendo alteradas pelo dia. Assim sendo, segui pela Rua Visconde de Parnaíba, rua esta que liga o metrô Bresser-Mooca, ao Bairro do Brás. Em outro dia eu caminhava pela Rua Visconde de Parnaíba, pelo outro lado, com outras impressões.

A interface deste lugar, se desvincula no Museu da Imigração, próximo a linha do trem, que antes, era possível atravessar a passarela, e por circunstâncias da degradação em virtude de abandono e manutenção, encontra-se bloqueada. Um tapume de cor preta inviabiliza o acesso, já que a Passarela já não se encontra mais disponível. (Figura 109).

Figura 109 - Passarela Bloqueada Rua Visconde de Parnaíba (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Pela Rua Visconde de Parnaíba, identifica-se os resquícios do Bonde (figura 110), que ali transitava, um rastro evidente no asfalto.

Figura 110 - Rua Visconde de Parnaíba (Sentido Museu da Imigração, Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

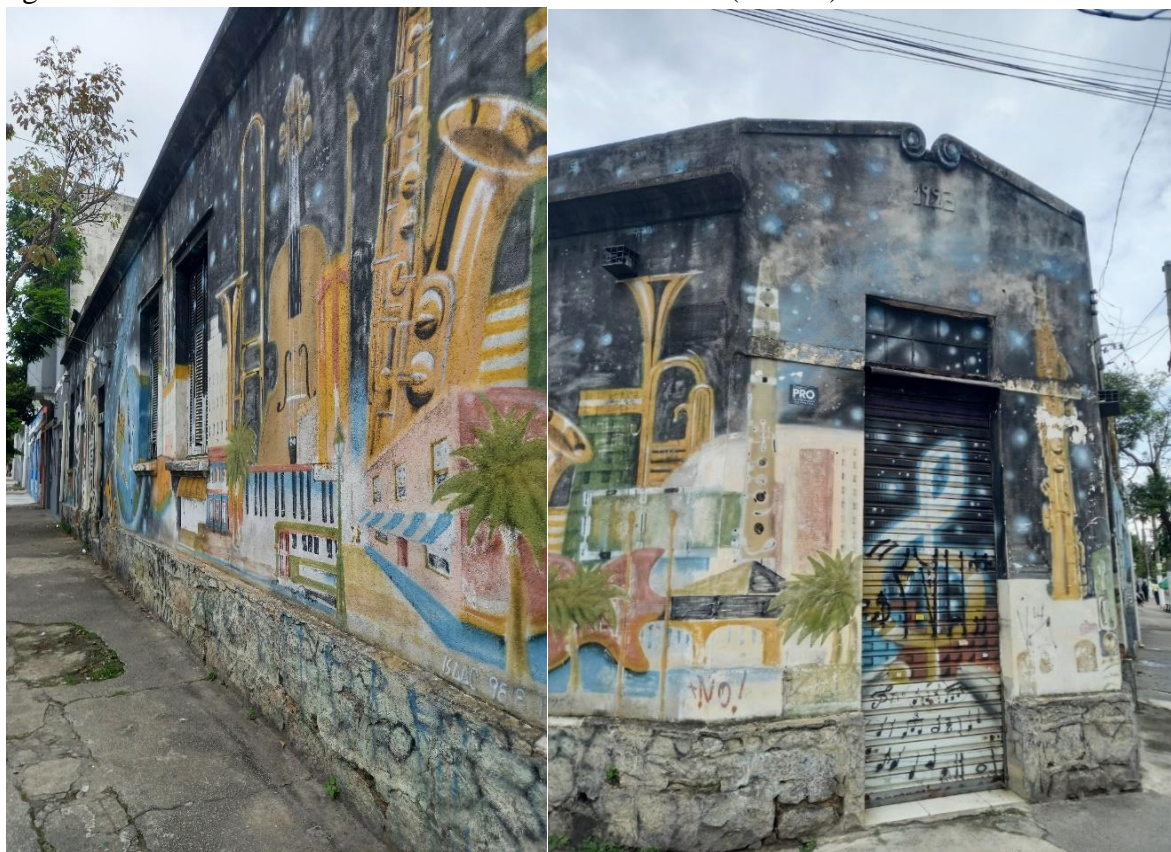
Algumas pessoas circulavam por esta rua, um domingo religioso neste bairro também, propício para um passeio no Museu da Imigração. Não ao certo, as impressões surgem pelas calçadas, e mais adiante numa esquina da Rua Almirante Brasil.

É possível sentir a presença de vestígios que deram lugar a outros cenários. Ali, uma edificação com referência de 1923 (Figura 111 e 112). O espaço por sinal, revela um tempo antigo, contrastando o presente vivo imbricados nos grafites com símbolo musical. Chamou-me a atenção, por estar conservado. Ao lado, desta edificação, um outro sobrado, está com data de 1927 (Figura 113). Na ocasião que fotografava, um Senhor parou o carro e me abordou, dizendo que hoje a imobiliária estaria fechada, mas amanhã eu poderia retornar. Eu respondi: *“Voltarei para conhecer melhor a edificação, mas não estou procurando imóvel”*. A percepção é que ir ao campo, sempre incomodamos alguém!

O mais curioso é pensar quem poderia ter morado aqui, quais as lembranças deste lugar tão próximo a Antiga Hospedaria de Imigrantes do Brás. Na ocasião, não encontrei ninguém, mas o presente resiste nas edificações, as memórias do trajeto despertam interesse, muito em virtude dos desafios que sabemos que os imigrantes vivenciaram!

Diversos transeuntes religiosos parados próximo esta esquina. Neste ponto, uma Igreja Evangélica Assembleia de Deus! A porção deste território altera-se aos sujeitos. Percebe-se que ali, consiste em um lugar de contrastes. De um lado, a Igreja Evangélica, do outro, a Igreja dos Ferroviários, logo à frente, um lugar de Memórias (NORA, 1993) - o Museu da Imigração, e próximo, transeuntes moradores de rua, aguardando acolhimento, no Arsenal da Esperança. O Arsenal da Esperança está localizado nas instalações da Antiga Hospedaria dos Imigrantes (Figura 113), fundado em 1964, na Itália, por Ernesto Olivero esposa Maria Cerrato (ARSENAL DA ESPERANÇA, 2022).

Figuras 111 e 112 - Casario 1923 –Rua Almirante Brasil (Lateral) x Visconde de Parnaíba



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Figura 113 - Edificação de 1927 – Rua Almirante Brasil, 30 (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2022.

Figura 114 - Museu da Imigração (antiga Hospedaria do Brás)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

As lembranças que tenho desta esquina, são vibrantes! Muitas vezes passei pela Passarela indo ou voltando para o Bairro do Brás, a edificação, localiza-se ao fundo rua. Não



consigo falar com ninguém, queria muito ter tido a oportunidade de ouvir as memórias deste lugar, que historicamente, reserva histórias, além do que, um importante lugar de memórias dos bairros e Patrimônio Histórico - Cultural.

Logo à frente, me deparo com as grades do Museu da Imigração, as grandes, separam um bairro do outro, o outro lado, o da Ferrovia. (Figura 115). É possível lembrar o lado do Brás, *aquele da Vila, do Mecânico, do Assobradado Amarelo*. Não entrei no Museu, retornei pela Rua Doutor Almeida Lima, de novo por esta rua.

Figura 115 - (Divisão de Território) Brás e Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Alguns “moradores de rua” estavam encostados na parede da Instituição Arsenal da Esperança, um espaço geminado ao Museu da Imigração, que abriga refugiados e demais necessitados. Não quis fotografar, penso que poderia tirar um pouco da privacidade de quem já não tem!

Um domingo diferente, daqueles que pessoas caminhavam para o Museu ou para a Igreja com as famílias. (Figura 116).

Figura 116 - Entrada Museu da Imigração (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Segui pela Rua Frei Gaspar, uma rua de travessa da Rua Doutor Almeida Lima, me chamou a atenção, um conjunto de assobradados, esquina com a Rua Nova Andrade. As árvores sombreiam os assobradados, uma possível paz reinava nesta esquina. Por aqui, muitas histórias atrás das janelas, que não tive acesso. (Figura 117).

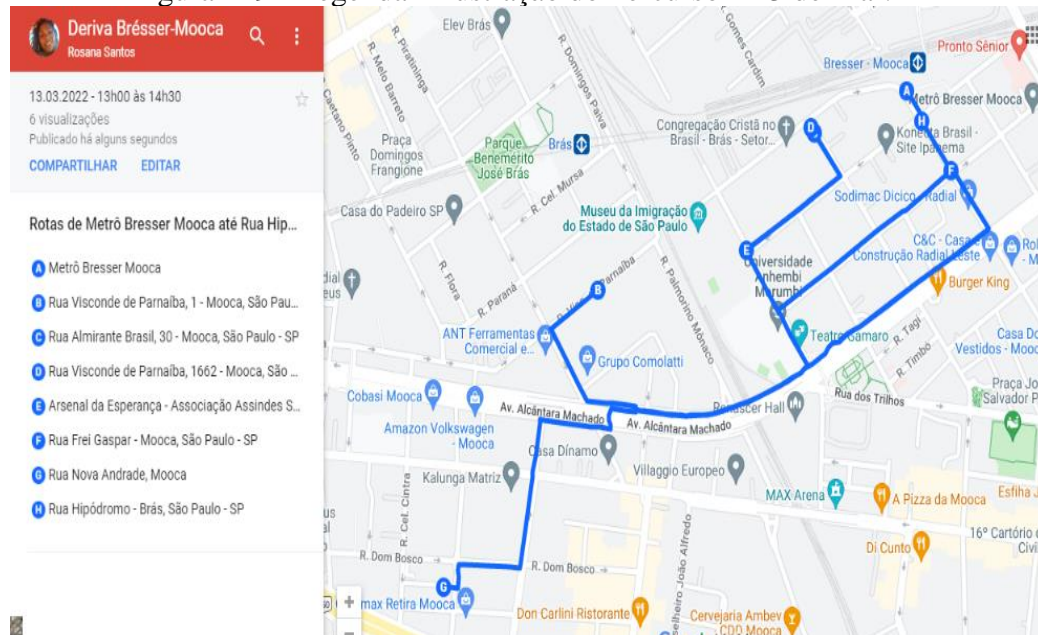
Figura 117 - Sobrados geminados (Rua Nova Andrade), Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).



Figura 119 - Legenda - Ilustração do Percurso – 13 de Mar.22



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA 119 Legenda - ilustração do percurso: Bairro Bresser-Mooça. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada.

## 5.8 – Oitava Deriva – 27 de março 12h20 às 15h11

### 5.8.1 – Caderno de campo

O ponto de partida desta Deriva foi a Rua Piratininga, esquina com Viaduto da Alcântara Machado. O local escolhido teve como intuito, abarcar parte do Bairro da Mooça.

De um lado, o Posto de Gasolina, de outro, uma edificação escondida em meio as árvores que floresceram, como uma espécie de refúgio para quem habita este lugar. Na Rua Piratininga, 1032 (Figura 120 e 121), a edificação, que de certo modo torna-se emblemática, parece-me que está ocupada, por grupos estrangeiros e de referência boliviana.

Figura 120 e 121 – Edificação na Rua Piratininga, 1032



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2022

Enquanto eu tentava fotografar a construção, uma família desceu de um carro, com sacolas de mercado, bem próximo a mim. Neste instante, tive a oportunidade de comentar: “*uma bela edificação está escondida entre as árvores*”. Questionei: “*vocês moram aqui?*”. Confirmaram que sim! Eu fiquei um pouco sem graça, confesso. A família era composta por um casal e uma criança, de traços bolivianos. Foram em direção a porta, sem ao menos me perguntar o que eu fazia por ali.

O que me restou, seguir adiante! Continuei o percurso em direção à Rua da Mooca; sentido bairro, algumas construções de uma época sobressaltam aos olhares (Figura 122). Ao caminhar alguns assobradados, típicos de um tempo em que as portas conversavam com as janelas. Hoje, as curiosidades ficam acerca das memórias.

Figura 122 – Construção antiga Rua da Mooca x rua Dona Ana Neri



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

As direções geográficas permitem refletir sobre o quanto as pessoas caminham diariamente num dos Viadutos, que liga a Mooca Baixa a Mooca Alta. Antes de seguir pelo Viaduto, vivencio a lembrança que aqui também é Mooca, e aos poucos os resquícios industriais vão ficando para trás. Quantas vezes passei por esta passarela do Viaduto? Lembro-me de quando morava próximo à Estação Ferroviária da Mooca, e de vez enquanto, ia ao centro da cidade a pé! Não é sobre mim à deriva, mas sobre o cotidiano que aflora as memórias, que porventura ameniza o caminhar.

O chamado Viaduto Professor Alberto Mesquita do Carmo (Figura 123), agora é testemunho de um movimento de revitalização, de um lado do território, um tanto esquecido. As impressões deste dia, convergem com os transeuntes que aproveitam o Bairro.

Figura 123– Viaduto Prof. Alberto Mesquita de Carmo (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Ao caminhar, imagens de um novo empreendimento sinalizam a marca “Itália”, como de vez em quando verificamos nos anúncios reproduzidos pelas construtoras. O novo empreendimento tem ênfase na propaganda “*Cidade da Mooca, visite o Decorado – Vila Palermo*”. O que me designa neste momento, é pensar numa tentativa de reforçar a identidade italiana. Neste caso, um símbolo institucional, emprestado de forma estrutural, que conforme Pollack (1989) são os empreendedores da memória repercutindo a identidade. (Figura 124).

Figura 124 - Vila Palermo – Empreendimento Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2022.

Apesar disso, atravessar o Viaduto é respirar a atmosfera de um período industrial que por tempos dialogou com o progresso fantasioso da cidade. São diversos galpões vazios, motivados pelas incorporadoras que emprestaram da memória dita “italiana” para produzir investimentos. Desde quando o mundo é mundo, nos deparamos com o capitalismo emergente.

Não só disso vive o Bairro da Mooca. Inspirados pela era industrial, outras narrativas desconstroem a demolição, alteram, inovam e criam uma “vibe” (vibração) cult, com expressões grafitadas e coloridas.

Já me despedindo do Viaduto, é possível identificar o símbolo “Bem-vindo à Mooca Belo”, (Figura 125) ressaltado pelo artista *Sipros*, numa das telas de cimento. Como se chegássemos ao bairro enfim! Curioso que nesta hora lembrei do Sr. Patamuté (*Fictício*), lá da Rua Dom Bosco, quando ele citou que italianos, somente nesta parte da Mooca, a Mooca Alta, será que vou encontrar alguém?



Figura 125 - Grafite “Bem-vindo a Mooca Bello!”



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Neste pedaço (MAGNANI, 2002), me lembro de muitas coisas. Próximo aqui, residi. Já Rua Borges de Figueiredo, um ar de Província, bares inovadores e a tradição caminham juntos, numa espécie de redescobrimo o Bairro. Num lado a *Di Cunto* Confeitaria (Figura 126), de outro, a Hospedaria (Figura 127), restaurante de descendentes italianos que revitalizaram o lugar, com uma proposta de gastronomia autêntica, a partir das referências imigrantes.

Não tenho como afirmar se tem italianos, mas é certo que a tradição ainda resiste aos percalços da industrialização.

Figura 126 - *Di Cunto* Confeitaria, Mooca

Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Figura 127 - Hospedaria Restaurante, Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2022

O cenário é alegre, famílias, amigos chegando ao estacionamento, que aos domingos faz fila! A harmoniosa Rua Borges de Figueiredo não tem mais cheiro de café, as memórias do olfato aqui deste lugar se desfizeram com a construção de alto padrão aos apartamentos comerciais e residenciais, dando outra função para o lugar.

A Estação da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos - CPTM Mooca, logo à frente, (Figura 128). Foi nesta rua que morei, por aproximadamente 3 (três) anos. Aqui o vai-

e-vem de quem labuta nas empresas da região são rotineiras. Antes, as pessoas usavam este caminho para entrar nas Fábricas que cercavam os quarteirões dos Bairros (Brás e Mooca). Entre as estações, está a antiga Companhia Antártica, com sua chaminé evidente e os resquícios industriais que incomodam quem passa na Av. Presidente Wilson, do outro lado. Alguns noticiários afirmam que neste prédio, em breve, terá uma nova função, função respaldada pela *Prevent Sênior*, uma empresa da área da saúde. Numa das notícias da Revista Exame, o complexo terá o nome de Cidade *Prevent Sênior*, como afirma o jornalista Leandro Fonseca “A Disney da Terceira Idade”. (Disponível em: <https://exame.com/colunistas/primeiro-lugar/a-disney-da-terceira-idade-da-prevent-senior/>. Acesso em 01.jun;2022). Imagina que um local hospitalar pode ser comparado com “Disney” é de fato surpreendente!

Figura 128 - Entrada da Estação Ferroviária da Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

A minha memória é pontual, algumas recordações deste lugar, da Rua Monsenhor João Felipe, saída da Estação da Mooca, que hoje carrega o nome de Estação Ferroviária Juventus-Mooca. Uma destas memórias é a de ouvir os trens de carga passando em direção a Santos-Jundiaí, nas madrugadas, eu já havia acostumado com a buzina. Entro na rua que morei por alguns anos, e fiquei imaginando as sirenes que hoje não soam mais! De um lado era a Indústria

da Açúcar União, do outro, a Indústria de Bebidas Antarctica. As duas, compartilham da linha do trem, entre a Mooca Alta e a Mooca Baixa, que coisa!

A Estação Ferroviária do Bairro da Mooca, como um lugar de memória da antiga São Paulo Railway, permanece com galpões que simbolizam o período industrial. Pelo que consta, a Oficina” foi do empresário do Conde Francisco Matarazzo. O símbolo R.S.J me parece ser: Rio de Janeiro, Santos- Jundiaí. De todo modo, o lugar é tombado<sup>10</sup> (Figura 129 e 130), uma referência histórico-cultural do Bairro.

Do outro lado, nas paredes laterais da Estação, grafites que simbolizam a modernidade. Aqui, me lembro do *Trailer* que ficava estacionado durante as saídas do horário de pico, vendendo lanches.

Figura 129 – Galpão lateral (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

---

<sup>10</sup> Conjunto de edifícios – Rua Borges de Figueiredo (Gráfica RFFSA – antigas Oficinas da Sociedade Anônima Casa Vanorden) Tombamento dos imóveis na Rua Borges de Figueiredo através da RES. 14/07 – publicação no DOC de 21/7/07, pág. 62. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/72767729/dosp-cidade-09-07-2014-pg-34>. Acesso em 01.jun.2022.

Figura 130 – “Antigas Oficinas Casa Vanorden”. (Mooça)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Saio da Rua Monsenhor João Felipe, com a nostalgia de anos atrás e sigo em direção à Rua Guaratinguetá, contorno pela Rua João Antônio de Oliveira, o outro lado da Antiga Fábrica União, atual Condomínio Luzes da Mooça (Figura 131).

Figura 131 – Símbolo da Antiga Fábrica União – Atual Condomínios



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Aos poucos a rua evidencia outros agentes da memória, uma nova construção será erguida ali, o símbolo; - apenas a guarita de uma Fábrica (Figura 132).

Figura 132 – Guarita – Rua João Antônio de Oliveira, Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Mais adiante, cruzo a Rua da Mooca e sigo para Rua Javari, rua de muitas memórias do povo do Bairro da Mooca e arredores. Por ser domingo, fiquei à espera de *juventinos transeuntes*, mas não era dia de jogo. A rua descansa dos burburinhos mooquenses, e o que é perceptível são as edificações com características curiosas.

Logo à frente, já próximo a Imprensa Oficial, é possível perceber edificações com contrastes dispersos ao maior atrativo da rua: o Estádio do Juventus da Mooca. A casa (Figura 133) com tijolinhos, portão baixo, simboliza um aspecto regional, algo muito particular, cheio de evidências de uma época em que vizinhos conversam!

Figura 134 – Casa de Tijolinhos – Rua Javari, Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

O retorno foi pela Rua Visconde de Laguna, aqui muitas memórias, a tempos percorro esta rua, aqui tem o açougueiro conhecido, tem esfiha, tem drogaria e pizzaria! Mais uma vez sigo em direção à Praça Amo a Mooca. Antes, uma entrada de Vila, outra dentre as poucas que ainda existem!

Fico observando a entrada, e buscando resquícios desta italianidade que tanto falam no Bairro da Mooca. É claro que neste percurso, entre as Ruas Javari e a Rua Visconde de Parnaíba são evidentes alguns símbolos: o Clube Juventus, a Pizzaria São Pedro (Figuras 134 e 135) e a esquina que supera o trânsito em dias de jogos por aqui.

Saio em direção a antiga Feira, a fim de prospectar algum inesperado!

Figura 134 – Clube Atlético Juventus (Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Figura 135 – Pizzaria São Pedro (Rua Javari, Mooca)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

Como se trata de um domingo, a recordação é da Feira (Figura 135) que normalmente acontece aos domingos, ela mudou de lugar, agora, em outro espaço cedido pela Prefeitura. Resolvo ir até lá, apesar de ser mais de 14h00 da tarde.



Figura 136 – Feira da Praça Ciro Pontes, Mooca



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

O lugar que agora se remodela a história, principalmente, o lugar da Feira, está na Praça Ciro Pontes. A Feira pouco movimentada neste domingo. Este horário é considerado pelos paulistanos, como a hora da xepa, uma menção a sobra de alimento, conforme Dicionários. No senso comum, neste horário, os alimentos ficam mais baratos! Evidencio neste instante, uma mistura de culturas. As diversas culturas dialogam com o mesmo espaço. Apesar de não saber oficialmente quem são, é sabido que nesta feira, muitos descendentes italianos a frequentam! Neste dia, o destaque é para aos vizinhos bolivianos!

A cantoria da feira, vai sendo substituída pelos meus passos, rumo ao Bairro do Brás. Por outros caminhos, opto por voltar para minha casa, não fui despertada por ninguém para conversar. Saio em direção a Radial Leste, mais precisamente para a Avenida Alcântara Machado, parte da Mooca. Aqueles caminhos, que porventura, a geografia nos sinaliza outras curiosidades.

Quando me aproximo do Viaduto Bresser, outro percurso que liga o Bairro da Mooca ao Brás, uma rua que poderia me levar a algum lugar! Sim, com o Galpão da Escola de Samba Mocidade Unida da Mooca (Figura 137), que fica ali debaixo de outro Viaduto. O registro tem a Kombi colorindo a minha curiosidade, outras referências culturais do Bairro da Mooca surgem. Fiquei imaginando qual a relação que a Escola tem com a comunidade, acerca das tradições italianas, será que tem algo intrínseco nesta relação? Ou apenas uma outra referência que marca o território, atendendo as mais variadas expressões identitárias da cidade?

Figura 137 - Escola de Samba Mocidade Unida da Mooca, 2022



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

A placa sinalizava que o ensaio começaria às 17h00, ainda faltava um tempo, não deu para esperar. Em frente ao Barracão da Escola de Samba, outra referência cultural, que a tempos passa por disputas no território, juntamente com a Prefeitura de São Paulo. O Lugar - Praça Alfredo Di Cunto, aqui um nome imigrante italiano, aquele da Família da doceria da rua Borges de Figueiredo. Contudo, a referência instituída na placa está intitulada como: Horta das Flores (Figura 138). Tento localizar a entrada, e verificar se ali teria alguém, mas não, o espaço estava fechado, um lugar em que as memórias estão em disputa judicial, pelo motivo: reintegração de posse, cujo tema discute a ocupação para um empreendimento imobiliário.

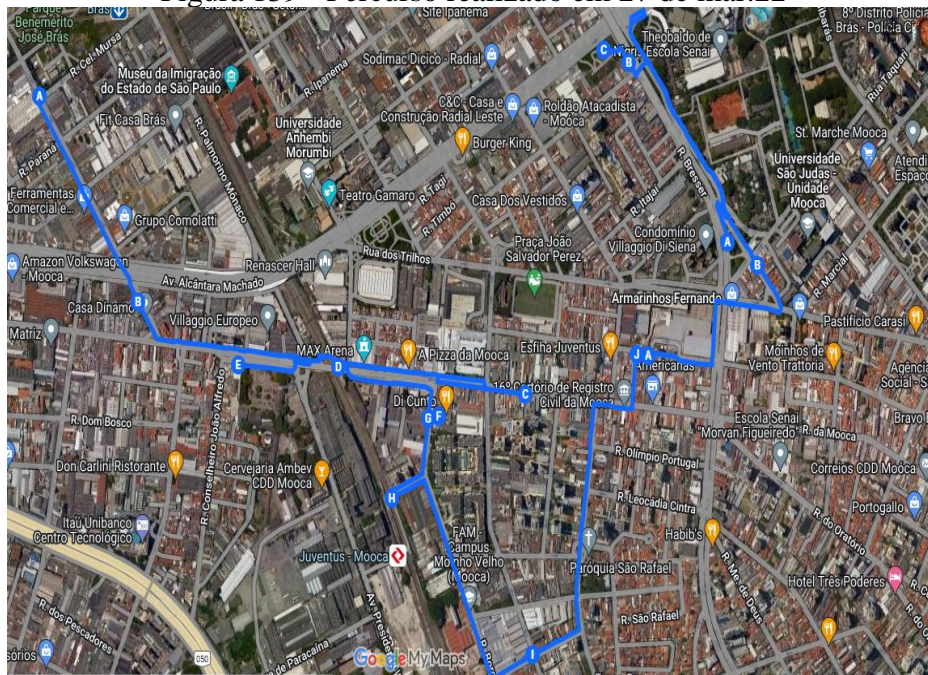
Por fim, término o percurso do Bairro da Mooca, sigo para o Bairro do Brás, ruas esvaziadas, domingo preguiçoso e impressões de fim de tarde, já às 15h11 preparando-se para a segunda-feira.

Figura 138 - Praça Alfredo Di Cunto (Horta das Flores)



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

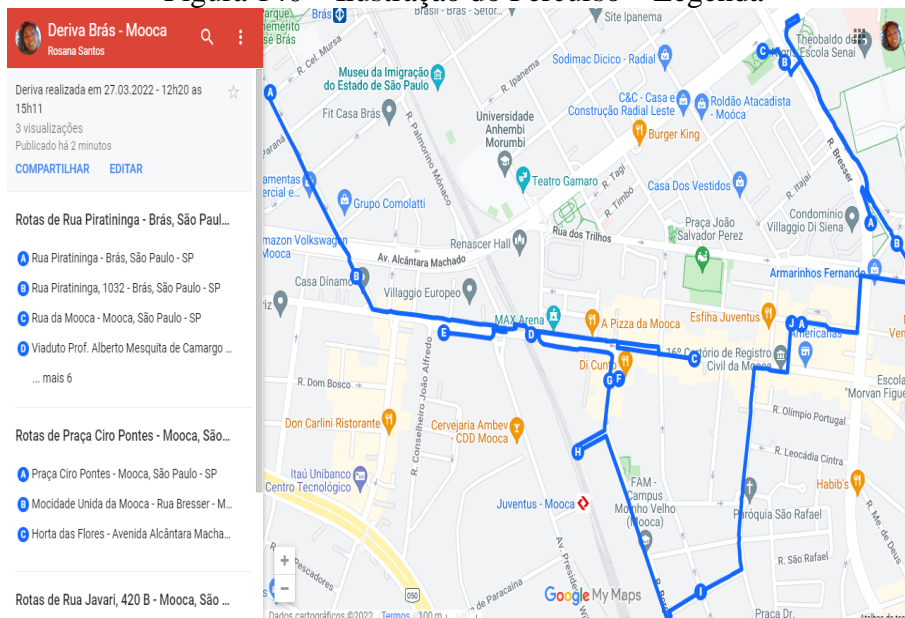
Figura 139 - Percurso realizado em 27 de mar.22



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA 139 Percurso realizado: Bairro Mooca. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada.

Figura 140 – Ilustração do Percurso – Legenda



Fonte: Rosana Barros dos Santos, 2022.

FIGURA140 Ilustração do Percurso - Legenda: Bairro Mooca. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada.

## 6 ANÁLISES DAS REFERÊNCIAS ENCONTRADAS.

Este capítulo tem o objetivo de analisar as referências culturais relacionadas a identidade italiana percebidas através dos elementos de campo: celebrações, formas de expressão, portadores da memória, lugares de memória e memória dos lugares no âmbito material e imaterial.

Para tanto vislumbra-se pensar as diversas expressões que de maneira simbólica foram identificadas nos percursos, de acordo com os suportes possíveis no acaso do procedimento.

Como forma de identificação, selecionamos os percursos da seguinte maneira:

- **cor verde:** edificações antigas (resquícios arquitetônicos industriais),
- **cor alaranjada:** suportes de memórias (demais referências simbólicas e instituídas),
- **cor azul** (referências italianas: lugares, celebrações, portadores de memória) e
- **cor amarela:** memória da cidade (Vilas).

A identificação por cores pretende simbolizar os pontos de ancoragem com a memória dos lugares, para que de certo modo possamos relacionar o que foi encontrado.

### 6.1 Primeira Deriva

A primeira Deriva, realizada em 16 de janeiro de 2022 (domingo) teve o Bairro do Brás como experiência. O percurso pretendia revelar memórias através das inscrições geográficas da cidade e se o acaso construísse, os possíveis portadores de memória. Além disso, outros elementos: símbolos, marcas (material-imaterial) e demais vestígios da italianidade no território poderiam fazer parte do acervo cultural.

O percurso foi realizado individualmente, apesar de ser sabido que outros significados poderiam ser ampliados por um coletivo nas análises. De acordo com as incursões previstas no Experimento Piloto, percorrer os lugares em que tanto se discute a predominância italiana no Brás e Mooca no final do século XIX contribui para averiguar as transformações existentes. Assim sendo, considera-se neste momento, as edificações antigas de um passado da cidade, descaracterizadas no presente, mas que resistem ao processo de deterioração, são umas das

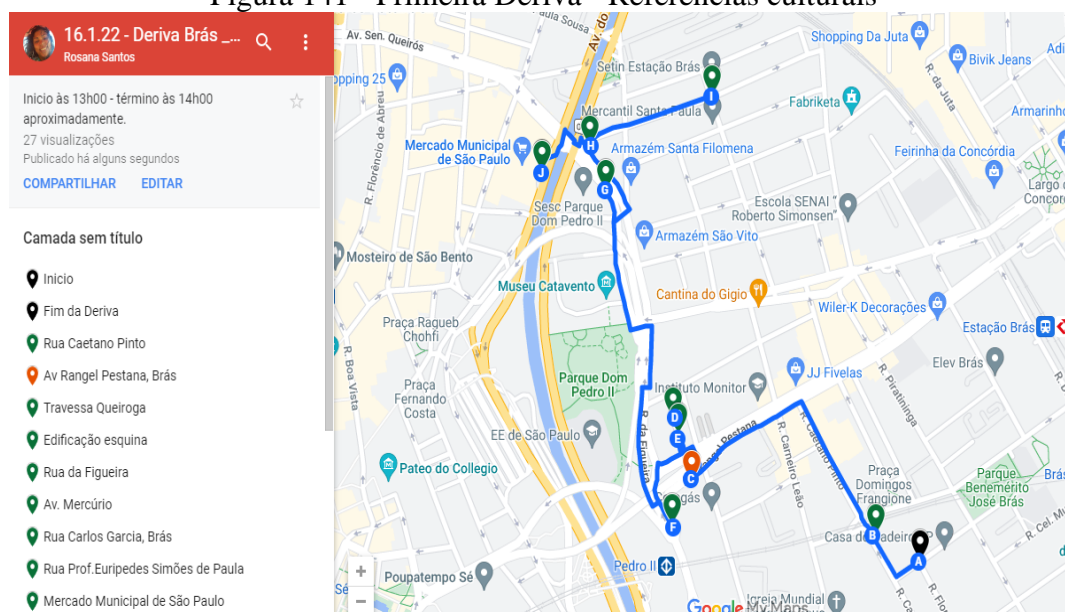
referências mais evidentes neste percurso. Para tanto, estes suportes permitiram olhar para a cidade de uma maneira específica, em virtude do crescimento da cidade e do processo de desvalorização da identidade cultural no Bairro do Brás.

Contudo, em se tratando das referências culturais, o Bairro do Brás apresentou no percurso, símbolos referentes ao Patrimônio material instituído, principalmente no quadrilátero que a Deriva percorreu. Ali estão equipamentos públicos, alguns em uso, outros em processo de deterioração, como o Futuro Museu Histórico da Cidade (Complexo Gasômetro – Casa das Retortas). Embora os patrimônios instituídos sigam nesta direção da região cerealista por se ocupar como lugar de memória da cidade, verifica-se que além dos bens tombados, algumas ruas remetem ao processo de formação da cidade de São Paulo, no período da grande imigração.

A Travessa Queiroga, foi uma destas ruas que simbolizam os resquícios arquitetônicos, alterados, mas com fragmentos inalterados. Em busca das pessoas: descendentes de italianos; ao acaso, não tive contato, todavia, as inscrições do lugar, dito como de boa parte sendo italianos incorporam um questionamento “onde será que estão? No que concerne as pessoas, “não encontramos ninguém” que pudessem de alguma maneira fortalecer as referências culturais.

O patrimônio material simbólico, neste caso, deu-se pelas ruas de ambiências com características similares e outras características simbólicas tais como o a arte, o grafite, expressões urbanas destacadas nas paredes de concreto como uma espécie de inscrição da coletividade.

Figura 141 - Primeira Deriva - Referências culturais



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022). FIGURA 141 Primeira Deriva -Referências Culturais: Bairro Mooca. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada.

## 6.2 Segunda Deriva

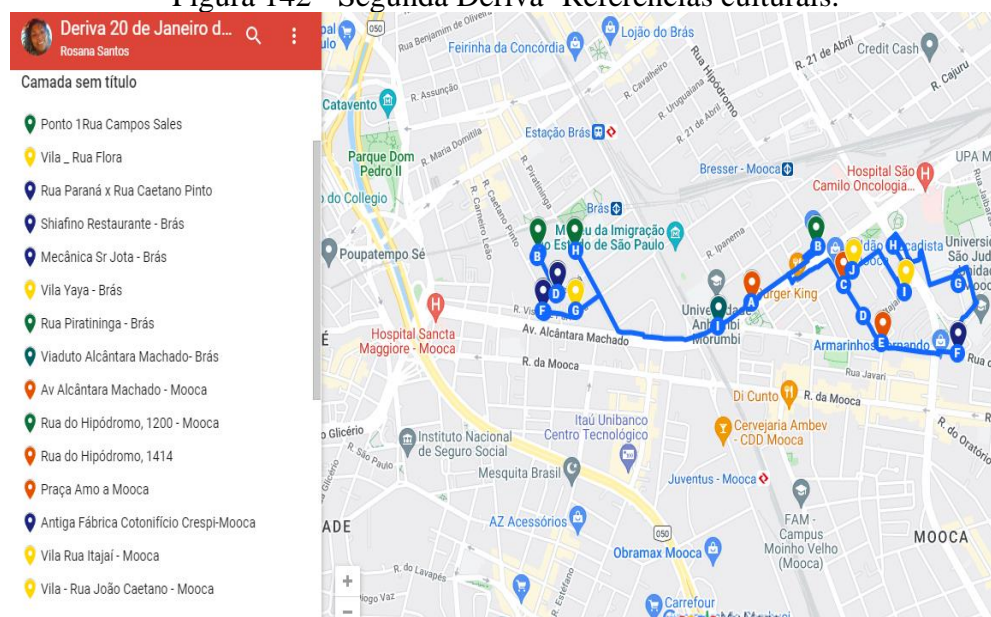
A segunda Deriva, realizada em 20 de janeiro, 2022, já numa quinta-feira, apresentou diversas características de ambiência e refutação, acerca das múltiplas referências que abarcam o território. Esta Deriva percorreu os Bairros Brás e Mooca e teve uma duração um pouco mais expressiva em relação a primeira.

No que concerne evidenciar as referências do Território, o percurso possibilitou construir relações ao Patrimônio material e imaterial, tanto simbólica quanto instituído. Nesta Deriva, o Bairro do Brás revelou três referências italianas no âmbito “lugares “dentre eles; Restaurante italiano, Paróquia (lugar de celebração italiana) e um portador de memórias de descendência italiana.

Outra característica do percurso no Bairro do Brás, foram os resquícios de lugares edificadas, tido como Vilas operárias. Ainda nesta deriva, foi possível compreender o Bairro da Mooca e lugares – resquícios edificadas (as Vilas operárias e o Espaço do Hipódromo) como Patrimônio simbólico do início do século XX e ainda, como únicos resquícios de referência italiana; - o Cotonifício Crespi.

Além disso, foi observado demais referências no âmbito instituído, apresentados em forma de símbolos, Praças e um Portal, intitulado como Mooca. Dentre estas evidências, não houve nenhum “portador de memórias” durante o percurso.

Figura 142 - Segunda Deriva -Referências culturais.



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA142 Segunda Deriva -Referências Culturais: Bairro Mooca. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada.

### 6.3 Terceira Deriva

Em relação a terceira Deriva, realizada no Bairro do Brás, no dia 28 de janeiro de 2022, (sexta-feira), considerou-se referências culturais no âmbito instituído. O percurso (Figura 143) foi curto, o que impossibilitou de avançar para outros lugares.

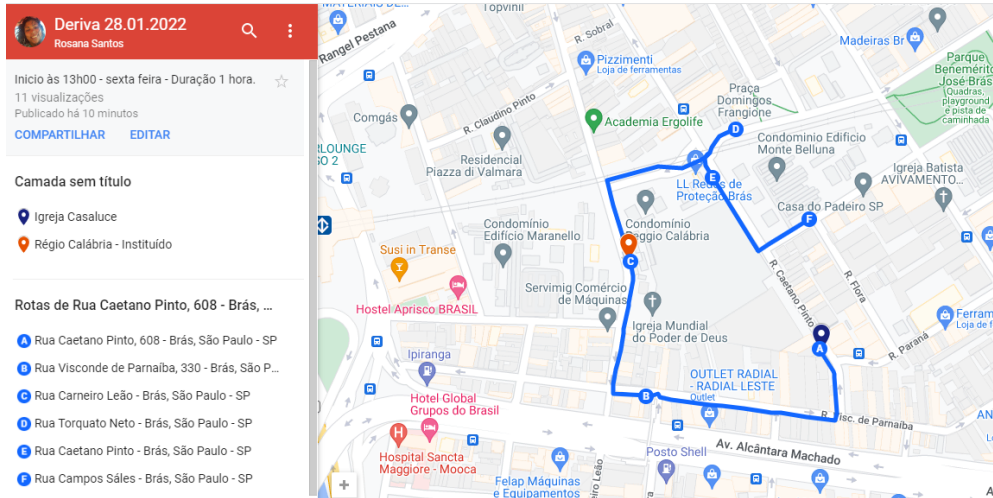
Na análise, a Paróquia Casaluce, aparece novamente como lugar de memórias italiana. Contudo, entende-se que ela surge muito em virtude estar próxima a rua de saída para as derivas além disso, a rua Caetano Pinto, é uma das possibilidades dos caminhos.

Outra marca no Bairro do Brás, dar-se pelas referências instituídas, marcada por nomes de condomínio, como o Régio Calábria, na rua Carneiro Leão, rua historicamente marcada pela presença italiana no território.

Demais referências destacam-se no âmbito bibliográfico.



Figura 143 - Terceira Deriva: Referências culturais (Brás)



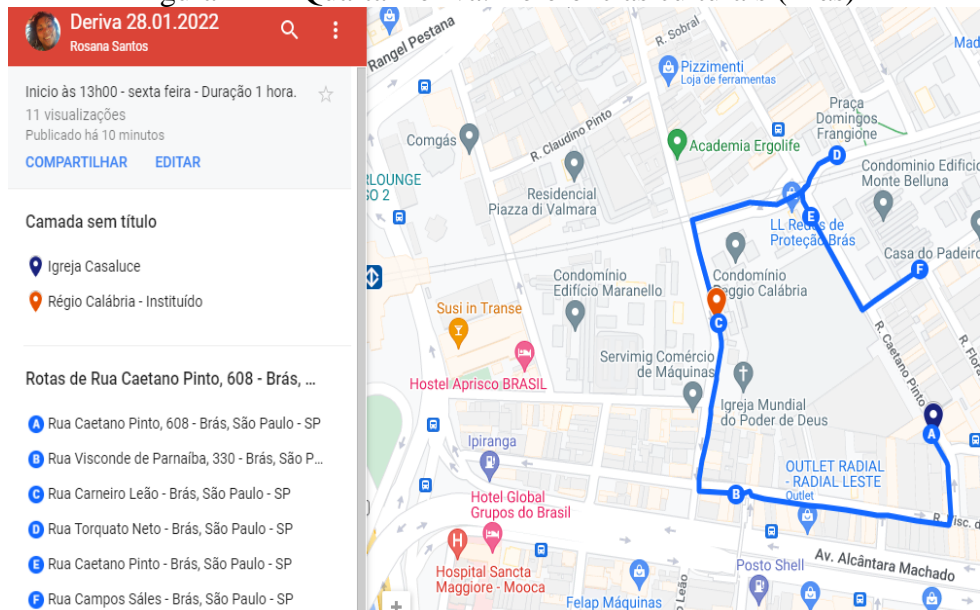
Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA143 Terceira Deriva -Referências Culturais: Bairro Brás. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada.

#### 6.4 Quarta Deriva

Em se tratando da quarta Deriva, realizada em 30 de janeiro de 2022, no Bairro do Brás, oportunizou considerar, após a análise do percurso (Figura 144), resquícios arquitetônicos com símbolos, brasões e construções antigas, além é claro de manifestações de outras nacionalidades como de origem africana.

Figura 144 - Quarta Deriva: Referências culturais (Brás)



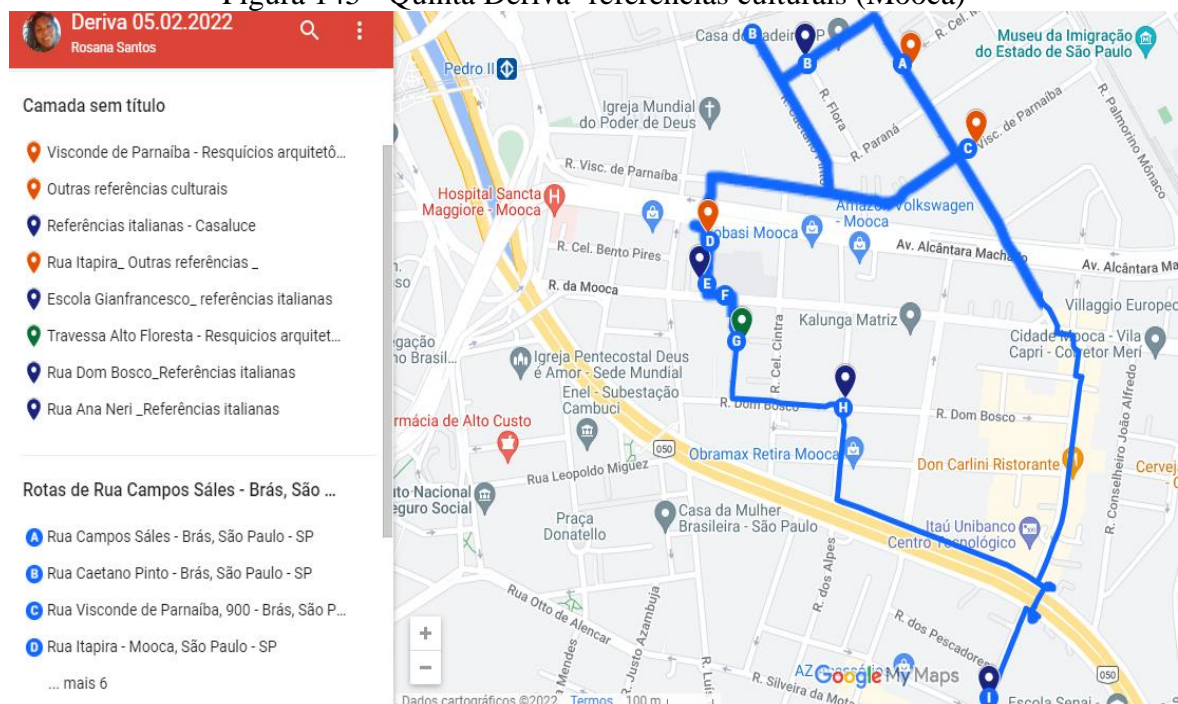
Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA144 Quarta Deriva -Referências Culturais: Bairro Brás. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada.

## 6.5 Quinta Deriva

Na quinta deriva, realizada em 05 de fevereiro de 2022, num sábado, verifica-se um percurso mais longo, que abarcou os Bairros Brás e Mooca o que permitiu se deparar com diversas manifestações culturais em torno do Território. No início do Percurso, ainda no Bairro do Brás, as referências contradizem um pouco a evidência italiana. Não pude encontrar nenhum portador de memórias italiana, ao contrário, neste percurso evidenciou-se narrativas culturais do nordeste do Brasil, o Estado da Bahia. Em se tratando do Bairro da Mooca, algumas referências culturais italianas surgiram em diversas formas: Edificação Escolar, como Patrimônio instituído, e lugares de memória simbólicos, no que concerne manifestações gastronômicas, a partir dos tipos de restaurantes com denominações italiana, tais como: Pastifício Rondellini, O Dom Barão, As Bambinas. Além disso, o Espaço San Gennaro como lugar de memória italiana bem como as cores da Itália caracterizado na parede da rua em que ocorre a Festa tradicional de San Gennaro, o Padroeiro do Bairro da Mooca. Neste percurso (Figura 145) foi possível evidenciar outras narrativas, acerca do Estado da Bahia, assim como no Bairro do Brás, e algumas outras marcas urbanas, denominadas - Mooca.

Figura 145 - Quinta Deriva -referências culturais (Mooca)



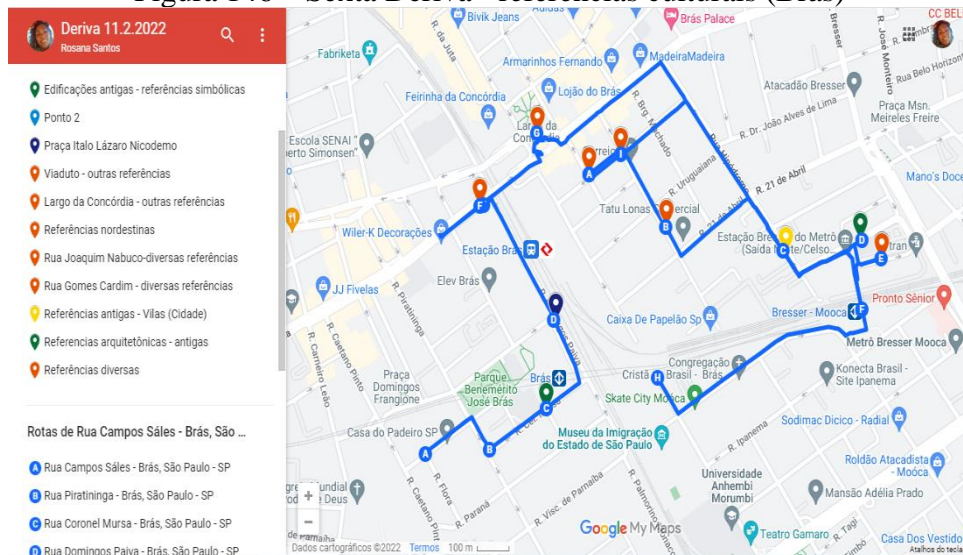
Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA145 Quinta Deriva -Referências Culturais: Bairro Mooca. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada.

## 6.6 Sexta Deriva

A sexta deriva, realizada em 11 de fevereiro de 2022 no Bairro do Brás, considerou novamente o princípio do percurso (Figura 146). Em se tratando do percurso, os resquícios arquitetônicos antigos tiveram destaque, principalmente os patriamomializados, como a própria Ferrovia. No âmbito da cultura italiana, a mesma, apresentou-se de forma instituída através do nome da Praça *Lazaro Ítalo Nicodemo*. Demais referências, caminharam pelas manifestações culturais do nordeste do Brasil, assim como os lugares de memória emprestados às Vilas operárias, no início do século XX.

Figura 146 – Sexta Deriva - referências culturais (Brás)



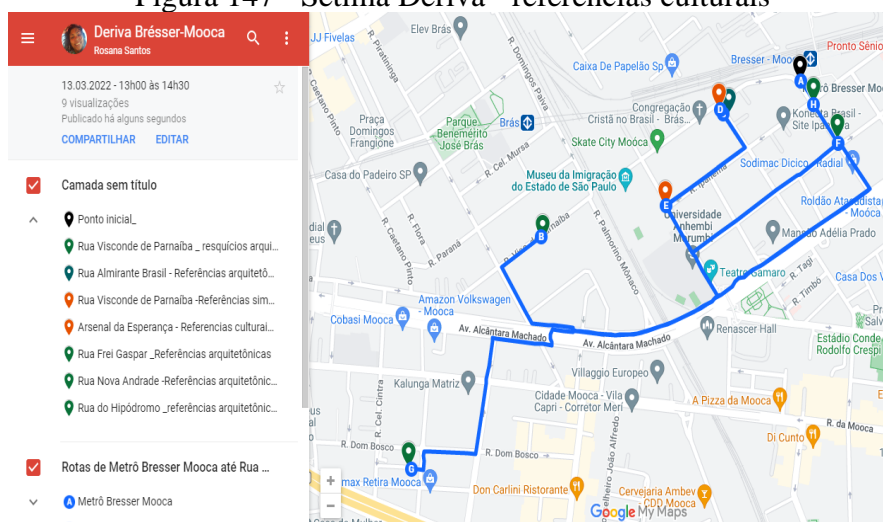
Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA145 Sexta Deriva -Referências Culturais: Bairro Brás. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada

## 6.7 Sétima Deriva

Percorrendo pela 7ª Deriva, realizada em 13 de março de 2022, a Mooca foi a escolhida para deambular, como dizia Gui Debord (1958), porém novamente: “fumo e não encontramos ninguém”! As referências identificadas no percurso (Figura 147) ficaram apenas nos resquícios arquitetônicos do início do século XX e o Museu da Imigração (Antiga Hospedaria dos Imigrantes do Brás) como Patrimônio instituído, e possivelmente considerado um “lugar de memórias” pelo fato de antes ter sido uma Hospedaria de Imigrantes, e neste caso também de italianos.

Figura 147 - Sétima Deriva - referências culturais



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022)

FIGURA147 Sétima Deriva -Referências Culturais: Bairro Mooca. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada.

## 6.8 Oitava Deriva

O último percurso, 8ª (oitava) Deriva, que fora realizada em 27 de março de 2022, (Figura 148) deu-se, a partir do Bairro do Brás e sua maioria pelas ruas da Mooca. Nesta Deriva, o percurso foi longo, o que provocou abarcar diversas manifestações culturais. No início da Deriva, resquícios arquitetônicos do início do século XX no Brás e Mooca, e pessoas de origem Boliviana.

No decorrer do percurso, as referências italianas são localizadas pelas impressões instituídas: as Incorporadoras imobiliárias.

Os lugares de memória simbólicos, são marcados pelos restaurantes: *Di Cunto* Confeitaria, a Hospedaria Restaurante. Outras referências são sentidas, pelas expressões marcadas através da arte urbana, os grafites com referência ao Bairro da Mooca e pelas marcas do tempo, como na Estação da Mooca (Patrimônio Instituído) um possível lugar de memória.

Outras referências dão-se pelos suportes de memória também instituído, como nome da Praça lembrando um italiano, um nome do clube, referenciando um outro imigrante italiano. Ademais, “fumo e não encontremos nem um portador de memórias” para dialogar com estes referenciais culturais.

Considerando os percursos realizados até o momento, é possível afirmar que no Bairro do Brás, através dos portadores de memória encontrados, a presença dos italianos ainda é perceptível, apesar de diversas outras manifestações culturais que ampliam outros significados,

tais como a presença de imigrantes descendentes de espanhóis, os imigrantes Africanos, Chineses, Bolivianos e uma grande maioria de Brasileiros nordestinos.

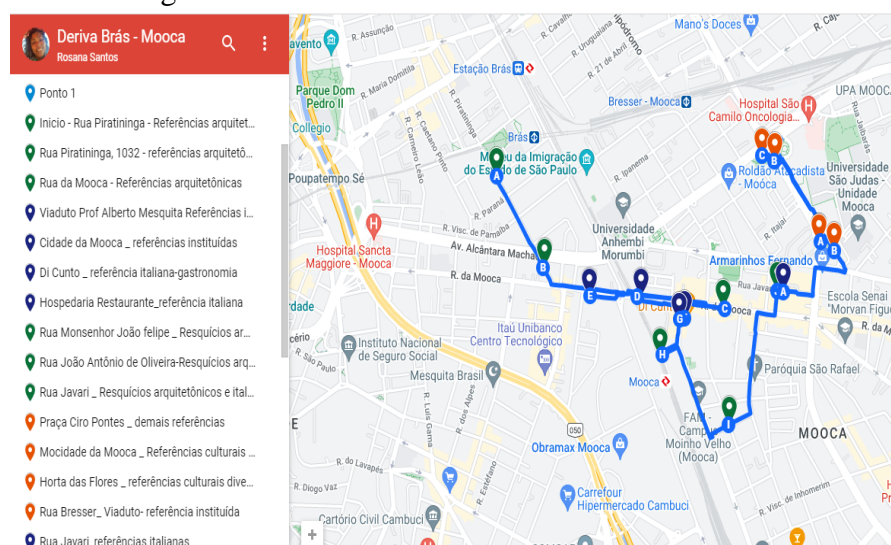
No que concerne o Bairro da Mooca, a presença italiana existe de maneira significativa e simbólica reforçada pelos meios institucionais. Os meios previstos são abarcados pelos símbolos, marcas e arquivos de memória, através das inferências nas Praças, Clubes, Ruas que mantém o acervo vivo da italianidade mooqueense.

Em relação aos portadores de memória na Mooca, originalmente podemos considerar os restaurantes tradicionais e contemporâneos que reforçam a presença italiana no bairro.

Contudo, o território dos Bairros do Brás e Mooca têm ainda resquícios da italianidade, apesar de consideramos que não em sua maioria. A presença não tão significativa, mas com a identidade alardeada pela arquitetura simbólica das Vilas, dos Becos e dos Galpões de Fábricas. Os assobradados, as marcas imbricadas aos nomes dos Edifícios e Praças, são tidas em certo modo, como resistência da presença italiana, que em algum momento, considerou-se a grande maioria da população da cidade.

Ainda que exista a presença italiana no território, não podemos desconsiderar a pujança de outras referências culturais que se apresentam através de manifestações artísticas, nas edificações antigas e demais agentes que simbolicamente utilizam a gastronomia para reforçar a identidade italiana, além dos arredores que compreende o traçado cartográfico das Derivas.

Figura 148 – Oitava Deriva - referências culturais



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA148 Oitava Deriva -Referências Culturais: Bairros Brás e Mooca. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada.

## 6.9 Mapa Síntese – Referências Italianas

Neste capítulo, apresentamos uma síntese das referências italianas encontradas no território, a partir dos percursos realizados.

É possível compreender que os percursos oportunizaram diversas referências culturais que somam ao território na memória presente da cidade, dentre elas: Bolivianas, Africanas, Espanholas, Nordestinas do Brasil e Italianas.

*“Fumo e encontremo alguém”*, dando ênfase ao que fomos buscar!

O mapa (Figura 149) é um recorte do que poderíamos ter encontrado durante as Derivas, visto que os percursos foram realizados despreziosamente, a fim de encontrar portadores de memória, acervos que pudessem ser rememorados pelas práticas sociais.

Dentre os oito percursos realizados no Território, o Bairro do Brás, ele apresenta menos lugares de memória italiana, em relação ao Bairro da Mooca. No entanto, afirma-se que o Bairro do Brás conseguiu apresentar portadores da memória italiana, ainda vivos neste território, o que de certo modo, não descaracteriza o bairro vizinho, apenas enriquece os diversos olhares percorridos durante a experiência das Derivas.

No Bairro do Brás, o acervo possível de evidenciar a presença dos imigrantes italianos, foi ampliado pelas edificações antigas que ainda persiste no território. As marcas do final do século XIX e início do XX são notórias em parte das edificações do Bairro. A afirmação ainda requer cuidados nas análises, visto que cada referência simbolizada nas edificações necessita de um maior aprofundamento.

Por outro lado, o Bairro da Mooca, apresenta um acervo maior em relação aos lugares de memória, boa parte instituído, seja pelas marcas do território, seja pelas edificações reformuladas, e ainda pelas incorporadoras que emprestam da identidade italiana, para fortalecer novas narrativas.

Contudo, o Bairro da Mooca, preserva em suas memórias, edificações tombadas e simbólicas que permitem enaltecer a memória, seja pela primazia das Vilas e Becos, seja pelas ruas que dialogam com o passado imigrante.

Ainda que os Bairros tenham características operárias do final do século XIX, pouca coisa ainda resta no acervo da cidade, muito por conta das transformações urbanas neste território, que ao passar do tempo modifica a paisagem cultural e identitária.

As referências culturais do Território simbolizam uma memória da cidade de São Paulo que carrega marcas e identidades culturais diferentes, porém tão importante quanto as que colaboraram com a construção da cidade de São Paulo.

Em virtude disso, importante considerar, que os percursos dialogaram uma identidade italiana, presente no território, com aspectos contraditórios do que reforçam as referências instituídas em relação as simbólicas, aquelas que de fato, fortalecem a cotidianidade da cidade.

Em boa parte dos discursos, as lembranças da Itália, neste território, são ressaltadas pelas Incorporadoras imobiliárias. Outras, são possibilitadas pelas celebrações culturais presentes nos bairros do Brás e da Mooca, como fatos sociais que indicam a preservação da memória italiana no território.



Fonte: Rosana Barros dos Santos (2022).

FIGURA149 Mapa Síntese das Referências Culturais: Bairros Brás e Mooca. São Paulo: Google maps, 2022. 1 mapa, color. imagem capturada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminando o percurso da pesquisa, cabe fazer uma breve retrospectiva do caminho percorrido.

O objetivo de pesquisa consistiu em mapear marcas, símbolos e ou lugares de memória originadas da imigração italiana, considerando os Bairros do Brás e Mooca entre o final do século XIX e XX. Para tanto, seguiu-se como abordagem metodológica a exploração do território guiada pela Teoria da Deriva. Em busca das referências culturais que foram possíveis a partir dos percursos realizados no que concerne os símbolos, os portadores de memória do bairro, e demais características que foram surgindo diante das caminhadas.

Como resultado averiguou-se que os Bairros Brás e Mooca ainda têm a presença italiana, imbricadas no seu cotidiano, mas com diferenças nos aspectos simbólicos e instituídos.

Conclui-se que apesar de transformações culturais e sociais no território, ainda é possível perceber resquícios da italianidade nos Bairros do Brás e Mooca. No Bairro do Brás, foram percebidos em sua maioria, os portadores de memória, além disso, alguns elementos arquitetônicos que resistem do final do século XIX e toponímias, que carregam expressões do cotidiano italiano do início do século XX, como a Rua Caetano Pinto, a Rua Visconde de Parnaíba e a própria Rua Piratininga. É possível perceber resquícios, a partir das lembranças e das manifestações religiosas ampliada pelas referências culturais que sustentam a tradição e a identidade italiana.

No que concerne o Bairro da Mooca, a presença italiana é de fato um pouco mais ressaltada, principalmente através da identidade, emprestada às Incorporadoras imobiliárias que abarcam parte do território, com destaque ao instituído.

Quanto as edificações do final do século XIX e XX próximo ao Museu da Imigração é uma das características da predominância italiana naquele momento, hoje não tão mais alardeada por presença de outras referências culturais e diversas nacionalidades.

Os lugares de memória no Bairro da Mooca, como a Festa de *San Gennaro*, não se sustentam como lugar de italianos, visto que os novos portadores de memória, acreditam que a festa é apenas uma manifestação simbólica, mas com pouca presença italiana, por entender que as referências culturais do Bairro se alteraram, ao longo dos anos. Algumas marcas são exaltadas pelos restaurantes, com referência ao italiano, como as cantinas, as pizzarias, as docerias e demais galpões que originaram a partir da imigração italiana.



Dentre outras características da presença italiana, a cultura gastronômica é de fato, um dos diferenciais mais evidente no Bairro da Mooca, o que predomina são os portadores institucionais da memória que resistem a manter a identidade no Bairro, muitas vezes descaracterizando demais referências culturais também presente no território.

### **As contribuições da pesquisa**

A pesquisa possibilitou pensar a identidade cultural, as transformações sociais, as políticas institucionais do patrimônio cultural e a memória, como instrumento aos agentes de mercado.

De todo modo, a pesquisa desencadeou dois aspectos fundamentais;

- A pesquisa apontou algumas presenças italiana no território. Isso pode ser de interesse para pesquisadores da cultura italiana em São Paulo.
- A Pesquisa também desenvolveu um caminho metodológico para ser adotado em outros territórios que podem ser empregados em outras referências culturais, principalmente quando se refere a lugares complexos que exigem uma lente mais apropriada para outras explorações.

### **Limitações da pesquisa**

Em relação as limitações pertinentes à pesquisa, podemos apontar duas mais relevantes:

#### **1ª Pandemia:**

Em virtude de termos iniciado a pesquisa no ano de 2020 junto ao episódio pandêmico, a pandemia atrasou a pesquisa no que concerne estar em contato com o objeto de pesquisa, impôs dificuldades de contato com pessoas no território.

#### **2ª Entrevistas:**

Um dos recursos citados na abordagem metodológica, foram as entrevistas, como instrumento de análise. Apesar disso, entendemos que o método da Deriva, experimentado neste trabalho requeria uma incursão mais elaborada no que concerne as práticas de percurso, visto

que os portadores de memória são ocasionados ao acaso, não existe uma fórmula que antecipa os “escolhidos” para a entrevista. A coleta e a análise ocorrem simultaneamente ao trabalho de campo.

### **Sugestões de pesquisa futura:**

A abordagem desenvolvida pode basear outras pesquisas, principalmente em território que passam pela mesma transformação urbana.

Outra sugestão, pode ser atribuída ao patrimônio instituído, visto que a identidade acaba se esvaindo no território, perdendo sua originalidade rememorada pelo cotidiano, pelos portadores existentes, pelas edificações simbólicas, pelas festividades. A identidade instituída, acaba que contradizendo políticas que poderiam proteger ou mesmo repensar práticas desenvolvidas por agentes diversos, afastando a importância da memória coletiva, principalmente quando são respaldadas por políticas que emergem o esquecimento, o apagamento das memórias muito em favor a uma identidade cultural ou de uma ressignificação do lugar.

E fica a pergunta: Até que ponto, a presença italiana afeta outras referências? Como preservar a memória da cidade, quando “os portadores” e as memórias se sobrepõe a outras memórias? A subjetividade da memória nos coloca em discussão sobre Políticas de memória, principalmente quando de uma identidade que se sobrepõe as demais.

## REFERÊNCIAS:

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a Memória das Cidades. **Revista Território**, ano III, nº 4, p. 5-25. jan./jun.1998. Disponível:

<http://mauricioabreu.com.br/files/artigos/Sobre%20a%20memoria%20das%20cidades.pdf>.

Acesso em: 25.ago.2021.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO - ARQUIISP. Disponível em:

em:<https://arquisp.org.br/regiao/parouquias/parouquia-nossa-senhora-de-casaluce/matriz-parouquial-nossa-senhora-de-casaluce>. Acesso em 29.abr.2022;

ASSIS, Bruna Aparecida Silva de *et al.* As antigas salas de cinema nos bairros do Brás e da Mooca: arquiteturas e espaços de sociabilidade. **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 9, n. 2, p. 58-66, jun. 2015. Disponível em:

<http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/232>. Acesso em: 07 ago. 2022.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011, p.33.

ASATO ARAKI, F. Redesenvolvimento urbano, uma proposta para a requalificação de antigas áreas industriais na Mooca e no Ipiranga. **arq.urb.**, [S. l.], n. 3, p. 186–218, 2010. Disponível em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/125>. Acesso em: 25 ago. 2021.

BARROS, Lucas Pereira. Cartografias afetivas e a ressignificação dos espaços e sensibilidade da urbe. Artigo (**Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad Latin American Journal of Studies in Culture and Society**) V. 05, ed. especial, mai,2019.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política**. (Obras escolhidas I). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOMFIM, Natanael Reis. A psicogeografia como trajetos metodológicos: Dimensão afetiva no agenciamento de espaços formativos, “fora da escola”. **Ciência Geográfica** - Bauru - XXIV - Vol. XXIV - (1): janeiro/dezembro – 2020. Disponível em:

[https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV\\_1/agb\\_xxiv\\_1\\_web/agb\\_xxiv\\_1-14.pdf](https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxiv_1-14.pdf). Acesso 22.jan.2021.

BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 47, p. 198-211, abr. 2003. Fap. UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142003000100012>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/3L3XPBdVhdkJydjJ66GTSrC/?lang=pt#>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BRÁS ONDE POUCO RESTA DO PASSADO. **Jornal o Estado de São Paulo**. São Paulo, 20 jan. 1981. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19810120-32471-nac-0042-999-42-not>. Acesso em: 26 ago. 2022.

BRASIL. Lei nº 6815 de 19 de Agosto de 1980. Senado Federal (Lei Federal). Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/531045/000854969\\_Estatuto\\_estrangeiro.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/531045/000854969_Estatuto_estrangeiro.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 27.nov.2022.

CHAPARIM, Matheus Alcântara Silva; OLIVEIRA, Eduardo Romero De. Desafios e reflexões na apreensão afetiva da cidade: a deriva como procedimento metodológico. GEOGRAFIA EM ATOS (ONLINE), v. 5, p. 60-81, 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/6517>. Acesso em 12.dez.2021.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do Patrimônio**. 70. ed. Lisboa: Edições 70 Lda, 2014. 306 p.

CIRRICIONE. Alessandra. Brás, Bexiga /Bela Vista, Barra Funda: um estudo antropológico. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. São Paulo, 2010. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde28062011154750/publico/2010\\_AlessandraCirrione.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde28062011154750/publico/2010_AlessandraCirrione.pdf). Acesso em 16.fev.2022.

DEBORD, Guy. **Teoria da Deriva**. Revista Internacional Situacionista, n.2: dezembro, p.2-5, 1958.

ECKERT-HOFF, Beatriz Maria; LUPIA, Márcia de Oliveira. Aqui ou lá? Lá ou aqui? Discurso e identidade na Mooca. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.92-105, 2019. (ISSN: 2317- 1006 - online). Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/5Aqui\\_ou\\_l%C3%A1\\_ou\\_aqui\\_Discorso\\_e\\_Identidade\\_na\\_Mooca.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/5Aqui_ou_l%C3%A1_ou_aqui_Discorso_e_Identidade_na_Mooca.pdf). Acesso em 21.nov.2021.

FRÉMONT, Armand. **A região como Espaço Vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1985. 35 p.pier.

FARMÁCIA, Gazeta da (ed.). **PENICILINA C. S. C. Resistente ao calor até 100 graus -• segundo análise procedida no Instituto Osvaldo Cruz**: 1946. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029548&hf=memoria.bn.br>. Acesso em: 25 ago. 2022.

GONÇALVES, G. R. A deriva e a psicogeografia e suas possibilidades para os trabalhos de campo em Geografia Urbana. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 100–111, 2019. DOI: 10.5216/ag.v13i3.58750. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateliê/article/view/58750>. Acesso em: 27 nov. 2022.

GONÇALVES, Paulo César. **A hospedaria de imigrantes de São Paulo**. Um novo espaço para o recrutamento de braços europeus pela economia cafeeira. Disponível em: <http://www.remessas.cepese.pt/remessas/mod/itsglossary/view.php?id=8&gid=250>. Acesso em: 24. ago.2021.

HALBWACHS. Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **CENSO**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-2020-censo4.html?=&t=destaques>. Acesso em: 07 ago. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE - **FUNDAÇÃO SEADE**. Disponível em <https://populacao.seade.gov.br/populacao-2021-msp/>. Acesso em 19.ago.2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Patrimônio mundial: fundamentos para seu reconhecimento – A Convenção sobre Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, de 1972: para saber o essencial.** \_\_ Brasília, DF: Iphan, 2008. Disponível em portal: [https://www.gov.br/iphan/pt-br/uploads/ckfinder/arquivos/Cartilha\\_do\\_patrimonio\\_mundial.pdf](https://www.gov.br/iphan/pt-br/uploads/ckfinder/arquivos/Cartilha_do_patrimonio_mundial.pdf). Acesso em 22.abr.2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN), **Educação Patrimonial: Inventários Participativos. Manual de Aplicação.** Brasília: Iphan, 2016. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/manual\\_inrc\\_2000.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/manual_inrc_2000.pdf). Acesso em 27.ago.2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL NO BRASIL.** 2000. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

JAYO, Martin; VARGAS, Diego Vasconcellos. **A memória das cidades na sociedade digital: reflexões para São Paulo e o exemplo de “Quando a cidade era mais gentil”.** Confins- Revue Franco -Brésiliense de Géographie, Paris, v.39, 2019.Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/18551>. Acesso em 12.mai.2021.

JAYO, Martin. **Um flâneur anônimo em São Paulo: Olhar dissidente sobre a metrópole do Quarto Centenário** Martin Jayo1. Universidade de São Paulo, Brasil.2022.

KIMIE DA SILVA NITO, M.; SCIFONI, S. Ativismo urbano e patrimônio cultural. **arq.urb**, [S. l.], n. 23, p. 82–94, 2019. Disponível em: <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/40>. Acesso em: 27 ago. 2021.

LEONIDIO, Otavio. Guy Debord e Robert Smithson. Espaço, tempo e história. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 176.00, Vitruvius, jan. 2015. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.176/5458>>.

LUPIA, M. de O. Mooca: Memória e Identidade. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 108–122, 2017. Disponível em: <http://seer.unirio.br/morpheus/article/view/6072>. Acesso em: 21 nov. 2021.

MAGALHÃES. Luís Felipe Aires, Bógus Lúcia Maria Machado e Baeninger, Rosana. Migrantes haitianos e bolivianos na cidade de São Paulo: transformações econômicas e territorialidades migrantes. REMHU, **Rev. Interdiscip.** Mobil. Hum., Brasília, v. 26, n. 52, abr. 2018, p. 75-94.

MAGNANI, J. G. C. Antropologia Urbana: desafios e perspectivas. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 59, n. 3, p. 174-203, 2016. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2016.124814. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/124814>. Acesso em: 27 ago. 2021.

MAGNANI, J.G.C De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. (2002). Disponível em: [https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/de\\_perto\\_de\\_dentro\\_0.pdf](https://nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/de_perto_de_dentro_0.pdf). Acesso em 01.jun.2022.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (Brasil). **Relatório Anual** (OBMIGRA) Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/Resumo%20Executivo%20Relat%C3%B3rio%20Anual.pdf>. Acesso em 12.dez.2021.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (Brasil). **Relatório Anual** (OBMIGRA). Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/observatorio>. Acesso em: 07 ago. 2022.

MIRANDA, Rosana Helena. **Mooca: lugar de fazer casa**. 2002. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. doi:10.11606/T.16.2002.tde-17052013-110205. Acesso em: 2020-08-05.

MUSEU DA PESSOA (ACERVO). Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/zonacerealista.pdf>. Acesso em 09.jun.22.

NITO, Mariana Kimie da Silva; SCIFONI, Simone. Ativismo urbano e patrimônio cultural. **Arquitetura e Urbanismo**: Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, v. 23, p. 82-94, dez. 205. Disponível em: [Ativismo urbano e patrimônio cultural - arq. urbhttps://revistaarquib.com.br](http://www.revistaarquib.com.br). Acesso em: 07 ago. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v.10, p.7-28,1993.

O Estado de São Paulo. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19751211-30895-nac-0110-999-110-not>. Acesso em 15.abr.2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO (Brasil). **Convenções**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/es/culture/>. Acesso em 22.abr.2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA - UNESCO (Brasil). **Convenções**. Disponível em <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em 22.abr.2021.

PATRIMÔNIO E IDENTIDADE: Retórica e Desafios nos Processos de Ativação patrimonial. **Rev. CPC**, v.13, n.25, p.7–33, jan./set. 2018.

PÉREZ, XERARDO PEREIRO. Turismo Cultural: Uma visão antropológica. *ACA. y Pasos. Revista de Turismo Y Patrimônio Cultural*, V.2009.

PLANTA DA CIDADE. 1980 (Brasil). **ArquiAmigos – Associação Amigos do Arquivo Histórico Municipal**. 2021. Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/i-1890.htm.a>. Acesso em: 20 nov. 2021.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p.3-5, 1989.

PORTAL DA MOOCA (SP). Sobrados da Rua Jaguará. Disponível em: [http://www.portaldamooca.com.br/v\\_operaria1.htm](http://www.portaldamooca.com.br/v_operaria1.htm). Acesso em 15.fev.2022.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. (CEINFO). 2015. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/epidemiologia\\_e\\_informacao/index.php?p=258529](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/epidemiologia_e_informacao/index.php?p=258529). Acesso em: 07 ago. 2022.

PREFEITURA DE SÃO PAULO (São Paulo). Zonas Especiais de Preservação. (ZEPECS). 2014. Disponível em: <https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/zona-especial-de-preservacao-cultural-zepec/>. Acesso em: 07 ago. 2014/2022.

ROMERO, Rubens Ramon (Relato). Disponível em: (<https://saopaulominhacidade.com.br/historia/ver/1963/Mais%2BRua%2BVisconde%2Bde%2BParnaiba>). Acesso em 29.abr.2022.

RIBEIRO, Suzana Barreto. **Italianos do Brás: Imagens e Memórias**. 1994. Dissertação (Mestrado em Multimeios do Instituto de Artes) UNICAMP, São Paulo, 1994. Disponível: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.1994.74897>. Consulta em 16.nov.2021.

RIBEIRO, Vanessa Costa. **Várzea do Carmo a Parque Dom Pedro II: de atributo natural e artefato - Décadas de 1890 a 1950**. 2012. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/D.8.2012.tde-14092012-102923. Disponível: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14092012-102923/pt-br.php>. Acesso em: 2019-10-08.

RODRIGUEZ, Maria Elizabet Paez. **Radial Leste, Brás e Mooca: diretrizes para requalificação urbana**. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-03052007-124202/ptbr.php>. Acesso em: 07. out.2019.

ROLNIK, Raquel. **A Cidade e a Lei: legislação política e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Livros Studio Nobel - Fapesp, 1997. Cap 2. p.p59-100. Disponível: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5642551/mod\\_resource/content/1/ROLNIK-Raquel\\_A%20Cidade%20e%20a%20Lei\\_cap-2.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5642551/mod_resource/content/1/ROLNIK-Raquel_A%20Cidade%20e%20a%20Lei_cap-2.pdf). Acesso em 25.ago.2021.

RUFINONI, M. R. O REGISTRO E A DOCUMENTAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NO BRÁS E NA MOOCA. **Revista CPC**, [S. l.], n. esp21, p. 219-243, 2016. DOI: 10.11606/issn.1980-4466.v0iesp21p219-243. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/111991>. Acesso em: 16 nov. 2021.

SÃO PAULO ANTIGA (Instituto). Disponível: <https://saopauloantiga.com.br/sobre/>. Acesso em 12.mai.2021.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal da Saúde. Coordenação de Epidemiologia e Informação | CEInfo. Aguiar B S, Neves H, Lira M T A M. Alguns aspectos da saúde de imigrantes e refugiados recentes no município de São Paulo. **Boletim CEInfo Análise | Ano X, nº 13, dez.2015**. São Paulo: Secretaria Municipal da Saúde, 2015. 49 p. Acesso em: 12.dez.2021.

SALES PEREIRA, Verônica. Memória social, imigração italiana e gentrificação no bairro da Mooca. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**,

[S.l.], v. 58, abr. 2017. ISSN 2176-2767. Disponível em:  
<<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/30953/22549>>. Acesso em: 05 ago. 2020. doi:  
<https://doi.org/10.23925/2176-2767.2017v58p148-181>.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1915/4ªed.**São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. **História dos bairros de São Paulo: o bairro do Brás.** 2. ed. São Paulo: Prefeitura. Departamento de Cultura da Secretaria da Educação e Cultura, 1985. 250 p. (I).

VARGAS, Diego Vasconcellos. **Memória e silenciamento nos Arcos do Bixiga.** 2019. Dissertação (Mestrado em Análise de Políticas Públicas) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.100.2019.tde-02052019-113844. Acesso em: 2021-12-08.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. Cortiços no Brás: velhas e novas formas da habitação popular na São Paulo industrial. In: ANÁLISE SOCIAL, 127., 1994, São Paulo. **Velhas e novas formas da habitação popular na São Paulo industrial.** São Paulo: \*Departamento de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994. v. 29, p. 599-629. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/>. Acesso em: 07 ago. 2022

VITORINO, Bruno Bonesso. **Patrimônio ameaçado: os grupos residenciais construídos até 1930 no Brás, Mooca e Belém.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Orientadora; CAMARGO, Profa. Dra. Mônica Junqueira, 2008.

ZANIRATO, S. H. Patrimônio e identidade. **Revista CPC**, 13(25), 7-33.  
<https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v13i25p7-33>. 2018.